

MARIA DE LOURDES NOGUEIRA BRITO

**A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA NO ENSINO MÉDIO:
ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO
CAP/COLUNI, EM VIÇOSA – MG**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2012

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

T

B862r
2012
MG

Brito, Maria de Lourdes Nogueira, 1968-

A representação da literatura no ensino médio : estudo de caso no Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, em Viçosa- / Maria de Lourdes Nogueira Brito. – Viçosa, MG, 2012. xiii, 123f. : il. (algumas col.) ; 29cm.

Inclui apêndice.

Orientador: Elisa Cristina Lopes.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 117-121

1. Literatura (Ensino médio). 2. Representações sociais.
3. Estudantes do ensino médio. I. Universidade Federal de Viçosa. II. Título.

CDD 22. ed. 372.64

MARIA DE LOURDES NOGUEIRA BRITO

**A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA NO ENSINO MÉDIO:
ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO
CAP/COLUNI, EM VIÇOSA – MG**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 14 de maio de 2012.

Rodrigo Alves dos Santos

Gerson Luiz Roani

Sirlei Santos Dudalski
(Presidente da Banca)

A Literatura é um lugar em qualquer sociedade onde, dentro da privacidade de nossas próprias cabeças, conseguimos ouvir vozes falando sobre tudo e de todo modo possível.
(Salman Rushdie)

Aos meus pais, Lourdes e Antônio Nogueira, e ao meu marido, Marcos Brito,
com amor e gratidão incondicionais.

AGRADECIMENTOS

A Deus, criador, pai e mestre dos mestres, fonte inesgotável de sabedoria e misericórdia, que deu-me força incessante para jamais desistir dos meus objetivos.

À Universidade Federal de Viçosa, pela excelência no ensino e pela competência de seus profissionais.

À Prof^a. Dra. Elisa Cristina Lopes, pela orientação séria e comprometida, pelos aconselhamentos e por ter apoiado todas as minhas decisões ao longo do mestrado.

À Prof^a. Dra. Sirlei Santos Dudalski, por aceitar ser presidente da Banca Avaliadora de minha dissertação e pelo seu profissionalismo.

Ao Prof. Dr. Gerson Luiz Roani, pelas valiosas sugestões na realização desta pesquisa, e pelo seu comprometimento na coordenação do mestrado em Letras.

Ao Prof. Dr. Rodrigo Alves, por fazer parte da minha banca e por dar valiosas contribuições ao desenvolvimento deste trabalho.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Letras, que contribuíram para a minha formação.

À secretária Adriana, pela incondicional disposição em ajudar e por sua inquestionável competência.

Aos meus colegas do Programa de Pós-Graduação em Letras, pelas empolgadas e proveitosas discussões ao longo do curso, em especial à minha amiga Rose, ao Juan e ao João Felipe.

Aos meus pais, Lourdes e Antônio Nogueira, pelo apoio irrestrito ao longo da minha vida, não medindo esforços para que eu chegasse até aqui.

Aos meus irmãos e sobrinhos, em especial, à Juliana e à Mayara, por conviverem comigo durante muito tempo.

Em especial, ao meu marido, por compreender-me nos momentos mais críticos, cedendo um pouco do nosso tempo de lazer e prazer.

A todos aqueles que contribuíram direta e indiretamente para a minha titulação.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	vii
LISTA DE GRÁFICOS.....	ix
RESUMO.....	x
ABSTRACT.....	xii
INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Considerações iniciais.....	1
1.2 O problema e sua importância.....	11
1.3 Hipótese.....	14
1.4 Objetivos.....	14
1.4.1 Objetivo geral.....	14
1.4.2 Objetivos específicos.....	14
1.5 Justificativa.....	15
2 METODOLOGIA.....	18
2.1 Área de estudo.....	18
2.2 Metodologia utilizada: estatística descritiva.....	18
2.3. Método de pesquisa e natureza dos dados.....	19
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	21
3.1. A representação social da Literatura.....	21
3.2. Aspectos conceituais da Literatura.....	27
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA PARA OS ALUNOS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO CAP/COLUNI.....	50
4.1 Caracterização do <i>corpus</i>	50
4.1.1 Gênero.....	50

4.1.2 Idade.....	51
4.1.3 Tipo de escola onde estudou antes de ingressar no Colégio de Aplicação CAP/COLUNI.....	52
4.1.4. Cidade de origem dos estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI.....	54
4.1.5 Escolaridade dos pais.....	54
4.1.6 Renda familiar.....	56
4.2 A representação da Literatura: respostas dos alunos do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI.....	58
4.2.1 Para você, o que é Literatura?.....	59
4.2.2 Qual é a função da Literatura?.....	62
4.2.3 A partir de que instante você teve contato com textos literários?.....	65
4.2.4 Quantas obras literárias você leu neste semestre?.....	66
4.2.5 Você gosta de Literatura?.....	69
4.3 Análise e discussão dos dados apresentados.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	117
APÊNDICE.....	122

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Sexo dos estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011.....	51
Tabela 2 – Idade dos estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011.....	52
Tabela 3 – Tipo de escola que estudou antes de ingressar no Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011.....	53
Tabela 4 – Escola onde estudou antes de ingressar no Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011.....	53
Tabela 5 – Cidade de origem dos estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011.....	54
Tabela 6 – Escolaridade dos pais dos estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011.....	55
Tabela 7 – Renda familiar dos estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011.....	57
Tabela 8 – Definição de Literatura de acordo com os estudantes do primeiro ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011.....	60
Tabela 9 – Definição de Literatura de acordo com os estudantes do segundo ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011.....	61
Tabela 10 – Definição de Literatura de acordo com os estudantes do terceiro ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011.....	62
Tabela 11 – Função da Literatura para os estudantes do primeiro ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011.....	63
Tabela 12 – Função da Literatura para os estudantes do segundo ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011.....	64
Tabela 13 – Função da Literatura para os estudantes do terceiro ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011.....	64
Tabela 14 – Contato que os estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG – tiveram com a Literatura, 2011.....	66
Tabela 15 – Número de obras literárias lidas pelos estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011.....	67
Tabela 16 – Opinião dos estudantes do primeiro ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG – sobre o gosto pela Literatura, 2011.....	70
Tabela 17 – Opinião dos estudantes do segundo ano do Colégio de	

Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG – sobre o gosto pela Literatura, 2011.....	71
Tabela 18 – Opinião dos estudantes do terceiro ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG – sobre o gosto pela Literatura, 2011.....	72

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Obras literárias lidas pelos estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, segundo o sexo – Viçosa – MG, 2011.....	68
Gráfico 2 - Obras literárias lidas pelos estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, segundo o nível de escolaridade dos pais – Viçosa – MG, 2011.....	69

RESUMO

BRITO, Maria de Lourdes Nogueira, M.Sc. Universidade Federal de Viçosa, maio de 2012. **A representação da Literatura no Ensino Médio: estudo de caso no Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, em Viçosa – MG.** Orientadora: Elisa Cristina Lopes.

O interesse pelo tema surgiu da necessidade de conhecer, discutir e tentar significar a representação e a função da Literatura dentro do espaço escolar. Nesse sentido, esta pesquisa, que teve como objetivo verificar a representação e a função que a Literatura assume no Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, na Universidade Federal de Viçosa – MG, colocou em cena a voz de alunos que estão inseridos no contexto da cultura de massa e vivem os atrativos da tecnologia. Essas características, muitas vezes, têm sido vistas como as causas da falta de contato dos jovens com o texto literário e o desinteresse deles pela leitura. No entanto, a pesquisa mostrou que os alunos expressam suas opiniões sobre a representação da Literatura de diversas formas, baseadas em suas vivências, confirmando ser a escola o principal espaço social de contato com a Literatura. Assim, as representações que os alunos têm sobre a Literatura podem parecer grosseiras e agressivas e, quando lidas pela primeira vez, podem causar aversão para quem ama e convive com algo tão valioso como a Literatura. Mas está exatamente nesse desconforto a sinalização mais importante, pois permite aos professores reflexões acerca de um pensamento ingênuo de que todos amam a Literatura e de que ela, por si só, já basta. Considerando-se essa problemática, pensamos que a pesquisa atingiu seu objetivo, pois as falas dos alunos são balizadoras para avaliarmos as nossas práticas pedagógicas que ainda vislumbram um leitor ideal, aos moldes de contextos antigos. Servindo do aporte teórico fundamentado na Estética da Recepção, a pesquisa levou em conta a figura do aluno/leitor que necessita ser o foco de atenção para reforçar a formação e construção do sujeito leitor. Analiticamente, utilizou-se a estatística descritiva como ferramenta para sintetizar os dados compilados dos estudantes. Para tanto, foi

realizado um censo na instituição de ensino supracitada. Assim, verificamos que ainda há muitas definições comuns que, ao longo do tempo, são recorrentes quando se trata de Literatura. Posto isto, podemos inferir, nesta pesquisa, que não são somente as teorias científicas, ou seja, as teorias discutidas principalmente na academia que forjam e auxiliam na definição ou na busca de definição do que seja Literatura. Os alunos do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI formularam seus conceitos de acordo com sua vivência e o repertório disponibilizado para eles. O que se depreende deste estudo é que as representações que os alunos têm sobre a Literatura são significações construídas e reconstruídas, por meio da linguagem, como resultado de sua participação nas atividades sociais as quais pertencem.

ABSTRACT

BRITO, Maria de Lourdes Nogueira, M.Sc. Universidade Federal de Viçosa, may of 2012. **The representation of literature in high school: a case study in the Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, in Viçosa – MG.** Adviser: Elisa Cristina Lopes.

Interest in the subject arose from the need to know, discuss and try to mean the representation and literature function within the school environment. Thus, this research aimed to verify the representation and the role that literature plays in the Colégio de Aplicação CAP/COLUNI at the Universidade Federal Viçosa - MG, put into play the voice of students who are placed in the context of popular culture and the technology attractive. These features often have been seen as the causes of lack of contact with the young literary text and the same lack of interest in reading. However, research has shown that students express their opinions on the representation of the literature in several ways, based on their experiences, confirming that school is the main social space of contact with literature. Thus, the representations that students have about literature may seem rude and aggressive and, when read the first time, can cause an aversion to anyone who loves and lives with something as valuable as it is literature. But this discomfort is exactly the signal most important because it allows teachers reflections on a naive and thought that everyone loves literature, the literature for itself, is enough. Considering this problem, we think that the research has reached its goal, because the statements of the foundation marks students are to evaluate our teaching practices that still envision an ideal reader, the mold of old settings. Serving in the theoretical approach based on the Aesthetics of Reception, the research took into account the figure of the student/player that needs to be the focus of attention to strengthen the training and construction of the individual reader. Analytically, we used descriptive statistics as a tool to synthesize the data collected from students. Therefore, we conducted a census in the educational institution mentioned above. Thus, we find that there are still many common definitions, which over time is recurrent when it comes to literature. Thus, we can infer that this research are not only scientific theories,

or theories discussed mainly in academy that shape and assist in setting or in search of definition of what constitutes literature. Students in the Colégio de Aplicação CAP/COLUNI formulated his concepts according to their experience and repertoire available to them. What appears from this study is that the representations that students have about literature, meanings are constructed and reconstructed through language, as a result of their participation in social activities to which they belong.

INTRODUÇÃO

1.1 Considerações iniciais

"A literatura deve ser realmente o lugar onde podem surgir novas ideias que repensem o mundo".

(Salman Rushdie)

O processo histórico no qual o termo Literatura está submetido é contínuo e não linear. Seu percurso está repleto de avanços, resultando em grandes mudanças ao longo de sua história. Entre os séculos XVIII e XIX, com a ascensão da classe burguesa, ocorreram importantes transformações na Literatura, ou seja, uma democratização do seu conhecimento. O que antes estivera confinado aos mosteiros, conventos, cortes, enfim, à elite, é agora disseminado para as classes menos favorecidas.

A Literatura, segundo os teóricos, é uma expressão social que implica na atividade de construção de conhecimento de interação do homem com o universo e consigo mesmo. Sendo social, a Literatura liga-se aos valores ideológicos vigentes, utilizados pelos autores em seus temas, causando impacto quando se comunicam com seus públicos. Ela expressa o conhecimento do mundo, mediante sua linguagem carregada de significados. A linguagem da Literatura é reconhecida como catártica, supondo um receptor, sem o qual o processo estético não atinge seu fim.

Constituindo uma expressão social, a Literatura é uma modalidade representativa de um universo de opiniões próprias de uma cultura, uma classe social ou um grupo, relativas aos objetos do ambiente social no qual estão inseridos. Nesse contexto, como amante da Literatura, procuro compreender a representação e a função da Literatura para uma determinada comunidade interpretativa. As representações sociais possuem as funções de convencionalizar e prescrever os objetos, as pessoas, ou acontecimentos, dando-lhes formas definitivas, localizando-os em uma determinada categoria e gradualmente colocando-as como um modelo partilhado por um grupo de pessoas.

Nessa proposta, retomo a minha história, revelo quem eu sou e o lugar onde me encontro para dar a conhecer, em particular ao professor de Português, as percepções dos jovens sobre a Literatura e o trabalho com a leitura literária, permitindo o redirecionamento das nossas práticas docentes.

Sou cearense, professora universitária, com especialização em Língua Inglesa e Literaturas (Portuguesa, Brasileira, Inglesa e Americana) e amo Literatura. Nas modestas leituras realizadas durante minha vida, algumas, sem dúvida, foram muito importantes e essenciais para meu aprendizado, pois serviram de base, ensinamentos e reflexões pelas quais sou sinceramente grata a Deus, ao meu pai e à minha irmã, já que eles me proporcionaram o prazer de ler. Não saberia explicar, nem tampouco descrever o encanto que uma boa leitura me traz. É simplesmente indescritível.

No âmbito da Literatura, interessei-me especialmente pela leitura literária, que ainda permanece em minhas lembranças. Da Literatura infantil, lembro-me, por exemplo, da Branca de Neve, da Cinderela, da Chapeuzinho Vermelho, dos Três Porquinhos, dentre outras histórias. Já na adolescência, recordo-me de ter lido, mesmo sem entender em profundidade, mas captando sua essência, as obras de Machado de Assis, José de Alencar, Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade, Eça de Queirós, Graciliano Ramos, dentre outros.

Na sala de aula, cada vez mais próxima do meu objeto de desejo, a Literatura, procurei aproximar meus alunos do texto literário, dialogando e, na medida do possível, observando o perfil de cada um. No entanto, os resultados nem sempre foram satisfatórios, porém serviram para que eu entendesse que nem todos amam Literatura e a veem como algo útil para suas vidas, e isso deve ser respeitado.

No ano de 2010, tive o privilégio de ser aprovada no curso de mestrado em Letras na Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, onde tive o prazer de aperfeiçoar meus conhecimentos e compreender, embora cada vez mais apaixonada pela Literatura, que é ingênuo pensar que todos a amam e que ela, por si só, já basta. Pude compreender, inclusive, que é por demais simplista querer impor a todos a ideia de que Literatura é a melhor coisa do mundo. Assim, para esta pesquisa atentei-me à questão de que nem todos

compartilham dessa visão, porém aqueles que escolhem a linguagem literária como objeto de estudo e de ensino devem encarar as suas complexidades e fugir das classificações simplistas e idealizadas.

Acreditando na Literatura e no papel social que ela desempenha, Yunes e Pondé (1988) argumentam que um dos papéis da arte na vida social, hoje, “[...] é a formação de um novo homem, uma nova sociedade, uma nova realidade histórica, uma nova visão do mundo”. A obra de arte é, então, “[...] um objeto social e de interação; para que ela seja um veículo de comunicação humana é preciso que alguém escreva e um outro a leia” (YUNES; PONDÉ, 1988, p.38).

Cândido (2000) comenta que a Literatura desempenha o papel de instituição social, pois utiliza a linguagem como meio específico de comunicação, sendo esta uma criação social. Observa-se, também, que o conteúdo social das obras em si próprias e o impacto que elas podem exercer no receptor devem fazer da Literatura um instrumento de conscientização social.

Pode-se pensar, então, que a função social da Literatura é ajudar o homem a compreender o mundo e, desse modo, emancipar-se dos dogmas que a sociedade lhe impõe. Isso é possível pela reflexão crítica e pelo questionamento proporcionado pela leitura literária. Contudo, se é possível a transformação humana e, conseqüentemente, a social, a sociedade terá que se empenhar na formação do homem para atingir esse objetivo.

A Literatura é uma obra de arte e, como tal, deve ser estudada como um objeto estético, possibilitando a vivência estética da obra, a percepção e a leitura criadora do texto, ou seja, abrindo espaço para uma atitude estética autônoma, flexível e não obrigatória. A Literatura, através da sua linguagem simbólica, apresenta, por meio de imagens alegóricas, a explicação do real, a sublimação das emoções não realizadas na vida cotidiana, permitindo ao leitor projetar orientações imagéticas para o futuro.

Do ponto de vista histórico, na Idade Média, a Literatura estava relacionada ao ideal de “revelar o divino”, ou seja, a concepção de beleza estava centrada em Deus. Contudo, no Renascimento, esse quadro começa a mudar, seu foco passa a ser o ideal de perfeição humana que era, ao mesmo

tempo, estético, moral e espiritual. Já na modernidade, com a ascensão da burguesia e com as ideologias do Romantismo, a Literatura passou a incluir a destinação de gosto, beleza e de sensibilidade, valorizando a subjetividade humana.

As ideias de gosto, de beleza e de sensibilidade defendidas pelo argumento estético da Literatura, foram, sem dúvida, o resultado das atividades de setores dominantes burgueses. Estas ideias passaram ao domínio da crítica e se transformaram em uma nova disciplina, praticada cada vez mais nos ambientes relacionados às academias e às universidades.

Em oposição aos textos de caráter objetivo e aos textos científicos, o conceito de Literatura foi associado às obras “criativas” ou “imaginativas”. Assim, para ser Literatura, não bastava que o texto fosse escrito segundo o gosto burguês vigente, o que poderia incluir um texto de história ou de ciências, mas este texto deveria ser, de algum modo, a expressão da criatividade humana (AGUIAR E SILVA, 1988).

De acordo com Bonnici e Zolin (2009), tal associação do termo Literatura corresponderia à exigência do desenvolvimento das ciências indutiva e experimental e do desenvolvimento de novas técnicas na sociedade capitalista industrial. Este desenvolvimento torna mais evidente a diferença entre os valores de moral ou de ciência e os valores artísticos e estéticos, condicionando a separação entre os textos de caráter “imaginativo” e os textos de caráter “científico”.

Como se observa, o termo Literatura passou por um complexo processo de especialização, partindo de obras impressas que forneciam a seus leitores um atributo de possuidores de Literatura, sinônimo de “alta cultura”, passando a textos de “gosto” e “sensibilidade” e, posteriormente, a textos de caráter “imaginativo” ou “criativo”. Ao chegar a esse nível de especialização, o problema central, em termos de conceituação da Literatura, passa a ser como valorizar os textos a partir desses critérios, ou seja, dando mais importância à sua dimensão imaginativa ou estética.

A partir da segunda metade do século XVIII e início do século XX, as tentativas de definição da Literatura ganham novos padrões, pois busca-se defini-la como objeto concreto observável. Surgem, nesse momento, propostas

de definição da Literatura como conjunto de textos portadores de características que corresponderiam à sua literariedade, ou seja, os textos literários teriam certas características estruturais ou textuais muito peculiares, que os tornariam diferentes dos demais textos, considerados, portanto, não-literários (AGUIAR E SILVA, 1988).

Estas propostas trazem a discussão sobre o que é Literatura para um campo mais objetivo, utilizando métodos que se distanciavam da subjetividade. A concepção objetiva de Literatura foi difundida nos estudos literários das primeiras décadas do século XX, por meio do Formalismo Russo, do *New Criticism* e da Estilística.

Entretanto, não tardaram reações a essa visão objetiva ou essencialista da Literatura. Muitos autores começaram a questionar se, efetivamente, o que caracterizava a Literatura eram as “propriedades internas” dos textos.

A preocupação com o estatuto do leitor e com as formas de circulação dos textos aparece na Sociologia da Literatura, segundo a qual o caráter literário define-se basicamente por meio da recepção das relações estabelecidas entre autor/texto e o seu público e todos os meios de transmissão que os ligam. Para Escarpit (1969, p. 9), “[...] todo facto literário pressupõe escritores, livros e leitores ou, de maneira geral, criadores, obras e um público”.

Além da Sociologia da Literatura, os estudos da Estética da Recepção dão início a um novo ciclo de estudos literários, sugerindo outros caminhos para a teoria e a história da Literatura. O público passa a ser considerado fator fundamental nas propostas de Jauss (1994), ou seja,

[...] a história da Literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico que sobre elas reflete (JAUSS, 1994, p. 25).

As ideias de Jauss (1994) apresentam como principal anteparo a noção de que o significado de uma obra literária não pode ser apreendido pelo texto em si. Em linhas gerais, é preciso, segundo o autor, considerar a recepção ao texto literário e a vida que sucessivas gerações, diferentes camadas sociais e

inumeráveis leitores emprestam à obra literária, pois a Literatura é, antes, como “[...] uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual” (JAUSS, 1994, p. 25).

A partir da década de 60 do século XX, começam várias discussões, cujos argumentos centrais podem ser encontrados nas relações entre a Literatura e seus leitores. Dessa forma, a discussão sobre o que é Literatura desloca-se da esfera do texto e de suas “propriedades peculiares”, bem como de seu aspecto sociológico, e passa para a esfera do leitor, uma vez que o texto só existiria a partir do ato de leitura e o seu significado só emergiria por meio de um ato interpretativo (BONNICI; ZOLIN, 2009).

Nessa perspectiva, com o foco no leitor, Chartier (1997) propõe uma abordagem da Literatura que leva em conta a figura do leitor. Para este autor, a Literatura não teria uma natureza característica, própria, mas seria uma construção de sentidos propostos para certos textos. Nas suas palavras, “[...] uma história da Literatura é, então, uma história das diferentes modalidades de apropriação dos textos” (CHARTIER, 1997, p.68). Além da leitura, é relevante para o autor a historicização do literário, ou seja, a verificação de como acontecem as variações, no tempo e espaço, entre o que é considerado literário ou não.

Também merece destaque Iser (1979), que enfatiza a aproximação de texto e leitor, pois segundo ele, a leitura consiste de lacunas e pontos de indeterminação que estão intrinsecamente relacionados à natureza subjetiva, dialógica e dialética do texto literário, cabendo ao leitor total autonomia textual.

Segundo Iser (1979),

o texto é um sistema de tais combinações e assim deve haver também um lugar dentro do sistema para aquele a quem cabe realizar a combinação. Este lugar é dado pelos vazios no texto, que assim se oferecem para a ocupação do leitor (ISER, 1979, p.91).

O preenchimento do texto, relatado pelo autor, está relacionado ao leitor implícito e ao explícito, sendo que o leitor implícito possui um horizonte implícito de expectativas, pois o texto está estruturado e sistematizado pelo autor. Desse modo, o texto é apresentado como uma *construção ideal*, no que tange ao preenchimento dos vazios e dos pontos de indeterminação, para a

efetiva formação do sentido precípua do texto literário. Por outro lado, o leitor explícito realiza suas leituras levando em consideração as expectativas e experiências originadas na sua vivência que, durante o seu diálogo (leitura) com o texto literário, aciona os seus conhecimentos textuais e linguísticos, tendo como base a sua experiência estética acumulada e proveniente de todas as leituras anteriormente empreendidas.

No Brasil, a noção de sistema literário, criada por Cândido (1981), representa uma abordagem análoga à de Chartier (1997), na qual o literário está relacionado aos leitores e a natureza do literário é resgatada para a própria caracterização da Literatura enquanto manifestação cultural.

Campos (1989), apoiado em Hans Robert Jauss, defende uma história constelar da Literatura, que não seja o mero relato das inclusões feitas pelo cânone, mas a discussão crítica dos processos de inclusão e de exclusão. “Uma história onde relevem os momentos de ruptura e transgressão e que entenda a tradição não de um modo ‘essencialista’, mas como uma dialética da pergunta e da resposta” (CAMPOS, 1989, p.63), ou seja, a história da Literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor, do escritor e do crítico que sobre ela reflete.

Contudo, essa aproximação entre texto literário e leitor é um desafio, pois, com o advento da cultura de massas e seus benefícios (ou pseudo-benefícios), a Literatura está passando por uma crise ocasionada, de um lado, por estratégias de ensino inadequadas e, de outro, pelo processo de massificação cultural. Para este autor, o prazer ou terror da *desmaterialização* da Literatura pela imagem visual vem passando por uma mudança, em que um capítulo de um livro se transforma em uma cena de cinco minutos, ou seja, a transparência nega a mediação, a substituição dos efeitos poéticos do significado e do significante pelos efeitos imediatos e especiais é fornecida pela mídia, em função do interesse popular no imediato, no sintético, no simplificado e traduzido. Este processo de condensação acaba valorizando o enredo em detrimento da poética, o que destitui o texto de sua função literária (BOSI, 2002).

Com o advento da globalização e a produção industrial, criando uma economia baseada no imediatismo, na publicidade frenética de objetos e imagens, em que as informações são veiculadas como mercadorias, passa a ser um desafio conceituar e definir o que é Literatura. Além disso, se a Literatura se faz a partir da interação texto/leitor, manter os jovens interessados na leitura de livros literários é crucial para a renovação e valorização dessa expressão humana. Lembramos aqui do pensamento de Pound (1970), que tinha uma grande confiança na força intrínseca das obras literárias e acreditava que elas resistiriam aos contextos os mais desfavoráveis possíveis. Embora as escolas, universidades ou bibliotecas deixassem de existir, mesmo assim, a Literatura não iria desaparecer, pois algum leitor encontraria uma forma de revitalizá-la.

De acordo com a ideia de Literatura, tal como foi concebida no século XVIII à modernidade, dois grandes críticos do século XX merecem destaque. De um lado, Sartre (1948, *apud* Perrone-Moisés, 1998) argumenta que nada garante que a Literatura seja imortal, pois a arte de escrever está desprotegida. De outro lado, em tempos pós-modernos, Barthes (2007) afirma que é preciso teimar e afirmar o caráter irreduzível da Literatura.

Trazendo a questão para a relação entre Literatura e escola, Todorov (2009) aponta que o ensino da Literatura está em perigo. Para ele, o problema está na forma como a Literatura tem sido oferecida aos jovens, desde a escola primária até a faculdade, pois o estudante não entra em contato com a Literatura mediante a prática de leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com a crítica, a teoria ou somente por meio dos conhecimentos da história literária, isto é, seu acesso à Literatura é mediado pela forma “disciplinar” e institucional. Assim, a Literatura passa a ser muito mais uma matéria escolar a ser aprendida em sua periodização que um agente de conhecimento sobre o mundo.

Nessa direção, entende-se a função inclusiva da Literatura, no sentido de que ela promove a inclusão do leitor na sociedade. Assim, sua leitura deveria ser prioridade na escola, pois a Literatura, ao transformar a experiência leitora em experiência de vida, promove uma vivência única de inclusão pela arte e prepara para um mundo excludente. Na possibilidade de transformar o

sujeito que lê, a Literatura assume, ainda, a relevante função de favorecer o seu avanço escolar e social. Este é o grande mérito da função *social e emancipadora* da arte.

Dessa forma, a Literatura desempenha uma função constitutiva na sociedade, “[...] concorrendo com outras artes e forças sociais, na emancipação do homem de seus laços naturais, religiosos e sociais” (JAUSS, 1994, p. 57). Segundo Jauss (1994), a dinâmica realiza-se em uma relação dialógica entre a obra e o leitor, porém, esse processo só pode se efetivar se o texto oferecer respostas a questões do leitor, que, por sua vez, estão relacionadas tanto ao contexto social, histórico e cultural da leitura, quanto à subjetividade do indivíduo.

A recepção de um texto literário amplia os horizontes de expectativas e a emancipação do leitor, ou seja, a obra literária amplia a experiência social adquirida pelo leitor dentro de um determinado código vigente. “Finalidade e efeito” é o objetivo esperado pela obra de arte, isto é, que ela libere seu destinatário das percepções usuais e lhe confira uma nova visão da realidade.

Acredita-se que é na experiência da leitura, na interação entre texto e leitor que as potencialidades do texto literário se efetivam e se ampliam. Durante a leitura da Literatura, o leitor pode até pensar que o texto é apenas uma história imaginária, mas nem por isso deve pensar que o escritor está contando mentiras. A certeza de que o mundo da ficção acontece na esfera do imaginário, muitas vezes, pode levar o leitor a crer que os acontecimentos narrados estão distantes de sua vida real. No entanto, a Literatura suscita, mesmo sem a percepção do próprio leitor, fatos de sua vida e o ajuda a refletir sobre eles, vivenciando-os novamente (ECO, 2003).

Assim, uma aula de Literatura deveria ser um momento de aprendizagem sobre a estrutura e o funcionamento dos textos literários, realizado por meio da leitura e análise das obras. Dessa forma, acredita-se que a leitura literária na escola não possibilita apenas a fruição de textos, mas a instrumentalização do leitor para outras leituras. Nessa perspectiva, defendemos aqui a ideia de que o ensino de Literatura tem como objetivo criar e mediar situações de aprendizagem, através da interação do aluno com o

texto, ajudando-o a perceber e ressignificar o seu jeito de interagir com o mundo.

Sabe-se que o avanço tecnológico alterou as relações do homem com a produção de conhecimento e influenciou sobretudo na sua aprendizagem. Levados pelas novas tecnologias e pelos meios de comunicação de massa, os jovens mudaram sua forma de leitura, aumentando o seu desinteresse pelos textos literários, mas trazendo outras formas estéticas de expressão de mundo e definições diferentes do que seja Literatura. Conhecê-las pode nos ajudar a manter vivo o caráter informativo, formativo e sensitivo da linguagem literária. Nesse contexto, o que motivou esta dissertação foi compreender e tentar significar as concepções dos jovens a respeito da Literatura, verificando qual a representação e a função que ela possui para eles, na época atual.

Assim, para avaliar a representação e ressignificação da Literatura, escolheu-se o Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, da Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais. Foi feito um censo nessa instituição de ensino, aplicando-se questionários/entrevistas com os estudantes e, depois, lançou-se mão da estatística descritiva como metodologia para discussão dos resultados.

A escolha do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI para a realização dessa pesquisa deveu-se ao fato de ter sido a melhor escola pública no *ranking* do ENEM cinco vezes, nos últimos seis anos, sendo que apenas em 2007 ficou em segunda colocação (MEC, 2012).

Esta dissertação divide-se em cinco capítulos, distribuídos da seguinte forma: no primeiro capítulo é apresentado o tema, discussão sobre a problemática, os objetivos e a justificativa do trabalho; no segundo, apresenta-se a metodologia da pesquisa; no terceiro, descreve-se a revisão bibliográfica e o referencial teórico, apresentando as ideias dos estudiosos que guiaram as reflexões sobre o conceito de Literatura; no quarto capítulo têm-se as análises e discussões dos dados levantados após a aplicação dos questionários e, finalmente, no último capítulo têm-se as considerações finais, buscando-se relacionar os resultados aos objetivos propostos e à hipótese levantada.

1.2 O problema e sua importância

"O declínio da literatura indica o declínio de uma nação".

(Goethe)

Para o mundo atingir o estágio atual foi preciso trilhar um longo caminho, possível apenas graças ao desenvolvimento da comunicação entre os seres humanos, seja pelos gestos, pela fala, escrita ou leitura. Portanto, a Literatura, em sentido lato, teve papel fundamental na evolução de todos os ramos do conhecimento, principalmente na evolução das civilizações.

Da mesma forma, hoje a Literatura é imprescindível para o crescimento do homem, proporcionando-lhe conhecimentos de tal sorte que possa atuar de forma diferenciada no ambiente em que vive. Portanto, se qualquer profissional deseja ter um lugar de destaque, faz-se necessário ter domínio da leitura e também discernimento para tomar decisões.

Segundo Cândido (2002, p. 85), a Literatura exprime o homem e depois atua na própria formação deste. Nossa personalidade pode sofrer influências das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar. "Dado que a Literatura, como a vida, ensina na medida do possível. Portanto, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta". A compreensão do texto lido depende de cada sujeito, pois, a Literatura "[...] não corrompe nem edifica, mas humaniza em sentido profundo, porque faz viver".

De acordo com Zilberman (1982), alguns povos antigos utilizavam algum tipo de escrita para ajudá-los no seu cotidiano. Contudo, depois de alguns séculos, a escrita foi sendo aprimorada, motivada por razões econômicas e foi aos poucos se expandindo e se generalizando, até ocorrer a fixação da Literatura produzida pelos poetas e pensadores gregos.

Ainda em relação à escrita, esta foi desenvolvida na antiguidade e foi um dos mecanismos de fixação cultural utilizados pela humanidade. Contudo, antes dela a transmissão cultural era feita oralmente, passando de geração a geração. Todavia, tão logo criada, a escrita assumiu um caráter distintivo, conferindo àqueles que dominavam a técnica de escrever um lugar de destaque na sociedade (ZILBERMAN; SILVA, 1995).

Coutinho (1952) argumenta que a Literatura foi inicialmente considerada como ensino de história literária, o foco era a vida dos escritores ou apenas os textos como estudo da linguagem, identificando-se a análise literária com análise sintática, enquanto que o estudo da obra em si mesma era desconsiderado, sendo utilizado apenas para explicar o autor ou a época.

Esse procedimento estava vinculado às premissas estabelecidas pelo positivismo oitocentista e pelas teorias deterministas, que não davam a devida importância à verdadeira história literária, isto é, à descrição da Literatura como arte nos seus gêneros, na sua evolução, nas suas leis.

Na ótica de Kleiman (1956), infelizmente poucos professores ensinam aos seus alunos como construir a interação entre obra e leitor, dando ênfase apenas aos elementos formais do conteúdo informativo, já que o texto lido deve fazer sentido para quem lê, uma vez que a leitura não é um processo passivo, e sim interativo, no qual o leitor interage a todo momento com o texto.

A Literatura, sendo uma expressão artística materializada na palavra, demanda o reconhecimento de seu caráter comunicativo, envolvendo o autor e pressupondo a atividade de um leitor, constituindo um elo dialógico entre o emissor e o receptor. O autor, entidade autônoma que estrutura o texto de modo sistemático, dialoga com o receptor de sua mensagem tanto por meio de marcas textuais explícitas quanto por meio de vazios, lacunas e pontos de indeterminação. O leitor interage com o texto, ativando toda a sua experiência estética, linguística e textual subjacente ao processo da leitura. Daí a importância da aproximação do aluno com as obras literárias.

Tentando entender as concepções dos alunos sobre Literatura e leitura, Cereja (2005), no município de São Paulo - SP e Siqueira (2011), em Viçosa – MG, fizeram uma pesquisa de campo aplicada aos alunos das escolas públicas estaduais. Esses trabalhos serviram como parâmetro para a realização da minha pesquisa.

A pesquisa realizada por Cereja (2005) sobre a prática da leitura, ensino e Literatura no Ensino Médio, no mês de junho de 2002, na cidade de São Paulo, enfatizou vários aspectos sobre o significado da Literatura. Nesta pesquisa ele entrevistou 4 professores e 134 alunos em 4 escolas. Fez uma análise tabular e descritiva de corte transversal, coletando dados qualitativos e

quantitativos. Não obstante ser um recorte da realidade brasileira, acaba representando uma boa fonte de pesquisa.

O autor verificou que a maioria dos alunos costuma ler regularmente revistas e jornais e apenas 13,9% costuma ler romances, contos e crônicas e poesias. As obras literárias lidas são geralmente as que os professores recomendam. Mais da metade respondeu que Literatura é simplesmente disciplina escolar.

No que concerne à utilidade da Literatura, os alunos responderam que ela é útil para aprender as características das obras, dos escritores, dos períodos literários e para aprender a ler textos literários, conhecendo melhor a cultura. Segundo estes alunos, a aula de Literatura se desenvolve com a leitura e interpretação de textos pelo professor que, posteriormente, abre a discussão com a turma, ocasião na qual valoriza as características do período literário e sua interpretação (CEREJA, 2005).

No tocante às entrevistas com os professores, Literatura “[...] é um todo para o homem que vive na sociedade [...]”, “[...] pois tudo que há na história da humanidade é Literatura”. Ou “[...] componente curricular, que permite troca de experiência” ou “[...] é a compreensão do pensamento humano através dos tempos” (CEREJA, 2005, p. 37). Os professores entrevistados acreditam que a Literatura serve para estimular o lado artístico dos alunos, conscientizá-los e apresentar-lhes as obras literárias proporciona subsídio para que eles possam ler outros textos.

Dessa forma, observa-se que, na pesquisa realizada por Cereja (2005), o professor e principalmente o aluno não têm uma ideia bem definida e consolidada acerca do conceito de Literatura e de sua importância para o desenvolvimento cognitivo.

Entretanto, será que esse ponto de vista é compartilhado por alunos de outras instituições de ensino que vivenciam outro contexto social como, por exemplo, o Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, da Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais?

Considerando-se essa problemática, o interesse pelo tema surgiu da necessidade de conhecer, discutir e tentar significar a representação da Literatura na contemporaneidade, mais especificamente no espaço escolar,

tendo em vista que, para a realidade brasileira, o contato com os textos literários ainda é privilégio de poucos. Posto isto, a principal pergunta que norteia a realização desta pesquisa é a seguinte: qual é a representação e a função da Literatura para os estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, da Universidade Federal de Viçosa, em Viçosa - MG?

1.3 Hipótese

Estudantes do Ensino Médio, após anos de escolaridade sistemática, tendo passado mais de oito anos na escola, convivendo com os conhecimentos linguísticos, sejam estruturais ou conceituais, e, provavelmente, lendo textos literários, devem ter construído e/ou formulado conceitos próprios do que seja Literatura. Portanto, na visão destes estudantes, qual é a representação, importância e função da Literatura?

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo geral

Este estudo tem como objetivo verificar a representação e a função que a Literatura assume no Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, para rediscutir e ressignificar as práticas pedagógicas que envolvem esse conteúdo na escola.

1.4.2 Objetivos específicos

- Realizar um levantamento histórico e bibliográfico sobre o conceito de Literatura e a sua configuração nos dias atuais;
- Traçar um estudo comparativo entre teóricos sobre o conceito de Literatura em diferentes épocas;
- Fazer uma análise da representação da Literatura segundo os alunos do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI;

- Verificar a convergência (divergência) da representação da Literatura para alunos do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI em relação aos teóricos analisados.

1.5 Justificativa

"A grande literatura é uma linguagem carregada de sentido até ao mais elevado grau possível".
(Ezra Pound)

A linguagem literária não se limita simplesmente a referir ou reproduzir uma realidade preexistente, mas através da sua natureza simbólica ela possibilita ao leitor dar diversos sentidos ao texto, permitindo o surgimento de múltiplas leituras conforme a sua linguagem altamente polissêmica. Contudo, não é apenas a ambiguidade dos textos literários que permite ao leitor a compreensão dos textos lidos e sim o horizonte cultural do leitor e do contexto histórico-social no qual ele se insere.

Na concepção de Sodré (1976), a Literatura representa o desenvolvimento intelectual de um povo. Ela expressa o grau de ciência e civiliza o que o ser humano possui. A Literatura   a reunião de tudo quanto exprime a imagina o e o raciocínio pela linguagem e pelos escritos.

Na visão de Zilberman (1982), a rela o entre a Literatura e a escola decorre de que ambas compartilham da natureza formativa do indivíduo, isto  , tanto as obras de fic o como as institui es de ensino influenciam, de forma direta ou indireta, a forma o do ser humano. As fantasias e a imagina o existentes nas obras de fic o, em algum momento, irão promover reflexões sobre a realidade.

Conforme Perrone-Moisés (2000), o ensino da Literatura está constantemente ameaçado, contudo   possível que a Literatura não seja uma disciplina como as outras. No entanto, as obras literárias deveriam ser expostas nas salas de aula para que os alunos tivessem mais contato com os textos literários e descobrissem a pluralidade de sentidos que   inerente a esse tipo de discurso. Os professores de Literatura seriam mediadores de leitura.

Cereja (2005) bem observa que até o ensino fundamental o estudante se depara apenas com a leitura, a interpreta o de textos e a morfossintaxe.  

somente no ensino médio que ele tem uma orientação mais sistemática a respeito da Literatura.

Todavia, de acordo com o mesmo autor, o principal problema está na forma pela qual a disciplina é organizada, sendo estritamente conteudista e enciclopédica, enfatizando o enfoque cronológico, além de estar voltada para o discurso didático sobre Literatura, ou seja, uma apropriação passiva do discurso pelo aluno.

A escolha desse tema se deve à necessidade de compreender o significado da Literatura para uma geração atual de jovens e escolhemos para amostragem os alunos do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI da Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais. Verificaremos se a Literatura é vista apenas como instrumento e/ou disciplina da vida escolar ou se é definida também como uma expressão artística que faça parte do cotidiano e do jeito de interagir com o mundo.

De acordo com Chartier (1991), o sentido da leitura depende de várias dimensões como, por exemplo, o tempo e o lugar. Além disso, a significação de um texto depende da forma como é recebido pelo leitor. O autor retrata o aspecto dinâmico da leitura.

Segundo Fish (1980), é o leitor que faz a Literatura, porém não qualquer leitor. É um leitor escolhido por uma comunidade interpretativa, na qual as estratégias interpretativas a respeito do que seja Literatura são de natureza comunitária e não de natureza individual e subjetiva. Na qual as instituições que fazem parte da “*comunidade interpretativa literária*” são os professores universitários, críticos literários, mercado editorial e a escola, com seus professores e alunos. Nesse contexto, acreditamos ser relevante apreender as representações dos alunos do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, haja vista que eles formam uma comunidade de leitores da Literatura.

Assim, este trabalho se justifica porque pretendeu sistematizar a visão dos jovens sobre a Literatura, dar a conhecer, em particular ao professor de Português, suas percepções sobre a Literatura e o trabalho com a leitura literária, permitindo o redirecionamento das práticas docentes, procurando contribuir para a inserção da Literatura na vida do estudante, além de acreditar

na escola como um dos espaços sociais que garanta o acesso à prática de leitura de textos literários. Ao mesmo tempo, a pesquisa tende a ampliar os conceitos de Literatura, na medida em que poderá incluir novos elementos que configuram atualmente estes conceitos.

2 METODOLOGIA

2.1 Área de estudo

Este trabalho foi realizado no Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, da Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais que, segundo o IBGE (2011), tem uma população estimada de 73.362 habitantes. Conforme a Prefeitura Municipal de Viçosa (2011), o município está situado na região da Zona da Mata, entre as Serras da Mantiqueira, do Caparaó e da Piedade. Encontra-se a uma altitude de 649 m. Apresenta clima tropical de altitude, com temperatura média anual de 18,5° de altitude. Limita-se ao norte com os municípios de Teixeiras e Guaraciaba, ao sul com Paula Cândido e Coimbra, a leste com Cajuri e São Miguel do Anta e a oeste com Porto Firme.

O Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, da Universidade Federal de Viçosa, está sediado em Viçosa – MG. Este colégio foi criado em 26 de março de 1965 como Colégio Universitário e, em julho de 1969, começou a ministrar ensino no nível da 3ª série do Ciclo Colegial e teve sua oferta expandida para as três séries do Ensino Médio a partir de 1982. Ele possui somente o Ensino Médio.

A características principal deste colégio, que nos interessa nesta pesquisa, é o seu caráter eclético e a sua qualidade de ensino, isto é, os alunos são oriundos de várias camadas sociais e de diferentes cidades de porte médio, principalmente do interior de Minas Gerais. Além disso, para estudar no Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, os alunos são submetidos a um exame de seleção, o que, conseqüentemente, eleva o nível de educação.

2.2 Metodologia utilizada: estatística descritiva

"Em Literatura, o meio mais seguro de ter razão é estar morto".

(Victor Hugo)

Segundo Crespo (1996), a estatística descritiva trata da coleta, organização e descrição dos dados estatísticos, utilizando medidas de posição (média, moda, mediana, ...), dispersão (amplitude, variância, desvio-padrão, ...)

e frequências (absoluta, relativa, porcentagem, ...), enquanto a estatística inferencial tem a função de analisar e interpretar os dados estatísticos.

A pesquisa sobre os estudantes foi realizada lançando-se mão da estatística descritiva. Dessa forma, foi feita uma disposição tabular e descritiva das variáveis econômicas, sociais e culturais na qual os dados coletados foram de natureza primária, obtidos por meio de entrevistas diretas junto aos estudantes de Literatura do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, em Viçosa – MG.

Ademais, esta pesquisa foi feita utilizando-se um censo, envolvendo os estudantes de Literatura no Colégio supracitado.

2.3. Método de pesquisa e natureza dos dados

Como o próprio nome sugere, a metodologia científica diz respeito ao método utilizado e à ciência que está por trás deste método. Entretanto, a atividade preponderante da metodologia é a pesquisa.

A pesquisa científica pode ser classificada em qualitativa e quantitativa. A pesquisa qualitativa está associada à compreensão dos significados dos eventos sem a necessidade de apoiar-se em informações estatísticas. Por outro lado, a pesquisa quantitativa tem como base as variáveis mensuráveis, ou seja, é de caráter estatístico (ARAÚJO; OLIVEIRA, 1997).

A pesquisa qualitativa adota a fenomenologia como base científica para moldar a compreensão da pesquisa, respondendo a questões dos tipos “o quê?”, “por quê?” e “como?”. Geralmente, a pesquisa qualitativa analisa pequenas amostras não necessariamente representativas da população, procurando entender as coisas, em vez de mensurá-las. A pesquisa qualitativa é considerada essencialmente de campo, porquanto nas Ciências Sociais a maioria dos estudos está relacionada a fenômenos de grupos ou sociedades, razão pela qual o investigador deve atuar onde se desenvolve o objeto de estudo.

De acordo com Gil (1988),

[...] as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em

vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipotéticos para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso (GIL, 1988, p. 38).

Neste trabalho foi utilizada uma metodologia exploratória, de natureza qualitativa, delineada por pesquisa bibliográfica e aplicação de questionários.

A análise da pesquisa foi realizada por meio de entrevistas diretas junto aos estudantes das três séries do Ensino Médio (1^a, 2^a e 3^a) do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, da Universidade Federal de Viçosa– MG. Portanto, fez-se um censo dos 366 alunos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa não segue um referencial teórico específico e único, mas tenta dialogar com vários especialistas e pesquisadores que, ao longo de anos e séculos, estão envolvidos com as reflexões sobre a natureza do discurso literário. As vozes múltiplas e diferentes que escolhemos para compor o arcabouço teórico comprovam mais uma vez a dinamicidade e a heterogeneidade do nosso objeto de estudo, ampliando sempre as nossas discussões e jamais concluindo-as. Assim, o critério de ordenação dos autores que definiu este referencial teórico foi o das ideias, na medida do possível em ordem cronológica.

3.1. A representação social da Literatura

"A Literatura é a expressão da sociedade, assim como a palavra é a expressão do homem."

(Louis Bonald)

Representação é a palavra mais antiga na teoria literária, é a mimese de Aristóteles. Supõe uma visão do real e uma determinada imitação que, mesmo sendo uma transformação, tem o mundo como ponto de partida, algo de preexistente. A Literatura, como expressão artística, é uma forma de representação que visa reorganizar o real por meio da ambiguidade da sua linguagem. Ela não se limita simplesmente a referir ou reproduzir a realidade preexistente, mas tem o poder de criar outras realidades simbólicas e sugerir novos sentidos à existente.

Segundo o dicionário Aurélio (1986), o significado do termo representação é ato ou efeito de representar; reprodução daquilo que se pensa; ser a imagem ou reprodução de; tornar presente; patentear, significar; estar em lugar de; substituir; figurar como símbolo.

Conforme Duval (1999), após Descartes e Kant, a noção de representação é central para toda reflexão sobre a possibilidade e constituição de um certo conhecimento, pois não existe conhecimento que possa ser mobilizado por um indivíduo sem uma atividade de representação.

O mesmo autor salienta que o progresso do conhecimento é acompanhado da criação e do desenvolvimento de sistemas semióticos novos e específicos que coexistem com a língua natural. Ele ressalta que o pensamento científico é inseparável do desenvolvimento de simbolismos específicos para representar os objetos e suas relações. Em sua teoria, este autor trata do funcionamento cognitivo, no qual as representações fazem um intercâmbio comunicativo entre o sujeito e a atividade cognitiva do pensamento, gerando diferentes formas de registro de representação do objeto. Portanto, não é possível estudar os fenômenos associados ao conhecimento sem recorrer à noção de representação, uma vez que o conhecimento só poderá ser mobilizado por meio de uma representação.

No entanto, foi a partir do trabalho de Moscovici (1978) que a palavra representação passou a ser usada com mais destaque na contemporaneidade. O objetivo do autor era explicar como as formas de conhecimento, geradas por um determinado grupo social, são apropriadas e reconstruídas por outros grupos, introduzindo, assim, a noção de representações sociais. Nessa teoria das representações sociais, o termo representação preserva seu significado tradicional, pois continua referindo-se à capacidade humana de organizar e comunicar o seu saber por meio de sistemas simbólicos e imagens mentais. Entretanto, reformulando o conceito de representações coletivas trabalhada por Durkheim (1976), Moscovici (1978, p. 66) define representações sociais como “[...] um universo de opiniões próprias de uma cultura, uma classe social ou um grupo, relativas aos objetos do ambiente social”.

De acordo com este autor, as representações sociais possuem as funções de convencionalizarem e prescreverem os objetos, as pessoas ou acontecimentos, dando-lhes formas definitivas, localizando-os em uma determinada categoria e gradualmente colocando-os como um modelo partilhado por um grupo de pessoas. Nós pensamos por meio de uma linguagem, organizamos nossos pensamentos de acordo com um sistema que está condicionado tanto por nossas representações quanto por nossa cultura.

O autor ainda propõe que as representações sociais podem ser entendidas como um conjunto de conceitos, proposições e explicações originadas na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são

o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais, podendo também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum.

Conforme Moscovici (1978, p. 43), as principais características das representações sociais são a “[...] funcionalidade e o caráter performativo, ou seja, a organização do real”. As representações são “[...] uma modalidade de conhecimento particular” que têm por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos. O estudo das representações sociais, nessa perspectiva, consiste na análise dos processos pelos quais os indivíduos, em interação social, constroem teorias sobre os objetos sociais, tornando-os viáveis à comunicação e à organização dos comportamentos. Assim entendidas, as representações “[...] alimentam-se não só das teorias científicas, mas também dos grandes eixos culturais, das ideologias formalizadas, das experiências e das comunicações cotidianas” (MOSCOVICI, 1978, p. 43).

Conforme Jodelet (1986), a representação social utilizada por Moscovici (1978) difere da representação coletiva de Durkheim (1976), pois designa o aspecto dinâmico e a bilateralidade no processo de constituição das representações sociais, assinalando duas facetas: por um lado, a representação como forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado e, por outro, sua realidade psicológica, afetiva e analógica, inserida no comportamento do indivíduo. Portanto, as representações são medidas sociais da realidade, produto e processo de uma atividade de elaboração psicológica e social desta realidade nos processos de interação e mudança social.

Para a autora, as representações sociais são “[...] sistemas de referência que nos permitem interpretar a nossa realidade e inclusive dar um sentido ao ‘inesperado’, categorias que servem para classificar as circunstâncias, os fenômenos e os indivíduos com os quais mantemos relação” (JODELET, 1986, p.171).

Segundo a autora, as representações sociais são pensamentos gerados pela coletividade, ou seja, os indivíduos são pensantes, não apenas processadores de informações nem meros portadores de ideologia ou crenças

coletivas, mas pensadores ativos que, mediante inúmeros episódios cotidianos de interação social, produzem e comunicam incessantemente suas próprias representações e soluções específicas para as questões cotidianas.

O que se depreende desse estudo é que as representações sociais são um sistema (ou sistemas) de interpretação da realidade que organiza as relações do indivíduo com o mundo e orienta as suas condutas e comportamentos no meio social, permitindo-lhes interiorizar as experiências e as práticas sociais, ao mesmo tempo em que constrói e se apropria de objetos socializados. A relevância sociológica do estudo das representações sociais, desse modo, está no fato de que elas fundamentam práticas e atitudes dos indivíduos uns em relação aos outros e ao contexto social no qual estão inseridos.

As representações, uma vez constituídas, não se convertem necessariamente em leis de funcionamento social. O elemento “construção” assume um lugar central, representando o esforço de trazer o “indivíduo” ao seu lugar de sujeito na medida em que o percebe na sua condição de socialmente constituído e, ao mesmo tempo, constituinte (MOSCOVICI, 1978).

O objeto não coincide necessariamente com a representação, embora dela dependa para existir. Ele seria reconstruído, interpretado e expresso pelo sujeito num movimento bilateral: a representação seria uma forma de conhecimento particular, modelando o objeto com diversos suportes linguísticos, de comportamento e materiais, mas modelando também o sujeito como prática intrinsecamente relacionada à experiência social. A representação seria, ao mesmo tempo, uma construção do objeto afastado do original e uma analogia, ou seja, uma presença do mundo exterior na mente do indivíduo. Ela não deixa de ser uma apropriação subjetiva do mundo, embora seja sentida como uma presença objetiva da realidade (MOSCOVICI, 1978).

Outro conceito de representação que pontuamos nesta pesquisa está de acordo com o de Chartier (1990). Etimologicamente, ‘representação’ provém da forma latina *repraesentare* – fazer presente ou apresentar de novo. Fazer presente alguém ou alguma coisa ausente, inclusive uma ideia, por intermédio da presença de um objeto.

Ainda segundo Chartier (1990), vê-se que a representação é o produto do resultado de uma prática. A Literatura, por exemplo, é representação, porque é o produto de uma prática simbólica que se transforma em outras representações. Então, um fato nunca é o fato no sentido literal. Seja qual for o discurso ou o meio, o que se tem é a representação do fato. A representação é uma referência e temos que nos aproximar dela, para nos aproximarmos do fato. A representação do real, ou o imaginário é, em si, elemento de transformação do real e de atribuição de sentido ao mundo.

Conforme Bourdieu (1998), as representações mentais envolvem atos de apreciação, de conhecimento e reconhecimento e constituem um campo no qual os agentes sociais investem seus interesses e sua bagagem cultural.

Para o sociólogo supracitado, a representação social também está associada à questão econômica e cultural do indivíduo. Dessa forma, isso contribui para definir, entre outras coisas, suas atitudes em relação à instituição escolar. O capital cultural incorporado constitui o elemento da herança familiar que teria o maior impacto na definição do destino do indivíduo. O autor sugere que, embora o desinteresse e o baixo desempenho dos jovens em leitura não estejam automaticamente associados a um ambiente familiar pouco privilegiado, com certeza este ambiente torna-se um poderoso fator de influência do seu desempenho na leitura, isto é, a capacidade leitora se relaciona à realidade individual e social dos jovens.

Para Lane (1993), a representação social está associada à compreensão dos indivíduos sobre o mundo. Assim, por meio da representação, busca-se entender os aspectos relacionados aos comportamentos sociais. As representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais e sociais, os quais são integrados à linguagem e à comunicação do indivíduo. Ainda de acordo com a autora, a representação social implica em lidar com a descoberta e a interpretação de entendimentos dos sujeitos sobre o "mundo real", buscando aproximá-los através de práticas pedagógicas, por exemplo, de modelos padrões definidos na cultura.

Hall (2006) destaca que as relações entre os signos e as propriedades dos objetos representados adquirem seus significados na cultura. Para o autor,

a representação está relacionada aos significados partilhados por determinados grupos através da linguagem, ou seja, a linguagem é central para a representação, dando sentido às coisas, funcionando como um meio privilegiado, produzindo e partilhando significados como um repositório da cultura.

Ainda nas concepções de Hall (2006), a linguagem funciona como um *sistema de representação*, utilizando sinais e símbolos como um conjunto de *representações mentais*. Assim, construímos o significado das coisas utilizando conceitos e imagens que são formados em nossos pensamentos e cujo significado não depende da qualidade material do signo, mas de sua função simbólica. Portanto, os atores sociais usam não só os sistemas conceituais de sua cultura e da linguagem, mas também outros sistemas de representação para tornar o seu mundo significativo.

De acordo com Silva (1999), a representação está inscrita na cultura de cada indivíduo. Desse modo, a representação muda e se adapta conforme o contexto, o uso e as circunstâncias históricas, isto é, está sempre sendo negociada, para ressoar em novas situações. Ainda segundo este autor, a representação não é fixa, estável e nem determinada, ela é um sistema de significação, portanto, os processos e as práticas envolvidos neste sistema são fundamentalmente sociais e envolvem os interesses, os medos e as fantasias do indivíduo, construindo e interpretando as diferentes situações com que este se defronta no meio em que está inserido.

As representações são constantemente produzidas e intercambiadas nas interações pessoais e sociais das quais os indivíduos participam. Elas também são produzidas por meio de uma variedade de meios e, especialmente, nos modernos meios de comunicação de massa, permitindo que as representações circulem entre diferentes culturas em grande escala. Os significados reproduzidos pelas representações dos indivíduos regulam e organizam as suas condutas e práticas de acordo com as normas estabelecidas da sociedade.

Já para Le Goff (1995), representação é a tradução mental de uma realidade exterior percebida que se liga ao processo de abstração. O imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do

pensamento, manifesta-se por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade. Mas as imagens e discursos sobre o real não são exatamente o real ou, em outras palavras, não são expressões literais da realidade, como um fiel espelho.

Utilizamos estas ideias sobre representação porque queremos perceber como a Literatura é construída no processo de conhecimento que os alunos vivenciaram durante o ensino fundamental e médio.

3.2. Aspectos conceituais da Literatura

“Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devem-se ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no momento literário”.

(Roland Barthes)

Os gregos foram os primeiros a refletirem sobre um conceito de arte, inclusive sobre Literatura. Para eles, Literatura é mimese, isto é, a tentativa de imitação da realidade. Platão foi o primeiro grande teórico a formular um conceito de Literatura, propondo uma teoria do conhecimento a partir da visão dicotômica do universo. Para ele, existem duas realidades: o mundo das ideias e o mundo das aparências.

Guiado pelo princípio filosófico, Platão assume uma postura negativa em relação à arte, porque a vê como mera imitação do mundo da existência e, por causa disso, distanciada da verdade.

Aristóteles, outro grande teórico grego, também acredita que Literatura é mimese, entretanto, sua definição do processo opõe-se à apresentada por Platão. Para Aristóteles, mimese é uma atividade por meio da qual o artista capta as formas existentes no universo e não a aparência das coisas. A arte é técnica, ou seja, o artista, por meio da linguagem, cria uma realidade que, embora mantenha o vínculo de verossimilhança com o existente, se apresenta em nova dimensão. O artista deve captar o real, em primeiro lugar, manipulando-o com os meios próprios à sua arte. No caso da Literatura, seria o ritmo, a melodia e o verso, ou seja, os mecanismos da linguagem, sendo a palavra o objeto manipulável. Em segundo lugar, viriam os modos narrativo e dramático de discurso. Essa sequência de procedimentos consegue apreender

do real toda sua essência e não apenas a sua aparência (ARISTÓTELES, 1973).

Transversalmente à sua teoria acerca da mimese, Aristóteles concebe a arte como uma das diferentes formas de conhecer o mundo, concebe-a como a mais perfeita relação entre o homem e as coisas. Para ele, o poeta é aquele que abre a consciência do homem aos aspectos fundamentais do real, que de outro modo seriam incognoscíveis.

Conceituar e determinar a natureza e a estrutura do fenômeno literário é sempre questão de indagação dos teóricos desde Aristóteles até os dias atuais, haja vista que as relações entre arte real e homem se modificam e se alteram constantemente, em decorrência dos valores culturais, ou seja, a Literatura é um dado de cultura e, desse modo, a ideia que se faz dela é sempre medida a partir de conteúdos fornecidos pelo contexto histórico-cultural de cada época.

A forma como o objeto é representado na Literatura não pretende dimensioná-lo em função de valores preexistentes, correndo o risco de ser passível de julgamento de falso ou verdadeiro. Os aspectos selecionados pela Literatura colocam o ser numa nova dimensão, não só a partir de uma perspectiva dinâmica, como também os apresentam continuamente reinventados (GOMES; VECHI, 1991).

Contemporaneamente, merece destaque a teoria de Jakobson (1971), que conceitua a Literatura a partir das funções da linguagem distribuídas em seis componentes fundamentais, a saber: emissor, destinatário, contexto, contato, código e mensagem, presentes em qualquer processo de comunicação.

Juntando-se os conceitos de Jakobson (1971) aos de Pound (1970, p. 40), para quem “[...] grande Literatura é simplesmente linguagem carregada de significados até o máximo grau possível”, pode-se, enfim, dizer que a obra literária tem como característica, ao se colocar como fonte de informação centrífuga e centrípeta, propor o máximo de significado para traduzir a múltipla leitura do universo. E isso dá à Literatura um caráter de perenidade e de infinitude, que remete a Aristóteles, para quem a Literatura é a expressão do ser enquanto devir.

Conforme Aguiar e Silva (1988), o termo Literatura deriva historicamente do lexema latino, radical *littera* – letra, caráter alfabético. Na língua portuguesa, este termo foi documentado num texto datado de 21 de março de 1510. Até ao século XVIII, o termo Literatura abrangia tudo o que se relacionava às ciências e às artes em geral. Do significado de *corpus* em geral de textos literários, a Literatura passou a significar também o conjunto de produção literária de um determinado país.

No entanto, a primeira disciplina a tratar do que hoje chamamos de Literatura foi a retórica, surgida no século V a. C., com o objetivo de sistematizar os recursos que poderiam dotar a palavra do poder de persuasão, englobando a Literatura como modalidade específica de arte (SAMUEL, 1999).

Em meados do século XVIII, a Literatura estava relacionada à capacidade de ler do indivíduo e de, portanto, possuir conhecimento, erudição e ciência. Assim, Literatura não designava produção artística, resultante em produção de textos, ela englobava tanto o conhecimento dos indivíduos sobre vários ramos do saber, da gramática à filosofia, da história à matemática, quanto o amplo conjunto dos textos que propiciavam este conhecimento. Contudo, o uso de Literatura como “conhecimento”, “saber”, “erudição” começa a mudar, sendo relacionada à ideia de “gosto” ou “sensibilidade”, muito embora permaneçam resquícios do seu significado anterior (SAMUEL, 1999).

Conforme os autores Bonnici e Zolin (2009), com o advento de materiais impressos, o conhecimento ou a Literatura passaram a ser adquiridos de forma mais específica por meio de textos. Porém, poucos sabiam ler. Assim, apenas as camadas de classes altas eram beneficiadas. A Literatura era atributo de poucos, ela representava uma distinção social particular.

Para Samuel (1999), historicamente, a Literatura sempre esteve ligada ao ensino, à aprendizagem, à formação formal e cultural do indivíduo. No entanto, no início era omitida a existência do quadro social e se enfatizava apenas as obras e os autores, desvinculando a manifestação literária do meio social.

Ainda de acordo com Samuel (1999), desde os gregos, o estudo da Literatura se dava por meio da poética e da retórica, num sentido formal, e não em questão da natureza do conhecimento. Esta questão era do âmbito da

filosofia (metafísica). Porém, com o Renascimento, a discussão acerca da natureza do conhecimento passa para o terreno da ciência (epistemologia), criando, assim, um paradoxo, isto é, de um lado o conhecimento deve ser objetivo e científico e, de outro, radicaliza no sujeito, daí a subjetividade.

Entretanto, o acesso à aprendizagem era restrito, apenas as camadas de classes altas eram beneficiadas. Não obstante a escola ter sido criada na antiguidade, foi somente após o século XVII que ela iniciou o processo de inclusão das camadas pobres no acesso ao conhecimento e à Literatura. No entanto, o ensino era realizado, em sua maior parte, de forma descontextualizada e os conteúdos não eram tratados de forma interdisciplinar, decorrendo dessa prática o desinteresse do aluno pelo ensino, por não condizer com sua realidade, tornando-se monótono e repetitivo (ZILBERMAN; SILVA, 1995).

No Brasil, a Literatura definiu-se efetivamente no segundo quartel do séc. XIX, pois antes tinha relações com a matemática e com as ciências naturais. As primeiras produções literárias no Brasil não buscavam somente a sua afirmação de identidade nacional, mas também buscavam o desligamento do ensino da Literatura do da retórica e do da poética (OLIVEIRA, 2008).

Este desligamento era muito importante para o Brasil, uma vez que, nas classes de retórica e de poética, o estudo dos principais autores tinha como finalidade a aprendizagem da arte do bem falar e escrever, e nas de Literatura o objetivo era que os estudantes assimilassem e identificassem textos e autores que representavam a cultura, o caráter de um país (OLIVEIRA, 2008).

A tentativa de tornar a Literatura uma disciplina-tronco tornou-se incompatível com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961 e 1971. Desse modo, a Literatura, depois de desvincular-se da cadeira de retórica e poética e alcançar um curto período hegemônico no currículo, tornou-se mais ou menos subsidiária da língua portuguesa. Porém, ela tem desempenhado um papel muito importante na consolidação e manutenção dos cânones literários brasileiros, bem como na construção de uma identidade nacional (OLIVEIRA, 2008).

Contudo, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s de 2002 subordinam definitivamente o ensino de Literatura ao de Língua Portuguesa. Já que a Língua Portuguesa ocupa um lugar de destaque nos currículos da educação. A configuração do ensino da Literatura se deve ao processo histórico e à construção da sua identidade. A Literatura está associada aos escritores clássicos. Mas, o que é Literatura? Na realidade, a disciplina Literatura como é vista em sala de aula representa um padrão, paradigma ou cânone, como a Literatura Nacional, Portuguesa etc., que abrange os mais diversos temas, mas restringindo-se a determinadas características. De disciplina, a Literatura passa a ser gênero discursivo ou textual (OLIVEIRA, 2008).

Na busca da afirmação da Literatura, outros documentos oficiais, tais como os PCN’s+ (PCN + Ensino Médio) (Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais, 2006) e OCNEM (Novas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, 2006) destacam a importância da Literatura no currículo escolar. Contudo, nos PCN’s+, assim como nos PCN’s, a Literatura ainda figura como um apêndice do ensino da Língua Portuguesa, destacando o estudo da história da Literatura como forma de valorização do patrimônio representativo da cultura. O documento enfatiza a identificação dos períodos e das obras de destaque dos estilos de época como forma de possibilitar ao aluno o conhecimento de elementos que estabeleçam relações com o passado ou com as tendências contemporâneas.

Nas Novas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (OCNEM), publicadas em 2006 pela Secretaria de Educação Básica, a Literatura recebe novas orientações, ao propor como abordagem a formação do leitor na escola, a leitura literária e as possibilidades de mediação do professor no contato efetivo com o texto literário, realçando o prazer estético e sua fruição.

O documento também esclarece que, no passado, era natural a presença da Literatura nos currículos, considerada como um marco da educação burguesa humanista, ou seja, a Literatura era um sinal distintivo de cultura e de classe social, portanto de valor inquestionável. Contudo, com o

advento da globalização, os valores tradicionais, muitas vezes, são substituídos pela cultura de massa, de forma que a Literatura perdeu seu prestígio na sociedade e o *status* de disciplina nas escolas.

Conforme Escarpit (1969),

é preciso dessacralizar a Literatura, liberá-la de seus tabus sociais, abrindo caminho para o segredo de sua potência. Então talvez será possível refazer não a história da Literatura, mas a história dos homens em sociedade segundo o diálogo dos criadores de palavras, mitos e ideias com seus contemporâneos e com posteridade, que agora chamamos Literatura (ESCARPIT, 1969, p.45).

Ainda para Escarpit (1969), é necessário libertar a Literatura da concepção de algo inatingível, de algo elitizável ou das “belas letras”, isto é, de uma Literatura para poucos. De acordo com este autor, faz-se mister que todos os públicos sintam o grande potencial que a Literatura desperta no leitor. Se isso acontecer, então será possível refazer não somente a história da Literatura, mas também a história de um povo.

Segundo Barthes (1978), uma das funções da Literatura é a representação do real. Esta representação, no entanto, é feita de um modo especial, uma vez que o real não pode ser plenamente representado em um plano unidimensional por ter uma natureza distinta, pluridimensional. Assim, para este autor, a Literatura é utópica, pois permite a criação de novas realidades, conferindo às palavras uma verdadeira heteronímia das coisas. Esta heteronímia pode ser melhor entendida quando se pensa que a linguagem é livre para conferir novos significados às palavras. Ela joga com os signos ao invés de reduzi-los a um universo já determinado.

Na concepção de Barthes (1978), a Literatura é a utilização da linguagem não submetida ao poder, pois a linguagem literária não necessita de regras de estruturação para se fazer compreender. Enquanto a utilização da linguagem cotidiana requer uma estrita obediência às estruturas linguísticas, para que haja uma perfeita comunicação, a linguagem literária não obedece a qualquer regra estrutural fixa. O autor é livre para escolher e criar uma estrutura própria, que proporcione uma clara expressão de seus sentimentos e ideias. Assim, construindo o texto de acordo com seus próprios desejos, o escritor consegue que sua criação tenha um novo valor, passando da simples

utilização comunicativa da linguagem a uma utilização artística desta. A linguagem literária assume aspectos de representação e demonstração. A linguagem passa a ter “sabor”. Enquanto no discurso científico a linguagem é direta e não permite ambiguidades, na linguagem literária as palavras assumem novos significados e representações.

Fish (1980), define Literatura da seguinte forma:

Literatura, é meu argumento, é uma categoria convencional. Aquilo que será, a qualquer tempo, reconhecido como Literatura é função de uma decisão comum sobre aquilo que contará como Literatura. Todos os textos têm potencial para isso, naquilo que é possível considerar qualquer trecho de linguagem de tal forma que ele revelará aquelas propriedades presentemente entendidas como literárias. [...] A conclusão é que enquanto Literatura é ainda uma categoria, uma categoria aberta, não definida por ficcionalidade, ou por descaso com uma verdade proposicional, ou por predominância de tropos ou figuras, mas simplesmente por aquilo que decidimos colocar ali. E a conclusão dessa conclusão é que o leitor é quem “faz” a Literatura. Isso soa como extremo subjetivismo, mas é qualificado quase imediatamente quando o leitor é definido não como um agente livre, fazendo Literatura de alguma forma antiga, mas um membro de uma comunidade cujas assunções sobre Literatura determinam o tipo de atenção que ela presta e, assim, o tipo de Literatura que “ele” faz. (As aspas indicam que “ele” e “faz” não estão sendo entendidas como seriam de acordo com uma teoria de agência individual autônoma). Assim, o ato de reconhecer Literatura não é compelido por algo no texto, nem emerge de uma vontade independente e arbitrária; em lugar disso, procede de uma decisão coletiva acerca do que contará como Literatura, uma decisão que estará em vigor somente enquanto uma comunidade de leitores ou crentes continuar a sustentá-la (FISH, 1980, p.10-11).

De acordo com o autor, é o leitor que faz a Literatura, porém não qualquer leitor. É um leitor escolhido por uma comunidade interpretativa, na qual as estratégias interpretativas a respeito do que seja Literatura são de natureza comunitária e não de natureza individual e subjetiva. Os critérios de literariedade sobre os textos produzidos por esta comunidade interpretativa será projetado noutras comunidades, não só definindo a Literatura, mas também apontando as leituras possíveis. Embora a experiência com o texto literário ocorra de uma forma individual e única, o leitor não se desvencilha de suas próprias histórias no ato da leitura. Estas histórias são frutos de suas vivências e influências do seu modo de ver o mundo e contribuem para sua produção de significado.

Para Cândido (1981),

a arte, e, portanto, a Literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade (CÂNDIDO, 1981, p.53).

Conforme o argumento do autor, a linguagem estabelece uma nova ordem para as coisas representadas, mantendo uma ligação com a realidade natural. Embora a Literatura permita a criação de novos universos, estes são baseados, ou inspirados, na realidade da qual o escritor participa. Daí a afirmação de que a Literatura é vinculada à realidade, mas dela foge por meio da estilização de sua linguagem.

As concepções de Cândido (1981) sobre a Literatura também são análogas aos argumentos de Aristóteles (1973), quando propõe que a Literatura mantém um grande vínculo com a realidade, isto é, a Literatura não é apenas uma mera imitação do real. Sendo assim, a obra literária, por meio da ambiguidade da sua linguagem, consegue captar a essência do real.

Cândido (1981) identifica três funções exercidas pela Literatura, as quais, em seu conjunto, denomina de função humanizadora da Literatura. A primeira das funções por ele identificadas é chamada de função psicológica, em virtude de sua ligação estrita com a capacidade e a necessidade que o homem tem de fantasiar como, por exemplo, as novelas, a música e as fantasias sobre o amor. Sobre o futuro dessas modalidades, a Literatura talvez seja a mais rica.

As fantasias expressas pela Literatura, no entanto, têm sempre sua base na realidade. É através dessa ligação com o real que a Literatura passa a exercer sua segunda função: a função formadora. A Literatura atua como instrumento de educação, de formação do homem, uma vez que exprime realidades que a ideologia dominante tenta esconder. Ela pode formar, mas não segundo a pedagogia oficial. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela (CÂNDIDO, 1981).

Diante da exposição do autor, fica evidente o poder que tem a Literatura de atuar na formação do indivíduo, podendo, através da fruição da

arte literária, ter suas características moldadas segundo valores que não interessam à pedagogia oficial que sejam propagados.

A terceira e última função evidenciada por Cândido (1981) diz respeito à identificação do leitor e de seu universo vivencial representados na obra literária. Esta função é por ele denominada de função social e possibilita ao indivíduo o reconhecimento da realidade que o cerca quando transposta para o mundo ficcional. No entanto, este reconhecimento pode causar uma falsa impressão, construindo um reconhecimento errôneo quando expressa uma realidade da qual o leitor não participa diretamente, causando-lhe uma alienação. Por outro lado, esta função pode causar a integração do leitor ao universo vivencial das personagens retratadas quando expressa de maneira fidedigna a realidade vivencial dessas personagens. Isso causa uma maior interação entre leitor e personagem, o que culmina na identificação de uma realidade que não é a sua, mas que faz parte de uma cultura própria, diferente daquela da qual participa. Essa integração faz com que o leitor incorpore a realidade da obra às suas próprias experiências pessoais.

Ainda segundo Cândido (1981),

[...] convém principiar distinguindo manifestações literárias, de Literatura propriamente dita, considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes de uma fase. Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da Literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem traduzida em estilos), que liga uns aos outros (CÂNDIDO, 1981, p.23).

Percebe-se que o autor fala sobre o funcionamento e construção da Literatura enquanto expressão de uma sociedade que surge, baseada num pressuposto sociológico. Dessa forma, Cândido relaciona a dinâmica da construção dos espaços que unem autor-obra-público e que vai se construindo e se constituindo enquanto expressão de uma sociedade.

Continuando com as argumentações sobre as condições de existência da Literatura, Cândido (1985) mostra a dupla influência das obras sobre os

leitores e dos leitores sobre os autores e, conseqüentemente, sobre as obras, ou seja,

a Literatura é, pois, um sistema vivo de obras agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da Literatura atuando no tempo (CÂNDIDO, 1985, p.74).

Dando continuidade à relação social produzida pela obra literária, Cândido (1985) frisa que uma obra literária somente será válida quando promover a dinâmica entre os autores e leitores, como se fosse um *feedback*. Para este autor, a obra literária deve manter um intercâmbio como um agente do conhecimento sobre as diferentes formas de ver o mundo.

Ainda nas concepções de Cândido (1999, p.15), a atividade literária é articulada com “[...] os autores e público, capazes de ler ou de ouvir as obras permitindo com isso que elas circulem e atuem; tradição, que é o reconhecimento de obras e autores precedentes [...]”. Assim, para ele, a Literatura é um meio de comunicação que erige entre os espaços que unem o autor, a obra e o público. Esses elementos se relacionam de forma dinâmica no tempo, construindo-se e constituindo-se enquanto expressão de uma sociedade.

Conforme Yunes (1984), a Literatura, por meio da sua linguagem simbólica, pelo seu poder de catarse e retórica, expande a experiência existencial do leitor, fazendo-o perceber criticamente, a partir do texto, o contexto no qual está inserido, facultando-lhe visões de mundo originais pelo reconhecimento e identificação de sua inserção na história.

Para Wellek (1987, p. 23), o termo “Literatura” afigura-se mais adequado quando limitado à arte da Literatura (isto é, à Literatura imaginativa). Uma das objeções à palavra “Literatura” consiste na sugestão, que esta encerra (na sua etimologia de *litera*), de se limitar à Literatura escrita ou impressa, porquanto qualquer concepção coerente deve incluir a “Literatura oral”, evidenciando o modo particular de utilização da linguagem na Literatura, na tentativa de defini-la.

Portanto, para o autor, todas essas distinções colocadas entre Literatura e não Literatura são reafirmações, dentro de um quadro de análise semântica, de velhos termos estéticos como [...] “unidade”, “enquadramento”, e “invenção”, “imaginação” e “criação”. Cada um destes termos descreve um aspecto da obra literária, um traço característico das suas direções semânticas. Nenhum é satisfatório em si próprio. Daqui deveria resultar, pelo menos, uma conclusão: uma obra de arte literária não é um simples objeto, mas antes uma organização altamente complexa, de caráter estratificado, com múltiplos significados e relações. Uma análise moderna da obra de arte tem de começar por questões mais complexas, o seu modo de ser e o seu sistema de estratos (WELLEK, 1987, p. 24).

Nesse contexto, quando uma obra literária exerce com êxito a sua função, ou seja, “[...] prazer e utilidade”, estes devem não só coexistir, mas se fundirem. O prazer da Literatura não é apenas uma preferência entre uma lista de prazeres possíveis, mas sim um “[...] prazer mais alto” (WELLEK, 1987, p. 34), exatamente por se tratar de um prazer numa esfera superior de atividade, isto é, na contemplação não aquisitiva. Acentua-se, por outro lado, a utilidade, a seriedade aprazível, isto é, não a seriedade de um dever que tem de ser cumprido ou de uma lição que tem de ser aprendida, mas uma seriedade estética, uma seriedade de percepção.

Com relação à função da Literatura, Wellek (1987, p. 34) acredita que a Literatura não estimula nem deve estimular emoções. As emoções representadas na Literatura não são, nem em relação ao escritor, nem em relação ao leitor, iguais às experimentadas na “vida real”; porém são emoções “recordadas com tranquilidades”; são “expressadas”, isto é, libertadas pela análise, são sentimentos de emoções, percepções de emoções.

Ainda conforme Wellek (1987, p. 24), “[...] a linguagem é o material da Literatura, tal como a pedra ou bronze o são da escultura”. Importa, porém, ter presente que a linguagem não é uma matéria meramente inerte como a pedra, mas já em si própria uma criação do homem e, como tal, repleta da herança cultural de um grupo linguístico.

Segundo Coutinho (1987),

é verdade que a Literatura parte dos fatos da vida ou os contém. Mas esses fatos não existem nela como tais, mas simplesmente como ponto de partida. A Literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas que são os gêneros e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social (COUTINHO, 1987, p.729).

O autor chama atenção para o fato de a Literatura manter uma estreita relação com a vida cotidiana, ou seja, ela é uma representação simbólica do real e, por isso mesmo, ambígua. A Literatura transforma a realidade em arte por meio de instrumentos específicos, fazendo do ambíguo a essência de seu processo de comunicação, instaurado, a partir de signos multifacetados e plurissignificativos, a sua linguagem.

As ideias de Coutinho (1987) são semelhantes às de Aristóteles (1973), pois ambos apresentam a Literatura como uma representação da realidade, ou seja, a Literatura mantém uma verossimilhança com a vida real.

No âmbito das obras literárias, para Lajolo (1981, p.38) a linguagem tem um papel determinante na classificação de uma obra como literária: “[...] é a relação que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de produção da leitura que instaura a natureza literária de um texto”. A linguagem parece tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividade (autor e leitor) que escapa ao imediatismo, à “predictibilidade” e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana.

Eco (1981) também segue essa mesma linha de pensamento, falando de idioleto da obra quando se refere à linguagem literária dentro de uma determinada obra. Ele é responsável pela estruturação dos significados da linguagem; essa regra, esse código da obra, em linha de direito, é um código privado e individual de um único falante. Este código característico de cada obra pode causar no leitor, por não estar familiarizado com suas regras, um efeito de estranhamento. A arte aumenta a “[...] dificuldade e a duração da percepção” “[...] e o fim da imagem não é tornar mais próxima da nossa

compreensão a significação que veicula, mas criar uma significação particular do objeto” (ECO, 1981, p. 71).

Ainda nas propostas de Lajolo (1982), a autora assevera que

é assim a Literatura a porta de um mundo autônomo que, nascendo com ela, não se desfaz na última página do livro, no último verso do poema, na última fala da representação. Permanece ricocheteando no leitor, incorporando como vivência, erigindo-se em marco do percurso de leitura de cada um. [...] Dai o engano de quem acha que o caráter humanizante e formador da Literatura vem da natureza ou quantidade de informações que ela propicia ao leitor. Literatura não transmite nada. Cria. Dá existência plena ao que, sem ela, ficaria no caos do inomeado e, conseqüentemente, do não existente para cada um. E, o que é fundamental, ao mesmo tempo que cria, aponta para o provisório da criação (LAJOLO, 1982, p.43).

O que se depreende dessa definição é que a Literatura age de forma especial no leitor, levando-o a reflexões e sensações que permanecem por um longo período numa espécie de usufruto, induzindo o indivíduo a redescobrir novos universos através do seu imaginário. Não que a Literatura seja um manual de bom comportamento, mas nossa personalidade pode sofrer influências das obras que lemos.

Trazendo a Literatura para a escola, Yunes (1984), argumenta que

a Literatura como bem de cultura socializável nasce comprometida em sua origem como uma certa idéia de formação do homem, a que corresponderia por outro lado uma democratização do conhecimento. Por razões óbvias, o que antes estivera confinado aos mosteiros, conventos, cortes – à elite, enfim – deve sofrer uma diluição e homogeneização que permita sua assimilação por classes menos favorecidas, a quem agora é necessário educar para um papel específico na sociedade industrial que se instala (YUNES, 1984, p.123).

Na concepção de Yunes (1984), o ensino da Literatura era somente restrito ao campo pedagógico, deixando de mostrar que a Literatura é uma forma de expressão de conhecimento do mundo, por meio da linguagem, operando um recorte antropocultural do universo, permitindo diversas visões do mundo manifestas nas estruturas semânticas das línguas naturais.

Ainda na visão de Yunes (1988),

uma característica da Literatura é o fato de não imitar o real mas transfigurá-lo de maneira crítica e emocionada. Trata-se de uma recriação da realidade num plano que não é propriamente o de copiar

o real, mas apresenta sempre um elo referente que faz identificar uma determinada realidade. Mesmo na mais aparente fantasia podemos encontrar elementos subjacentes de nossa realidade, expressos numa linguagem simbólica, transformada (YUNES, 1988, p. 40-41).

Portanto, a linguagem literária não se limita simplesmente a referir ou reproduzir uma realidade preexistente, mas através da sua natureza simbólica ela possibilita ao leitor dar diversos sentidos ao texto, dada a sua linguagem altamente polissêmica que permite o surgimento de múltiplas leituras.

Segundo Rocco (1989),

a Literatura, enquanto realização artística, cria um espaço multifacetado que se revela rico em visões de mundo. A Literatura diz as coisas que conhecemos e fala fundamentalmente à nossa imaginação. Mas ela não apenas diz coisas, ela as diz de um modo muito especial. A Literatura enquanto arte e na diversidade de conteúdos e enfoques com que trabalha, é uma forma de conhecimento que projeta dimensões imponderáveis do real; de um real que é histórico, de um real que é psicológico, de um real que é também individual e social (ROCCO, 1989, p. 125).

De acordo com a autora, na Literatura as palavras exercem poder na medida em que nos transportam além do limite do real, de forma saudável. Através dos fatos narrados de forma mágica, fantástica e mítica, nos faz transpor as barreiras que se interpõem entre as concepções do real, por meio do contato direto com o texto literário.

Calvino (1990, p.11), também argumenta sobre o poder que a Literatura exerce no ser humano, quando escreve da seguinte forma: “[...] minha confiança no futuro da Literatura, consiste em saber que há coisa que só a Literatura com seus meios específicos pode nos dar”. Portanto, segundo o autor, a Literatura possui uma maneira especial de atribuir valor às coisas pequenas ou grandes, de encontrar as proporções da vida, enfim, um conhecimento profundo sobre o mundo e o homem, de forma que ela nos ensina muito mais sobre a vida que longos tratados científicos.

Ainda de acordo com Calvino (1993), em relação à leitura das obras literárias, não se deve pensar que a leitura dos clássicos deve ser realizada porque serve para qualquer coisa. Para ele, ler os clássicos é melhor que não lê-los, isto é, não se deve procurar um caráter utilitarista nas obras literárias, pois a leitura são é uma forma de ver como se construíram e como se

caracterizaram as diferentes ideias de mundo que chegam ao leitor pela magia da obra de arte literária.

Acerca do valor imaterial da Literatura, Aguiar (1993) comenta que, para se viver numa sociedade capitalista como a nossa - que só valoriza o útil, o prático, o imediato -, é difícil aceitar a ideia da gratuidade da Literatura e da arte em geral. No entanto, a Literatura pode suscitar prazer, porque tem seu fim em si mesma, isto é, funciona como um jogo em torno da linguagem, das ideias e das formas, sem estar subordinada a um objeto prático imediato.

Conforme Culler (1999),

a Literatura, poderíamos concluir, é um ato de fala ou evento textual que suscita certos tipos de atenção. Contrasta com outros tipos de ato de fala, tais como dar informação, fazer perguntas e fazer promessas. Na maior parte do tempo, o que leva os leitores a trata algo como Literatura é que eles a encontram num contexto que a identifica como Literatura; num livro de poemas ou numa seção de uma revista, biblioteca ou livraria (CULLER, 1999, p.34).

Culler (1999) destaca nessa definição sobre Literatura que existem certos elementos no texto literário que o diferenciam da fala cotidiana. Um destes elementos é o caráter ficcional das obras, pois possibilita que os leitores tenham uma relação diferente com o mundo. Para este autor, o texto literário é muito diferente do texto científico, porque o texto literário não necessita de comprovante de veracidade.

A Literatura é um fenômeno estético. É uma arte, a arte da palavra. Seu propósito não é informar, ensinar, doutrinar, pregar e documentar. Contudo, não quer dizer que isso não possa acontecer, apenas não são regras dos seus pressupostos. A Literatura, por meio do seu aspecto estético-literário, desperta no leitor um tipo especial de prazer, ou seja, o sentimento estético e incorpora a sensibilidade como elemento formador do sujeito. É através de sua natureza específica e do prazer que dela se usufrui que as obras literárias ainda resistem ao tempo e às mudanças de civilização e de culturas (COUTINHO, 1987).

Diz Voltaire (1764 *apud* Aguiar e Silva, 1988):

Literatura; essa palavra é um desses termos vagos tão frequentes em todas as línguas [...] a Literatura designa em toda Europa um conhecimento de obras de gosto, um verniz de história, de poesia, de

eloquência, de crítica [...]. Chama-se bela Literatura as obras que se interessam por objetos que possuem beleza, como a poesia, a eloquência, a história bem escrita. A simples crítica, a polimatia, as diversas interpretações dos autores, os sentimentos de alguns antigos filósofos, a cronologia não são bela Literatura porque essas pesquisas são sem beleza (VOLTAIRE, 1764 *apud* AGUIAR e SILVA, 1988, p. 4-5).

O autor destaca a falta de delineamento mais preciso para o termo Literatura quando o chama de “termo vago”. Para ele, a definição sobre Literatura ainda era imprecisa e, em alguns pontos, aparecia como conhecimento. Contudo, segundo Aguiar e Silva (1988), a partir das últimas três décadas do século XVIII e de forma crescente, o termo Literatura vai incorporando o sentido de fenômeno estético e de produção artística.

Nas concepções de Culler (1999):

A Literatura é uma instituição paradoxal porque criar Literatura é escrever de acordo com fórmulas existentes, produzir algo que parece um soneto ou que segue as convenções do romance, mas é também zombar dessas convenções, ir além delas. A Literatura é uma instituição que vive de expor e criticar seus próprios limites, de testar o que acontecerá se escrevermos de modo diferente. Assim, a Literatura é ao mesmo tempo o nome do absolutamente convencional e do absolutamente demolidor, em que os leitores têm de lutar para captar o sentido (CULLER, 1999, p.47).

Culler (1999) apresenta os critérios para definir o que é literário ou não pelos críticos e teóricos. Por meio destes critérios os críticos e teóricos esperam promover o que consideram seus métodos críticos mais pertinentes e descartar os métodos que negligenciam os aspectos mais básicos e distintivos da Literatura. Porém, ao mesmo tempo que a Literatura expõe estes métodos, ela própria suspende tais exigências, voltando-se para o sentido e para o prazer que o texto literário produz.

Conforme Compagnon (2001),

[...] Literatura é Literatura, aquilo que as autoridades (os professores, os editores) incluem na Literatura. Seus limites, às vezes se alteram, lentamente, moderadamente, mas é impossível passar de sua extensão à sua compreensão, do cânone à essência. Não digamos, entretanto, que não progredimos, porque o prazer da caça, como lembrava Montaigne, não é a captura, e o modelo de leitor, como vimos, é o caçador (COMPAGNON, 2001, p.46).

Dessa forma, Compagnon (2001) acredita que a decisão sobre aquilo que é Literatura está subordinada às autoridades instituídas. Portanto, para este autor, a definição de Literatura não oferecerá mais que um conjunto de circunstâncias em que os usuários de uma língua aceitam empregar esse termo. Assim, o termo Literatura figura-se mais como uma preferência, um valor ou uma norma.

Machado (2001) argumenta sobre a leitura das obras literárias, a qual considera como um processo subjetivo e uma experiência de linguagem que estão sempre presentes em uma espécie de duplicidade de sua própria imagem. No entanto, a obra nunca se encontra duplicada. Para o filósofo francês, a obra está constituída por uma arquitetura de várias expressões de signos, por uma linguagem ilimitada.

Para Saraiva (2001), a leitura literária, aliada à percepção do “mundo do leitor”, deve ocorrer por meio de diferentes etapas de percepção, tais como ler, entender, interpretar e aplicar, relacionadas entre si de forma coerente e apoiadas no caráter estético dos textos. Para este autor, estas etapas se concretizam em três diferentes momentos: motivação à leitura, leitura compreensiva e interpretativa do texto e transferência e aplicação de leitura.

A motivação constitui uma estratégia ou atividade que visa estimular e sensibilizar o aluno para a leitura do texto. A leitura compreensiva e interpretativa caracteriza-se por propostas que permitam a apreensão do horizonte inscrito no texto, do qual o receptor faz parte, ou seja, a percepção e atribuição de sentido aos elementos do texto pelo leitor ocorrem a partir de sua vivência e conhecimento.

Finalmente, na transferência e na aplicação da leitura literária os leitores são qualificados a produzirem seus próprios textos por meio de ações e linguagens variadas (dramatizações, organização de painéis, composição de narrativas e poemas, entre outros). Esse momento permite ao leitor atualizar o conhecimento construído na interação com o texto, já que o circuito da comunicação literária instala uma interação dialética que impele o receptor a se transformar em emissor de novas mensagens.

Eco (2003) argumenta que a leitura dos textos literários exerce contribuição ímpar para a formação e o exercício sensível do sujeito naquilo

que há de mais humano e coletivo. “Os textos literários não somente dizem explicitamente aquilo que nunca poderemos colocar em dúvida, mas, à diferença do mundo, assinalam com soberana autoridade aquilo que neles deve ser assumido como relevante” (ECO, 2003, p. 71)

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Soares (2004) aponta que

[...] a leitura literária democratiza o ser humano porque mostra o homem à sociedade em sua diversidade e complexidade, e assim nos torna mais compreensivos, mais tolerantes – compreensão e tolerância são condições essenciais para a democracia cultural. [...] Democratiza o ser humano porque traz para seu universo o estrangeiro, o desigual o excluído, e assim nos torna menos preconceituosos, menos alheios às diferenças – o senso de igualdade e de justiça social é condição essencial para a democracia cultural (SOARES, 2004, p. 31).

Segundo a autora, a Literatura atua de modo profundo na personalidade do ser humano, modificando-o de tal forma a torná-lo mais consciente dos seus atos, a agir com respeito para com seu semelhante, aceitando o outro na sua alteridade.

Consoante Lima (2006), no século XVI, o crescente prestígio das artes visuais fez com que se estabelecessem íntimos laços entre as artes visuais, as ciências e a Literatura. Porém, o termo Literatura não tinha um sentido específico, apenas sentido descritivo e abrangente. Nessa etapa de formação do moderno sistema das belas artes, e em consequência do impacto das obras de Galileu e Descartes, o termo Literatura se diferencia das ciências naturais, tornando-se significativo no século XVII, mantendo um intercâmbio entre poesia e poema e ora assumindo um perfil próprio, ainda não ficando suficientemente claro qual era o território próprio da Literatura.

Ainda de acordo com Lima (2006), dada essa indefinição, o conceito de Literatura permanece vazio, sem fronteiras e, por conseguinte, a serviço dos valores dominantes. O termo Literatura seria apenas uma convenção, impossível de caber em um conceito? Outra impossibilidade de defini-la é que certas obras mudam sua inscrição originária, por serem heterogêneas. Fora da ficcionalidade, a Literatura abrange aquelas obras que, perdidas suas

destinações originais, recebem outro abrigo, mantêm seu interesse, mudando de função.

As argumentações de Lima (2006) sobre a (in) definição de Literatura são análogas às concepções dos autores Voltaire (1764) e Wellek (1987), quando estes autores afirmam que o termo Literatura é uma convenção impossível de caber em um conceito, ou seja, a sua definição permanece “vazia” em prol da ideologia dominante.

Eagleton (2006) também argumenta acerca da indefinição do conceito de Literatura, escrevendo da seguinte forma:

Se não é possível ver a Literatura como uma categoria “objetiva”, descritiva, também não é possível dizer que a Literatura é apenas aquilo que, caprichosamente, queremos chamar de Literatura. Isso porque não há nada de caprichoso nesses tipos de juízos de valor: eles têm suas raízes em estruturas mais profundas de crenças, tão evidentes e inabaláveis quanto o edifício do *Empire State*. Portanto, o que descobrimos até agora não é apenas que a Literatura não existe da mesma maneira que os insetos, e que os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais. Eles se referem, em última análise, não apenas ao gosto particular, mas aos pressupostos pelos quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre os outros (EAGLETON, 2006, p.24).

Conforme o autor, a Literatura, no sentido de uma coleção de obras de valor real e inalterável não existe. Nenhuma obra, e nem avaliação atual sobre ela, pode ser simplesmente estendida a novos grupos de pessoas sem que, nesse processo, sofra modificações. Conforme os argumentos do autor, a Literatura, no sentido herdado da palavra, é uma ideologia. Pode-se pensar na Literatura menos como uma qualidade inerente, evidenciada por certos tipos de escritos, que como as várias maneiras pelas quais as pessoas se relacionam com a escrita.

Assim, os autores Lima (2006) e Eagleton (2006) frisam que a Literatura é uma convenção difícil de caber num conceito, isto é, no sentido histórico da palavra, ela é uma ideologia subordinada ao código vigente.

Em outro ponto de vista, a visão de Eagleton (2006) sobre Literatura é semelhante à de Fish (1980), quando este autor comenta sobre a “comunidade interpretativa”, ou seja, as instituições detentoras de prestígio são suficientemente poderosas para decidir o que é Literatura ou não. Portanto,

para os autores, torna-se difícil definir com precisão o que é Literatura, dada as convenções que atuam sobre a definição de Literatura.

Na visão de Abreu (2006):

O conceito de Literatura foi naturalizado, ou seja, tomado como natural e não como histórico e cultural, e por isso se tornou tão eficiente. Por esse motivo, em geral, as definições são tão vagas e pouco aplicáveis. Apresenta-se a Literatura como algo universal, como se sempre e em todo lugar tivesse havido Literatura, como se ela fosse própria ao ser humano. Um médico não precisa discutir o que é um fígado ou o que é um coração, pois têm existência física no mundo concreto. Nós temos que discutir o que Literatura, pois ela é um fenômeno cultural e histórico e, portanto, passível de receber diferentes definições em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais (ABREU, 2006, p.41).

Para Abreu (2006), faz-se necessário que haja discussões sobre o conceito de Literatura, pois ela não é um produto fixo e unívoco, mas sim dinâmico e interativo. A Literatura é medida a partir de conteúdos fornecidos pelo contexto histórico e cultural de cada grupo social e época.

Em relação ao ensino da Literatura, Barthes (2007), comenta que

se, por não sei que excesso de socialismo ou barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário [...] Verdaderamente enciclopédica, a Literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; elas lhes dão um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ela permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados: a Literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que aprisionou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a Literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro: a Literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor; que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens (BARTHES, 2007, p.17-18).

As concepções de Barthes (2007) sobre a Literatura condizem com as de Cândido (1985), pois ambos destacam que a Literatura não é um mero acúmulo de obras escritas, mas a prática de escrever, visando à interação entre as obras e os leitores. Para ambos os autores, a Literatura não é um produto fixo, inacabado, pois ela assume muitos saberes, assim como a vida

ensina, na medida do possível, agindo de forma direta ou indireta sobre o ser humano.

Para Petit (2008, p. 32), em relação a leitura literária “[...] os livros e, em particular os livros de ficção, nos abrem as portas para um outro espaço, para uma outra maneira de pertencer ao mundo”. É assim, na paisagem, no conforto e no tempo da Literatura que os leitores são alimentados por palavras, são protegidos pelo caráter ficcional e imaginário do texto, são cuidados e singularizados em suas necessidades e sentimentos e libertos em suas sensações e experiências.

O que se depreende do ponto de vista da autora é que a Literatura é libertadora e que não aprisiona o leitor em uma passividade receptora, pelo contrário, oferece pistas para que o leitor encontre os desdobramentos particulares de sua liberdade. Essa característica é constitutiva da própria função libertadora a qual é definida por Sartre (2003) como generosidade do objeto literário. Tal generosidade constitui uma ação cooperativa entre obra e leitor.

As concepções de Petit (2008) são análogas às de Jauss (1994), pois ambos acreditam que a leitura literária amplia os horizontes de expectativas do leitor, ou seja, amplia a experiência social adquirida pelo leitor, conferindo-lhe uma nova visão da realidade.

Compagnon (2009) também argumenta sobre o poder da Literatura e concede-lhe três definições: o primeiro poder que a Literatura possui é a *mimesis* ou imitação, pela qual o homem adquire seus primeiros conhecimentos e ainda a experiência do prazer por meio da *catharsis* ou purificação por meio da representação. Quando se utiliza a representação, consegue-se extravasar os próprios conflitos interiores, sentindo-se melhor e ainda atingindo o público que assiste, levando-os a externalização dos seus próprios sentimentos. Portanto, a Literatura detém um poder moral, pois instrui deleitando.

A segunda definição é a de que a Literatura funciona como um remédio, ou seja, ela liberta o homem de sua sujeição às autoridades, é um instrumento de justiça e tolerância. Por meio da leitura adquire-se experiência de autonomia, contribuindo, assim, para que o homem tenha responsabilidade.

A Literatura é, ao mesmo tempo, sintoma e solução do mal-estar na civilização, capacitando o homem moderno de uma visão que o leva para além das restrições da vida cotidiana (COMPAGNON, 2009).

A terceira e última definição do poder da Literatura é a de que ela corrige os defeitos da linguagem, isto é, recorre à língua comum, fazendo desta uma linguagem particular-poética ou literária. A Literatura utiliza a linguagem com sutileza, de forma especial, proporcionando ao ser humano a percepção do que não era sentido naturalmente.

Portanto, na visão de Compagnon (2009), o próprio significado da Literatura é a análise das relações sempre particulares que reúnem as crenças, as emoções, a imaginação e a ação, o que faz com que ela encere um saber insubstituível, circunstanciado e não resumível sobre a natureza humana, um saber de singularidades. O texto literário desconcerta, incomoda, desnorteia, porque ele faz apelo às emoções e à empatia do ser humano, libertando-o das formas convencionais de pensar a vida. Não é que se encontrem verdades universais, nem regras gerais na Literatura, porém ela oferece um conhecimento diferente do erudito, mais capaz de esclarecer os comportamentos e as motivações humanas.

Sobre a atuação da Literatura no indivíduo, os autores Calvino (1990) e Compagnon (2009) comentam que existem coisas que somente a Literatura, com seus meios específicos, podem nos dar, aquele que a lê e a compreende se tornará um conhecedor do ser humano. Enfim, a Literatura possui um conhecimento profundo sobre o mundo.

Para Todorov (2009),

a Literatura, mais densa e mais eloqüente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, ela amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-la e organizá-la. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão. A Literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano (TODOROV, 2009, p. 24).

Assim, Todorov (2009) acredita que a Literatura possui um poder incrível sobre o ser humano. Ela pode estender a mão quando se está profundamente deprimido, tornando-o ainda mais próximo dos outros seres humanos, fazendo compreender melhor o mundo e ajudando a viver. Não que ela seja uma técnica de cuidados para com a alma, mas é revelação do mundo que pode, também, em seu percurso, transformar o indivíduo, pois faz viver.

Ainda segundo o autor, a obra literária lança mão do uso evocativo das palavras, do recurso às histórias, aos exemplos e aos casos singulares, produzindo um tremor de sentidos, abalando o aparelho de interpretação simbólica, despertando a capacidade de associação e provocando no indivíduo emoções e sensações numa espécie de usufruto, que agirá por um longo período de tempo.

Portanto, sendo o objeto da Literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano, pois a Literatura proporciona esse conhecimento, e o domina. Por meio da sua linguagem simbólica consegue transfigurar a realidade, designando algo de transobjetivo (TODOROV, 2009).

As ideias de Todorov (2009) a respeito da função da Literatura, isto é, da sua atuação na vida do indivíduo, também são recorrentes para Yunes (1984), Cândido (1985) e Eco (2003). Segundo estes autores, a leitura da obra literária possui contribuição impar na conduta do ser humano, expandindo sua experiência existencial e facultando-lhe visões de mundo originais pelo reconhecimento e identificação de sua inserção na história.

Contudo, conforme Todorov (2009), a Literatura está em perigo em virtude da forma equivocada de sua veiculação. Essas ideias do autor também já foram compartilhadas por Sartre (1948) Pound (1970), Bosi (2002) e, mais recentemente, Perrone-Moisés (2000) e Barthes (2007). Ambos estão de acordo que é preciso rever a forma como a Literatura está sendo abordada. Entretanto, acreditam que ela resistirá aos contextos os mais desfavoráveis possíveis, e que é preciso insistir, teimar e afirmar o caráter irreduzível da obra literária.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS: A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA PARA OS ALUNOS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO CAP/COLUNI

Este capítulo está subdividido em três tópicos. Inicialmente, faz-se apenas a apresentação dos dados ou a caracterização do *corpus* investigado. No segundo tópico, apresentam-se as respostas dos alunos do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI sobre a representação da Literatura, escritas no questionário aplicado e, no terceiro tópico, as respostas serão analisadas, em diálogo com as vozes teóricas selecionadas nesta pesquisa. Esta subdivisão é realizada com o intuito de explicitar formalmente o conteúdo principal proposto neste trabalho, ou seja, conhecer a representação e a função da Literatura para os jovens atuais, tendo como recorte de análise os alunos do colégio supracitado.

4.1 Caracterização do *corpus*

Com o objetivo de compreender melhor a representação e a função da Literatura para os alunos do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI da Universidade Federal de Viçosa – MG, apresentamos alguns dados que caracterizam o perfil da amostra pesquisada como, por exemplo, os aspectos socioeconômicos e culturais.

4.1.1 Gênero

Para a realização desta pesquisa foram aplicados 366 questionários junto aos estudantes, sendo 148 do primeiro ano, 111 do segundo e 107 do terceiro ano. Portanto, fez-se um censo estudantil nesta instituição de ensino.

A Tabela 1 apresenta a divisão dos estudantes quanto ao gênero, sendo que, em regra geral, há mais estudantes do sexo masculino que do feminino, principalmente no primeiro ano, em que 61,49% pertencem ao sexo masculino e 38,51% ao feminino, contribuindo significativamente para que, no total, haja predominância do sexo masculino, haja vista que, para os outros

dois anos, a diferença é muito pequena, mas com sutil vantagem do sexo masculino.

Entretanto, na pesquisa realizada por Siqueira (2011), em cinco escolas estaduais, em Viçosa – MG, com os estudantes concluintes do Ensino Médio, observou-se que a maioria era do sexo feminino.

Tabela 1 – Sexo dos estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011

Série	Primeiro ano (%)	Segundo ano (%)	Terceiro ano (%)	Total (%)
Masculino	61,49	51,35	50,47	55,19
Feminino	38,51	48,65	49,53	44,81
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

4.1.2 Idade

A classificação dos estudantes quanto à faixa etária é apresentada na Tabela 2. Como se observa, a faixa etária varia de 14 a 21 anos, sendo a amplitude (dispersão) total de sete anos. O primeiro ano apresenta estudantes na faixa etária de 14 a 17 anos, em que mais da metade (52,70%) dos tem 15 anos, representando a classe modal. Com relação ao segundo ano, a idade dos estudantes varia de 15 a 19 anos de idade, sendo a classe modal de 16 anos, com 62,16% dos estudantes. Já o terceiro ano apresenta uma variabilidade de 16 a 21 anos de idade, portanto a maior dispersão ocorre no terceiro ano, podendo ser em decorrência de repetência nos anos anteriores. Ademais, para o terceiro ano, mais da metade (53,27%) dos estudantes têm 17 anos de idade.

Pode-se também depreender desses dados que a maioria dos estudantes (74,77%) pode concluir o Ensino Médio abaixo da faixa etária sugerida pelo Ministério da Educação (MEC, 2012), visto que podem ocorrer reprovações no último ano. Por outro lado, 3,73%, com certeza, concluirão o Ensino Médio acima da faixa etária.

Do total de estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, da Universidade Federal de Viçosa – MG, a classe modal (39,07%) tem 16 anos de idade.

Por outro lado, em estudo realizado por Cereja (2005), em quatro escolas do Ensino Médio (duas públicas e duas privadas), na cidade de São Paulo, a idade mais frequente é 17 anos (58%) e o percentual de estudantes fora da faixa (15,50%) é bem superior ao encontrado no Colégio de Aplicação CAP/COLUNI.

Tabela 2 – Idade dos estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011

Série Idade	Primeiro ano (%)	Segundo ano (%)	Terceiro ano (%)	Total (%)
14	10,14	-	-	4,10
15	52,70	12,61	-	25,14
16	34,46	62,16	21,50	39,07
17	2,70	19,82	53,27	22,68
18	-	3,61	21,50	7,38
19	-	1,80	2,80	1,36
21	-	-	0,93	0,27
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

No caso do trabalho realizado por Siqueira (2011), observou-se predominância da faixa etária de 16 a 18 anos para os concluintes do Ensino Médio (83,00%). No entanto, no Colégio de Aplicação CAP/COLUNI esta faixa etária representa 96,27% dos alunos concludentes do Ensino Médio, estando dentro do padrão esperado.

4.1.3 Tipo de escola onde estudou antes de ingressar no Colégio de Aplicação CAP/COLUNI

A Tabela 3, a seguir, apresenta o tipo de escola que o estudante frequentou antes de ingressar no Colégio de Aplicação CAP/COLUNI. Observa-se claramente que, na média, a maioria é oriunda de escola privada (62,84%). A menor discrepância entre os tipos de escola (18,92%) ocorre no segundo ano, enquanto a maior dispersão (28,26%) acontece no terceiro ano.

Esse é um fato notório, pois muitos estudantes se preparam em escolas privadas para ingressarem no Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, haja vista que se trata da melhor escola pública de acordo com o Ministério da Educação (2011). Ou seja, é uma escola pública gratuita na qual a maioria dos estudantes não provém de escolas públicas.

Tabela 3 – Tipo de escola que estudou antes de ingressar no Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011

Série	Primeiro ano	Segundo ano	Terceiro ano	Total
Escola	(%)	(%)	(%)	(%)
Privada	63,51	59,46	65,42	62,84
Pública	36,49	40,54	34,58	37,16
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

A Tabela 4 corrobora o que foi discutido anteriormente. Nota-se que as principais escolas que aprovaram estudantes no processo seletivo do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI são escolas particulares e de médio porte, na cidade de Viçosa – MG, principalmente Colégio Equipe Ltda. (13,02%), Escola Normal N. Sra. Do Carmo (10,60%), Colégio Ângulo de Viçosa (10,14%) e Cooperativa Educacional de Viçosa Ltda. – Coeducar (1,93%), todas localizados em Viçosa – MG. Mas também deve-se considerar a participação de algumas escolas públicas na aprovação de estudantes no processo seletivo para ingresso no Colégio de Aplicação CAP/COLUNI como, por exemplo, Escola Estadual Effie Rolfs (Viçosa – MG), Escola Técnica Prof. Jairo Grossi (Caratinga – MG) e Escola Estadual Visconde do Rio Branco (Visconde do Rio Branco – MG), não obstante apresentarem características bem diferentes das escolas particulares, principalmente no que tange aos recursos disponíveis, como é de conhecimento público.

Por outro lado, mais da metade dos estudantes (57,68%) são oriundos de inúmeras escolas dispersas no estado de Minas Gerais e até mesmo de outros estados, principalmente Bahia e Espírito Santo. Portanto, os alunos são, na maioria, ‘regionais’ e pouquíssimos de grandes centros, como será visto na Tabela 5.

Tabela 4 – Escola onde estudou antes de ingressar no Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011

Série	Primeiro ano	Segundo ano	Terceiro ano	Total
Escola	(%)	(%)	(%)	(%)
Equipe	10,81	10,28	18,92	13,02
Carmo	10,81	10,28	10,81	10,65
Anglo	12,16	10,28	7,21	10,14
Coeducar	3,38	1,87	-	1,93
Rio Branco	3,38	1,87	-	1,93
Effie Rolfs	2,70	1,87	1,80	2,19
Jairo Grossi	2,03	2,80	2,70	2,46
Outras	52,70	60,75	58,56	57,68
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

Essa caracterização pode definir um perfil de aluno que não tem tanta influência de grandes centros, nos quais os bens culturais mais letrados circulam com mais facilidade e são mais acessíveis e que isso pode influenciar na formação do conhecimento dos alunos, porque se presume que, quando se está exposto a estes bens culturais, amplia-se e compreende-se mais o mundo.

4.1.4 Cidade de origem dos estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI

Como o Colégio de Aplicação CAP/COLUNI está instalado na sede do município de Viçosa – MG, observa-se, na Tabela 5, que mais de ¼ dos estudantes são nativos de Viçosa e moram com seus pais. Contudo, o interessante a destacar é que quase ¾ desses estudantes são oriundos de outras cidades, dentre as quais Ponte Nova (5,47%), Cataguazes (5,46%), Visconde do Rio Branco (4,37%), Muriaé (3,27%), Caratinga (2,73%) e Ubá (2,19%). Esses municípios representam pouco mais da metade (50,71%) dos municípios de origem dos estudantes. Vale ressaltar, ainda, que estas cidades são consideradas de pequeno porte, ou seja, são cidades pequenas que convivem com uma cultura local, envolvida com o contexto rural.

Tabela 5 – Cidade de origem dos estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011

Série Cidade	Primeiro ano (%)	Segundo ano (%)	Terceiro ano (%)	Total (%)
Viçosa	27,70	23,42	30,84	27,32
Ponte Nova	5,41	2,70	8,41	5,47
Cataguazes	6,08	3,60	6,54	5,46
Rio Branco	6,76	2,70	2,80	4,37
Muriaé	2,70	4,51	2,80	3,27
Caratinga	2,70	3,60	1,87	2,73
Ubá	2,03	2,70	1,87	2,19
Outras	46,62	56,77	44,87	49,19
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

4.1.5 Escolaridade dos pais

Na formação educacional e cultural ou na formação do repertório cultural, a família ou o ambiente em que os alunos vivem é importante, pois pais que leem, que têm acesso a livros podem influenciar seus filhos a criarem

prazer pela leitura literária. Isso fica evidente quando se analisam os dados da Tabela 6. Observa-se que a imensa maioria dos pais (69,94%) apresenta ensino superior completo. Mas os pais - com nível superior - dos estudantes do segundo ano apresentam um percentual (77,48%), bem acima da média observada. Acredita-se que isso tem influência vital na educação dos filhos.

Por outro lado, em estudo realizado por Cereja (2005), 59,00% dos pais dos estudantes do Ensino Médio completaram o Ensino Médio e 42,70% têm formação universitária. Portanto, confrontando esses dados com os dados do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, nota-se uma grande diferença na formação dos pais, que certamente influenciará na formação dos filhos. Ou por outra, não resta dúvida que a influência intergeracional (entre pais e filhos) fará com que um percentual maior de estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI tenha nível superior do que o comparado com as escolas pesquisadas na cidade de São Paulo. Existem vários estudos que provam os determinantes da mobilidade intergeracional no Brasil e no mundo, dentre eles o trabalho de Leite et al. (2011), chegando à conclusão de que a formação dos pais influencia a educação dos filhos.

No que concerne à escolaridade dos pais, situação pior é encontrada na pesquisa realizada por Siqueira (2011), na qual 67,00% dos pais têm apenas o ensino fundamental e apenas 4,00% concluíram o ensino superior. Ou seja, a situação encontrada nas escolas públicas estaduais de Viçosa – MG acerca da escolaridade dos pais dos estudantes é diametralmente oposta à encontrada na pesquisa realizada junto aos estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI.

Tabela 6 – Escolaridade dos pais dos estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011

Série	Primeiro ano	Segundo ano	Terceiro ano	Total
Escola	(%)	(%)	(%)	(%)
Fundamental	8,11	5,41	11,22	8,20
Médio	24,32	17,12	23,36	21,86
Superior	67,57	77,48	65,42	69,94
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

De toda forma, estes dados numéricos podem apontar para uma questão qualitativa, ou seja, os alunos do CAP/COLUNI são oriundos de um

meio social cuja educação parece ser valorizada pelos pais, pois foram conduzidos a estudarem numa escola de qualidade e a investirem nos estudos, enfrentando a concorrência do exame de seleção.

4.1.6 Renda familiar

No que concerne à renda familiar, nota-se, pela Tabela 7, que a classe modal para as três séries é aquela no intervalo de renda de R\$1.500,00 a R\$3.000,00, principalmente no terceiro ano (23,36%), e no total 21,86%. Mas, o que deve ser destacado é o fato de 72,13% das famílias terem renda superior a R\$3.000,00, o que contribui para os estudantes serem matriculados no ensino fundamental em boas escolas privadas, sendo preponderante no processo seletivo de ingresso no Colégio de Aplicação CAP/COLUNI.

No trabalho de Cereja (2005), 75,20% dos estudantes informaram renda familiar superior a cinco salários mínimos. Ou seja, apesar de se tratar de lugares tão distantes e incomuns, o nível de renda apresentado é muito semelhante.

Por outro lado, na pesquisa realizada por Siqueira (2011), entre os alunos concluintes do Ensino Médio das escolas públicas de Viçosa – MG, a maioria (87,00%) apresenta renda familiar de até três salários mínimos e apenas 3,00% apresenta renda familiar superior a cinco salários mínimos. Destarte, mais uma vez tem-se uma situação desvantajosa para os estudantes das escolas públicas estaduais, sendo uma realidade que, infelizmente, repercutirá negativamente na vida desses jovens, pois muitos precisarão ingressar no mercado de trabalho precocemente para ajudar na renda familiar, desistindo, muitas vezes, da sua realização profissional por meio de um curso superior.

A relação desses dados com a Literatura vem mostrar que, à luz dos argumentos de Zilberman (1995), os pais e jovens das camadas populares, quase sempre, veem a leitura literária como um instrumento para a obtenção de melhores condições de vida, sendo avaliada em função de interesses utilitários, ou seja, mudança de *status quo*. Já os pais e jovens das classes favorecidas veem a leitura literária como mais uma alternativa de expressão, de

comunicação, lazer, prazer e *status* social, não necessariamente como uma exigência para alcançar um bom emprego.

Tabela 7 – Renda familiar dos estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011

Série Renda	Primeiro ano (%)	Segundo ano (%)	Terceiro ano (%)	Total (%)
] 0, 545]	0,68	0,90	1,87	1,09
] 545, 1.500]	5,40	1,80	7,48	4,92
] 1.500, 3.000]	20,95	21,62	23,36	21,86
] 3.000, 5.000]	9,46	12,61	7,48	9,84
] 5.000, 7.500]	6,08	17,12	14,02	11,75
] 7.500, 10.000]	12,16	9,01	13,08	11,47
➤ 10.000	0,68	2,70	2,80	1,91
s/d*	44,59	34,24	29,91	37,16
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

*s/d = sem dado

Segundo Franco (2008), em estudo realizado em nível nacional, o desempenho dos alunos na escola não está diretamente relacionado às políticas educacionais, mas sim à condição socioeconômica das suas famílias. O estudo relaciona as desigualdades sociais e os níveis de escolaridade dos pais ao desinteresse e baixo desempenho na escola, ou seja, quanto menor o nível educacional e/ou renda dos pais, pior o desempenho dos filhos na escola.

Finalmente, combinando as Tabelas 3 (tipo de escola), 6 (escolaridade dos pais) e 7 (renda familiar), observa-se que, como a maioria dos pais dos estudantes têm nível superior, isso contribui, de acordo com a teoria do capital humano, para que se tenha uma alta renda familiar. Como a renda familiar da maioria dos estudantes é superior a R\$3.000,00, isso é fundamental para que os pais decidam matricular seus filhos em boas escolas privadas, proporcionando-lhes uma sólida base estudantil, que contribui para sua aprovação no processo seletivo do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI. Ademais, acredita-se que o fato de a maioria dos pais terem nível superior completo possa contribuir sobremodo na formação dos filhos, fazendo com que eles se inspirem nos pais e queiram também, futuramente, uma boa formação acadêmica, por isso se preparam arduamente no Colégio de Aplicação CAP/COLUNI.

Nas concepções de Bourdieu (1998), os filhos herdam das suas famílias indiretamente um capital cultural, ou de valores, que irá influenciar a sua formação ao longo da sua vida.

Para Abreu (2006, p.80), “[...] a apreciação estética não é universal: ela depende da inserção cultural dos sujeitos. Uma mesma obra é lida, avaliada e investida de significações variadas por diferentes grupos culturais”. Ou seja, o interesse, o gosto varia conforme a época, a formação cultural e o nível socioeconômico de cada sujeito.

Portanto, diante dessas ideias, podemos formular a seguinte questão: as respostas dos alunos sobre a representação da Literatura refletem a articulação entre capital econômico e capital cultural? Tentamos discutir tal questão nas análises seguintes.

4.2 A representação da Literatura: respostas dos alunos do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI

No caso de respostas abertas e qualitativas, em pesquisas por amostragem aleatória simples ou mesmo por censo, é comum os alunos emitirem poucas respostas diferenciadas, ou seja, as respostas se repetem.

Optamos por comparar as diferentes séries (1^a, 2^a e 3^a), pois gostaríamos de observar e pontuar as suas especificidades e/ou traços comuns entre elas.

Para conhecer a representação dos alunos quanto à Literatura, elaboramos as perguntas partindo, primeiramente, da conceituação inserida em um contexto amplo para valorizar a espontaneidade das respostas. Em seguida, pensamos sobre a utilidade da Literatura nos dias atuais. Como terceiro elemento, interessávamos conhecer o momento em que os alunos tiveram o primeiro contato com os textos literários. A quarta questão tinha como foco a frequência de leitura do aluno e, por fim, a relação da Literatura com o aspecto subjetivo do gosto. Portanto, as perguntas foram as seguintes:

- Para você, o que é Literatura?
- Em sua opinião, qual é a função da Literatura?

- A partir de que instante você teve contato com textos literários?
- Quantas obras literárias você leu nesse semestre?
- Você gosta de Literatura? Por quê?

As respostas dos alunos serão descritas obedecendo a maneira como foram escritas no questionário, conforme pode ser visto a seguir.

4.2.1 Para você, o que é Literatura?

"A Literatura antecipa sempre a vida. Não a copia, amolda-a aos seus desígnios".
(Oscar Wilde)

A Literatura, assim como outras formas de expressão artística, propicia o desenvolvimento integral do homem, que percorre, pela linguagem, mundos desconhecidos, cria e recria realidades, vivencia situações, amplia o conhecimento de mundo, encontra o equilíbrio emocional e psíquico, e desenvolve seu senso crítico. Seja no papel de escritor ou de leitor, a Literatura possibilita ao homem a expansão do seu potencial criador e imaginativo, satisfazendo sua necessidade de ficção, ou seja, o princípio de que a leitura dos textos literários é uma atividade privilegiada, na qual a liberdade e o prazer são ilimitados.

Segundo os estudantes do primeiro ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, Literatura é "fugir da realidade" (27,70%), "linguagem" (22,30%) e "disciplina escolar" (16,89%) (Tabela 8).

Outras definições expressas pelos estudantes do primeiro ano estão associadas a "humanizar" (8,11%), "expressão de sentimentos" (7,43%) e "leitura" (6,76%) (TABELA 08).

Ademais, deve-se registrar que alguns estudantes do primeiro ano definem Literatura como "matéria muito chata" (2,03%) ou como "algo imposto pela escola" (2,03%) (Tabela 8).

Tabela 8 – Definição de Literatura de acordo com os estudantes do primeiro ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011

Definição de Literatura	Quantid.	%
Algo para viajar em mundos imaginários	41	27,70
Linguagem	33	22,30
Disciplina escolar	25	16,89
Humanizar	12	8,11
Expressão de sentimentos	11	7,43
Leitura	10	6,76
É tudo, exceto leitura obrigatória	10	6,75
Matéria muito chata	03	2,03
Algo imposto pela escola	03	2,03
Total	148	100,00

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

No trabalho de Cereja (2005), 13,00% dos estudantes informaram que Literatura é a “arte da palavra”, enquanto 12,70% acreditam que seja “expressão dos sentimentos e pensamentos”. Estas respostas também foram emitidas por alguns estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, conforme citado anteriormente.

Comparando-se as respostas dos alunos do segundo ano com as dos alunos do primeiro e terceiro anos nota-se, pela Tabela 9, que a principal definição de Literatura está relacionada à “disciplina escolar” (38,74%). Esta mesma definição é também emitida pelos estudantes do primeiro e terceiro anos do mesmo colégio, mas aparece para ambos em terceira colocação. Outra definição sobre Literatura para os estudantes do segundo ano é que a Literatura está associada à “leitura” (21,62%). Esta segunda definição também é compartilhada pelos estudantes do primeiro ano, mas só aparece em sétima colocação. Entretanto, para os estudantes do terceiro ano, pode-se dizer que aparece em primeiro lugar, pois a principal resposta é a de que Literatura é “leitura” (Tabela 10).

Outra definição bem frequente sobre Literatura, compartilhada dentro das turmas e entre as turmas, está associada à “expressão de sentimentos”. Para os estudantes do segundo ano essa resposta aparece em terceiro lugar (13,51%); para os do primeiro ano aparece em sexta colocação, mas, para os estudantes do terceiro ano, é a segunda resposta mais frequente (Tabela 10).

Merecem destaque também as definições de Literatura, a seguir, para os estudantes do segundo ano: “arte de fazer sonhar e fugir da realidade” (mas, para os estudantes do primeiro ano esta é a sua principal definição sobre

Literatura); “humanizar”; “prazer e entretenimento”; “leitura obrigatória” e “disciplina escolar desnecessária” (Tabela 9).

É necessário, também, fazer um comentário a respeito da obrigatoriedade da disciplina na concepção dos estudantes. As respostas acerca desse ponto foram diametralmente opostas, envolvendo os estudantes do primeiro e segundo anos. Para os estudantes do primeiro ano a Literatura “é tudo, exceto leitura obrigatória” (6,75%), enquanto que, dentre os estudantes do segundo ano, 3,60% responderam que a Literatura é apenas uma “leitura obrigatória” (3,60%) e uma “disciplina escolar desnecessária” (3,60%). Este dado está em sintonia com o trabalho de Cereja (2005), que pontua que mais da metade dos estudantes relacionaram Literatura a “disciplina escolar”.

Tabela 9 – Definição de Literatura de acordo com os estudantes do segundo ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011

Definição de Literatura	Quantidade	%
Disciplina escolar	43	38,74
Leitura	24	21,62
Expressão dos sentimentos	15	13,51
Arte de fazer sonhar e fugir da realidade	10	9,01
Humanizar	06	5,41
Prazer e entretenimento	05	4,51
Leitura obrigatória	04	3,60
Disciplina escolar desnecessária	04	3,60
Total	111	100,00

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

Antes de apresentar as principais definições sobre Literatura para os estudantes do terceiro ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, deve-se destacar que estes não exprimiram nenhuma resposta acerca da obrigatoriedade ou da necessidade de existência da disciplina.

Assim, para os estudantes do terceiro ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, a principal definição sobre Literatura é “leitura” (26,17%). Como já foi visto anteriormente, esta definição é também compartilhada pelos estudantes do primeiro e segundo anos. Outra definição muito frequente para os estudantes do terceiro ano está associada à “expressão dos sentimentos” (18,69%) (Tabela 10), também sendo compartilhada pelos estudantes do primeiro e segundo anos (Tabelas 8 e 9).

Uma terceira definição sobre Literatura expressa pelos estudantes do terceiro ano está relacionada à “disciplina escolar” (16,82%) (Tabela 10). Essa

mesma resposta aparece também em terceira colocação para os estudantes do primeiro ano e em primeira colocação para os estudantes do segundo ano (Tabelas 8 e 9).

Ademais, têm-se as seguintes definições de Literatura para os estudantes do terceiro ano: “transmissão de conhecimento”; “representação da realidade”; “emoção e fuga do real” e “humanizar” (Tabela 10).

Tabela 10 – Definição de Literatura de acordo com os estudantes do terceiro ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011

Definição de Literatura	Quantidade	%
Leitura	28	26,17
Expressão de sentimentos	20	18,69
Disciplina escolar	18	16,82
Transmissão de conhecimento	13	12,15
Representação da realidade	12	11,22
Emoção e fuga do real	10	9,34
Humanizar	06	5,61
Total	107	100,00

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

4.2.2 Qual é a função da Literatura?

"A tarefa da Literatura é ajudar o homem a compreender-se a si mesmo".

(Máximo Gorky)

Segundo Cândido (1981), a função exercida pela Literatura é denominada função humanizadora pelo seu poder de atuação no ser humano. Esta função está ligadas à capacidade e à necessidade que o homem tem de fantasiar, tendo como ponto de referência a realidade. É através dessa ligação com o real que a Literatura atua como instrumento de educação, de formação do homem, por meio da fruição da arte literária. A Literatura faz com que o leitor evidencie, através da leitura, seu universo vivencial representado na obra literária. Essa integração faz com que o leitor incorpore a realidade da obra às suas próprias experiências pessoais.

No que concerne à função da Literatura, os estudantes do primeiro ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI informaram que a Literatura tem a função de fazer o homem “compreender o mundo” (18,92%), como “transmissão de conhecimento” (18,24%), “entretenimento e emoção” (18,24%)

e de “mostrar novas realidades” (14,19%). Contudo, sete alunos acreditam que a Literatura não tem “nenhuma função” (4,73%) (Tabela 11).

Tabela 11 – Função da Literatura para os estudantes do primeiro ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011

Função da Literatura	Quantidade	%
Compreensão do mundo	28	18,92
Transmissão de conhecimento	27	18,24
Entretenimento e emoção	27	18,24
Mostrar novas realidades	21	14,19
Conhecimento do passado	17	11,49
Formação de massa crítica	13	8,78
Enriquecimento cultural	08	5,41
Nenhuma	07	4,73
Total	148	100,00

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

Para os estudantes do segundo ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, assim como na opinião dos estudantes das demais séries, a função da Literatura é múltipla. Primeiro eles acreditam que a Literatura tem a função de “transmitir conhecimento” (27,03%) e essa opinião também é compartilhada tanto pelos estudantes do primeiro ano (em segundo lugar) como pelos estudantes do terceiro ano (como principal função). Uma segunda função da Literatura para os estudantes do segundo ano está associada a “estudar o passado” (22,52%) (essa mesma opinião só é expressa pelos alunos do terceiro ano, mas aparece como quinta função). A terceira função da Literatura para eles é a de “formar cidadãos críticos” (Tabela 12), sendo também compartilhada pelos alunos do primeiro e terceiro anos.

Entretanto, um percentual expressivo de estudantes do segundo ano acredita que a “Literatura não tem função alguma” (7,21%), sendo tal opinião também compartilhada pelos estudantes do primeiro e terceiro anos (Tabelas 11 e 13).

Tabela 12 – Função da Literatura para os estudantes do segundo ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011

Função da Literatura	Quantidade	%
Transmissão de conhecimento	30	27,03
Estudar o passado	25	22,52
Formar cidadãos críticos	18	16,22
Entretenimento e fuga da realidade	15	13,51
Educar e criticar a sociedade	12	10,81
Preparação para o vestibular	03	2,70
Nenhuma	08	7,21
Total	111	100,00

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

Finalmente, para os estudantes do terceiro ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, a Literatura tem as seguintes funções: “transmissão do conhecimento” (42,06%); “formar cidadãos críticos” (20,56%), proporcionar “entretenimento aos leitores” (14,02%), “representação da realidade” (14,02%) e “estudar o passado” (4,67%) (TABELA 13). E, assim como nas outras duas turmas, alguns estudantes acreditam que a Literatura não tem nenhuma função (4,67%)

Na opinião dos estudantes entrevistados por Cereja (2005), a principal função da Literatura é “aprender a ler textos literários e conhecer melhor a cultura e o mundo de que fazemos parte” (31,20%). Uma segunda função seria “aprender as principais características das obras, dos escritores e dos períodos literários” (27,00%). A terceira função seria “compreender melhor o mundo em que vivemos” (8,00%). Observa-se, assim, que essas funções também são compartilhadas pelos estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI.

Tabela 13 – Função da Literatura para os estudantes do terceiro ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011

Função da Literatura	Quantidade	%
Transmissão de conhecimento	45	42,06
Formar cidadãos críticos	22	20,56
Entretenimento aos leitores	15	14,02
Representação da realidade	15	14,02
Estudar o passado	05	4,67
Nenhuma	05	4,67
Total	107	100,00

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

4.2.3 A partir de que instante você teve contato com textos literários?

"A Literatura não permite caminhar, mas
permite respirar".
(Roland Barthes)

Conforme Frantz (2005), é muito importante o incentivo à leitura desde a infância, pois na fase adulta a pessoa terá um maior universo de conhecimento do que aquele que iniciou a leitura tardiamente. O tempo de leituras, ou seja, o acúmulo de conhecimento em cada etapa da vida é que será o seu diferencial. Contudo, não se está afirmando que existe uma idade limite para o contato com a leitura, apenas que, quanto mais precoce essa aproximação, mais proveitosa será para quem teve contato com a leitura.

Portanto, quanto mais cedo o ser humano tiver o primeiro contato com os textos literários, mais facilmente ele entenderá a sua real função (sujeito da sua história) e sua necessidade, por conseguinte desenvolverá o prazer de estudar Literatura. Entendemos como real função da Literatura a ampliação dos horizontes de expectativas do leitor para, assim, contribuir de forma direta e indireta na sua formação.

Nota-se que a maioria dos estudantes do primeiro ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI expressou que tiveram o primeiro contato com os textos literários logo na sua infância (68,24%). No entanto, quase 1/3 dos estudantes informaram que só tiveram contato com os textos literários somente depois que ingressaram no Colégio de Aplicação CAP/COLUNI (Tabela 14).

Entretanto, essa situação não é observada nas outras duas séries. Tanto no segundo como no terceiro ano há uma predominância de estudantes cujo primeiro contato com a Literatura só foi realizado no Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, respectivamente 54,05% e 53,27%, para o segundo e terceiro anos (Tabela 14).

Tabela 14 – Contato que os estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG – tiveram com a Literatura, 2011

Série	Primeiro ano	Segundo ano	Terceiro ano	Total
Momento	(%)	(%)	(%)	(%)
Desde a infância	68,24	45,95	46,73	55,19
No CAP/COLUNI	31,76	54,05	53,27	44,81
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Dados da pesquisa

Vale pontuar que os alunos não responderam com detalhes esta pergunta. Como vemos, eles dão um salto da infância – um passado aproximado de 10 a 12 anos – e citam apenas o momento presente que é a relação com a escola.

4.2.4 Quantas obras literárias você leu neste semestre?

"A Literatura nutre a alma e a consola."
(Voltaire)

Acredita-se que, por meio da leitura, o indivíduo não só absorve o conhecimento como também pode transformá-lo em um processo de aperfeiçoamento contínuo. A leitura se caracteriza como sendo uma atividade questionadora, de conscientização e libertação. No ato da leitura ocorrem recorrentes processos de reconstrução, a partir dos quais o sentido da leitura surge através da atividade interativa entre o leitor, o texto e o contexto. O leitor, enquanto lê, vai elaborando hipóteses nos diferentes níveis textuais, confirma, confronta, descarta ou substitui, faz inferências e constrói sentidos. A compreensão do texto implica desconstrução. Portanto, é fundamental que o ser humano seja incentivado e motivador a ler.

Esta questão exprime o volume de textos lidos pelos estudantes durante o primeiro semestre de 2011. Observa-se que a maior frequência de estudantes do primeiro ano leram quatro livros (27,03%), que é a classe modal, mas, em compensação, apesar de baixa frequência, vem à tona o fato de que alguns alunos admitiram não ler os livros recomendados. Entretanto, no outro extremo, quase 1/5 dos estudantes admitiram ler seis livros ou mais, considerando tanto os indicados pela disciplina como também aqueles de interesse pessoal. Mas a quantidade de livros lidos durante o primeiro semestre

de 2011 pelos estudantes Colégio de Aplicação CAP/COLUNI é decrescente do primeiro para o terceiro ano. A classe modal do segundo ano diminui para três obras lidas (27,93%) e, no terceiro ano, para duas obras (28,04%). Para reforçar esse comportamento, observa-se que mais alunos passam a ler menos livros (até dois livros por semestre) do primeiro para o terceiro ano e menos alunos passam a ler mais livros (mais de quatro livros). Isso pode estar ocorrendo não pelo fato de os alunos terem deixado de gostar de leitura literária, mas porque eles precisam se preocupar em estudar outras matérias 'mais difíceis', dando ênfase aos resumos dos livros exigidos, encontrados facilmente em meio eletrônico, pois estão na iminência de prestar exame vestibular. Em linhas gerais, os alunos do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI leram com maior frequência três livros (22,13%) (Tabela 15).

Paralelamente, com o advento da cultura de massas e seus benefícios ou pseudobenefícios, a Literatura está passando por uma crise, ocasionada, de um lado, por estratégias de ensino inadequadas e, de outro, pelo processo de massificação cultural, em função do interesse popular no imediato, no sintético, no simplificado e traduzido, que transforma um capítulo de um livro em uma cena de cinco minutos. Esse processo de condensação acaba valorizando o enredo em detrimento da poética, o que destitui o texto de sua função literária (BOSI, 2002).

Se trouxermos os dados da pesquisa de Cereja (2005), observamos que pouco mais de $\frac{1}{4}$ dos estudantes afirmaram que leram todas as obras indicadas pela escola e apenas 8,00% nunca as leram. E 67,50% informaram que leram algumas obras recomendadas pelos professores.

Tabela 15 – Número de obras literárias lidas pelos estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG, 2011

Série Quantidade	Primeiro ano (%)	Segundo ano (%)	Terceiro ano (%)	Total (%)
0	2,03	6,31	24,30	9,84
1	3,38	8,11	10,28	6,83
2	9,46	16,22	28,04	16,94
3	20,27	27,93	18,69	22,13
4	27,03	14,41	10,28	18,31
5	18,24	9,91	5,61	12,02
≥ 6	19,59	17,11	2,80	13,93
Total	100,00	100,00	100,00	100,00

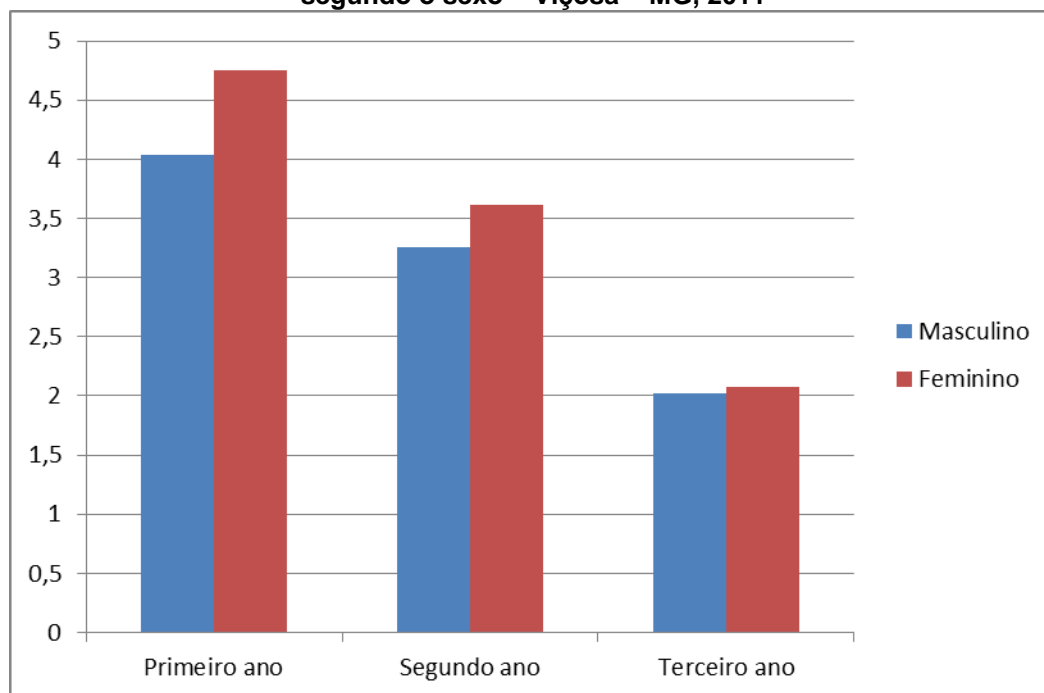
Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

O Gráfico 1 confronta a quantidade de obras lidas no primeiro semestre de 2011 pelos estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI com o seu sexo. Observa-se que os estudantes do sexo feminino geralmente leem mais que os do sexo masculino, principalmente no primeiro ano. Mas essa diferença tende a diminuir ao longo das séries do Ensino Médio, havendo uma espécie de nivelamento por baixo entre os estudantes dos dois sexos. Neste gráfico, também se torna bastante claro que o número de obras lidas vem diminuindo ao longo das três séries, por razões já explicitadas anteriormente.

Resultado semelhante foi observado na pesquisa de Siqueira (2011), quando observou que 40,00% dos estudantes do sexo masculino gostam de ler, contra 70,00% dos estudantes do sexo feminino.

De acordo com Singly (1993, *apud* COLOMER, 2003), na atualidade, independentemente da classe social, os indivíduos do sexo feminino leem mais que os do masculino. No entanto, os tipos de leitura são diferentes entre os dois sexos, ou seja, os meninos preferem ler jornais e livros de ficção, enquanto as meninas preferem revistas e romances.

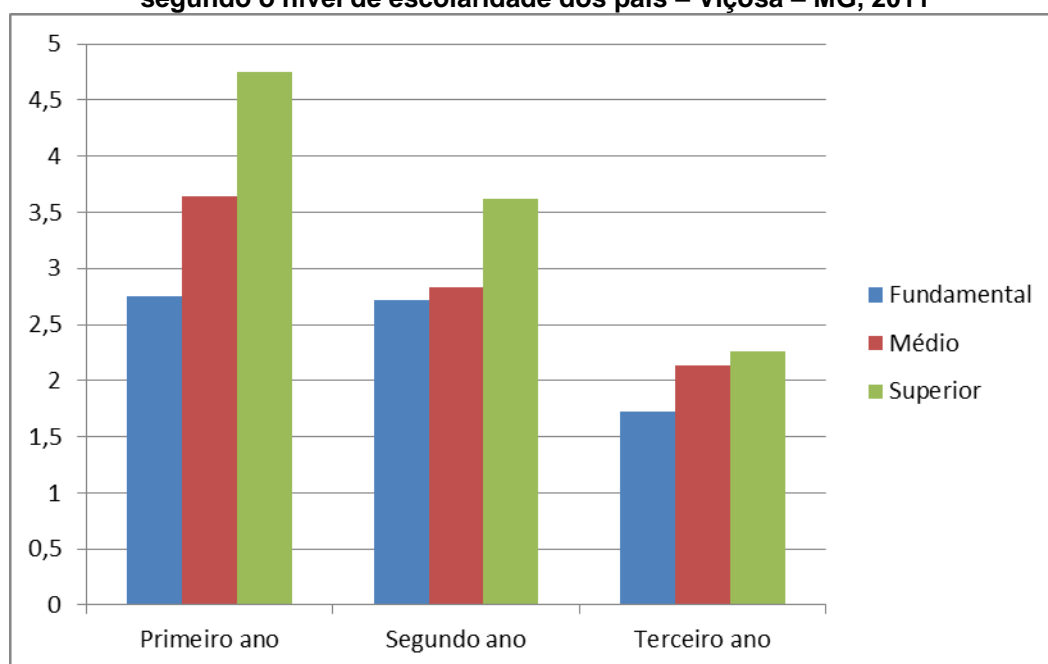
Gráfico 1 - Obras literárias lidas pelos estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, segundo o sexo – Viçosa – MG, 2011



Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

Outra relação interessante, entre o nível de escolaridade dos pais dos estudantes e o total de obras lidas por estes estudantes, pode ser observada no Gráfico 2. Observa-se que os estudantes cujos pais têm nível superior leem mais que os demais estudantes e a diferença é maior no ano de ingresso no Colégio de Aplicação CAP/COLUNI. Contudo, essa diferença diminui bastante até o terceiro ano.

Gráfico 2 - Obras literárias lidas pelos estudantes do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, segundo o nível de escolaridade dos pais – Viçosa – MG, 2011



Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

4.2.5 Você gosta de Literatura?

“o prazer do texto é semelhante a esse instante insustentável, impossível, puramente romanesco, que o libertino degusta ao termo de uma maquinação ousada, mandando cortar a corda que o suspende, no momento em que goza”.

(Roland Barthes)

A Literatura é um material para o conhecimento das diversas posturas frente às diferentes situações e ações com as quais o indivíduo se defronta no mundo. Para entender e ensinar a importância da Literatura como um instrumento de formação linguística e do ser humano, precisa-se entender que ela é uma forma de revelação, que busca descobertas do mundo e em nós

mesmos. Entende-se que a natureza humana precisa dialogar com o mundo e a Literatura pode exercer esse papel, quer buscando respostas, quer preenchendo vazios, quer criando algo além da simples visão da realidade. A Literatura proporciona essa busca, esse preenchimento, essa criação da realidade.

É por meio da leitura literária que o sistema cognitivo entra em ação, a criatividade é despertada e o conhecimento vem por acréscimo. Cabe ao professor propiciar ambiente para que contingências reforçadoras sejam criadas ao incentivo da leitura, pois o trabalho de iniciação à prática da leitura, muitas vezes, só começa realmente na escola. Todavia, para que esta seja desenvolvida com eficácia, deve ser pensada, articulada, engajada na ludicidade. É pelo prazer da boa leitura que se conquista o aluno e o transforma em leitor, não forçando-o a leituras maçantes que, em vez de incentivá-lo, acabam por desestimulá-lo, gerando somente fobia à leitura.

Observa-se que mais de 4/5 (81,75%) dos estudantes do primeiro ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI informaram que gostam de Literatura, e os principais fatores estão associados à “vontade própria” (19,59%), “por gostar de ler” (18,92%), “por ser uma fuga do mundo real” (14,86%) e “por ser uma compreensão do mundo” (14,19%), enquanto que os fatores que contribuem para o estudante não gostar de Literatura são “pelo fato de eles terem outras coisas mais interessantes para fazer” (6,76%), “porque não gostam de ler” (6,08%) e “porque é uma matéria chata e difícil” (5,41%) (Tabela 16).

Tabela 16 – Opinião dos estudantes do primeiro ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG – sobre o gosto pela Literatura, 2011

Você gosta de Literatura? Por quê?	Quantidade	%
Sim, mas por vontade própria	29	19,59
Sim, porque adoro ler	28	18,92
Sim, porque é uma fuga do real	22	14,86
Sim, por ser uma compreensão do mundo	21	14,19
Sim, mas não como textos históricos	15	10,14
Sim, mas não gosto de ler os clássicos	06	4,05
Não, tem coisa mais interessante	10	6,76
Não, pois não gosto de ler	09	6,08
Não, pois é chato e difícil	08	5,41
Total	148	100,00

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

Quando interrogados sobre a questão do gosto por Literatura, os alunos do primeiro ano responderam que “gostam de ler”, porém não gostam de ser obrigados a lerem alguns livros determinados pela escola. Gostariam de ter autonomia para fazer suas próprias escolhas. Além disso, eles gostam de ler “por vontade própria”, “gostam dos livros e não da matéria” e “por ser uma fuga do real”.

Concernente à opinião dos estudantes do segundo ano sobre o gosto pela Literatura, nota-se que quase 4/5 (79,28%) dos estudantes do segundo ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI informaram que gostam de Literatura, sendo os principais motivos relacionados à “*vontade própria*” (20,72%), “*por gostar de ler*” (18,02%), “*por ser uma compreensão do mundo*” (17,12%) e “*por ser uma fuga do mundo real*” (13,51%), enquanto que os fatores que contribuem para o estudante não gostar de Literatura são “*pelo fato de eles terem outras coisas mais interessantes para fazer*” (8,11%), “*por ser chata e difícil de entender*” (7,21%) e “*por não gostar de Literatura*” (5,41%) (Tabela 17).

Tabela 17 – Opinião dos estudantes do segundo ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG – sobre o gosto pela Literatura, 2011

Você gosta de Literatura? Por quê?	Quantidade	%
Sim, mas por vontade própria	23	20,72
Sim, pois amo Literatura	20	18,02
Sim, por ser uma compreensão do mundo	19	17,12
Sim, por ser uma fuga do real	15	13,51
Sim, mas somente dos contemporâneos	06	5,40
Sim, mas não o contexto histórico/escolas	05	4,51
Não, tem coisa mais interessante	09	8,11
Não, pois é chato e difícil de entender	08	7,21
Não, pois não gosto de Literatura	06	5,40
Total	111	100,00

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

O que fica claro entre as respostas do primeiro e segundo anos do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI é o fato de os estudantes terem opiniões praticamente semelhantes sobre o gosto pela Literatura, inclusive os percentuais são muito próximos, tanto para o caso positivo quanto para o negativo. O que mais chama a atenção são as respostas qualitativas tão semelhantes, que foram analisadas *a posteriori*.

Portanto, a respeito do gosto por Literatura, a pesquisa mostrou que os alunos do segundo ano gostam de Literatura, contudo, é necessário um incentivo maior para a aproximação texto/aluno, no intuito de despertar desejo, prazer e emoção na leitura das obras, uma vez que as respostas mostram a distância que está se colocando entre os alunos e o texto literário.

Tabela 18 – Opinião dos estudantes do terceiro ano do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI – Viçosa – MG – sobre o gosto pela Literatura, 2011

Você gosta de Literatura? Por quê?	Quantidade	%
Sim, gosto dos livros e não da matéria,	34	31,78
Sim, por ser uma compreensão do mundo	30	28,04
Sim, mas não por obrigação	14	13,08
Sim, por ser um entretenimento	07	6,54
Não, pois é muito chato e difícil	11	10,28
Não, pois é inútil e desnecessária	07	6,54
Não, porque não gosto de ler	04	3,74
Total	107	100,00

Fonte: Dados da pesquisa, 2011.

No tocante à opinião dos estudantes do terceiro ano sobre o gosto pela Literatura, observa-se que quase 4/5 (79,44%) dos estudantes destacaram que gostam de Literatura, e os principais motivos estão relacionados a “gostar dos livros e não da matéria” (31,78%), combinando com as respostas dos alunos do primeiro ano (“por vontade própria” e “por adorar ler”) e com as do segundo ano (“por vontade própria” e “por amar Literatura”), “por ser uma compreensão do mundo” (28,04%%), sendo também compartilhada pelos alunos tanto do primeiro quanto do segundo ano, e “não por obrigação” (13,08%), enquanto que os fatores que contribuem para os estudantes do terceiro ano não gostarem de Literatura são “por ser muito chata e difícil” (10,28%), “por ser inútil e desnecessária” (6,54%) e “por não gostar de ler” (3,74%) (Tabela 18). Os fatores negativos são os mesmos compartilhados pelos alunos das outras duas séries do Ensino Médio do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI.

4.3 Análise e discussão dos dados apresentados

"Literatura é a imortalidade da fala".
(August Schlegel)

Pôde-se observar nesta pesquisa que, assim como para os teóricos, não existe consenso entre as respostas dos alunos do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI acerca da representação da Literatura. Inicialmente os alunos responderam que Literatura é:

Algo para viajar em mundos imaginários.

Quando estou lendo um livro, eu posso viajar na imaginação e ser qualquer coisa, um príncipe, um rei, um herói.

Analisando as respostas dos alunos em conjunto, pontuamos, em primeiro lugar, que a Literatura representa “algo para viajar em mundos imaginários”. Os alunos relacionaram a Literatura à leitura literária. Acreditamos que a leitura literária ocorre quando a imaginação é convocada a trabalhar com o intelecto, responsável pelas operações de decodificação e entendimento de um texto ficcional. O resultado é a fruição da obra, o sentimento de prazer motivado não apenas pelo arranjo convincente do mundo fictício proposto pelo escritor, mas também pelo estímulo dado ao imaginário do leitor, que assim navega em outros mundos, além do que está habituado.

É o que acontece com os alunos, ou seja, quando estão de posse da leitura de um livro, eles podem fugir da realidade e viajar no mundo imaginário da leitura. Essa afirmação se aproxima das concepções de Cândido (1981), quando este comenta que a Literatura está diretamente associada à função psicológica do leitor, em virtude da ligação estrita com a capacidade e a necessidade que o homem tem de fantasiar.

Por meio de suas falas entendemos que, para os alunos, os bons livros correspondem às suas necessidades internas de modelos e ideais de amor, de segurança e de convicção, que os ajudam a dominar os problemas éticos, morais e sociopolíticos da vida. Modelos vivenciados pelos personagens, cujas motivações e interesses íntimos geralmente não são percebidos pelos jovens, mas correspondem a concepções definidas de sua

experiência, ao encontrarem coisas e pessoas familiares ou não. Desejo de fugir da realidade e viver num mundo de fantasia, necessidade de autoafirmação, busca de ideais, conselhos e entendimento da realidade.

A leitura literária é um meio privilegiado, pois ajuda o leitor a dar forma à realidade e assim lançar e abrir caminhos por meio de seu imaginário de leitor. Isso demonstra que as obras literárias abrem várias janelas para o leitor viajar no mundo da imaginação, incitando cada um a compor seu próprio mundo com base em algumas lembranças ou fragmentos de percepção, em que as trocas entre espaços imaginários e materiais são incessantes. A Literatura pode diminuir a distância em relação à estranheza do mundo exterior ao tentar sair da confusão mental que provoca a incompreensibilidade inerente ao que está fora do indivíduo. É esse devaneio que faz com que os leitores fiquem imersos no pensamento meditativo e sejam deslocados para aventuras em outro cenário, diferente do seu habitual.

Percebe-se que a Literatura representa para os alunos uma forma de fugir da realidade e que a leitura os induz a se deslocarem do seu mundo para o mundo do texto, estabelecendo um vínculo dinâmico entre ficção e realidade. A leitura envolve o aluno de maneira integral, o corpo, os sentidos e a sensibilidade, a ponto de ele se imaginar em outro mundo, um mundo cheio de fantasias. Essa percepção dos alunos sobre a representação da Literatura também está de acordo com as ideias de Rocco (1989, p. 25), quando a autora fala que a Literatura, “[...] enquanto realização artística, cria um espaço multifacetado, que se revela rico em visões de mundo. A Literatura diz as coisas que conhecemos e fala fundamentalmente a nossa imaginação”. Isso significa que a Literatura proporciona essa liberdade de movimento no tempo e também no espaço através da sua linguagem peculiar, levando o leitor a imaginar que é possível fugir da realidade.

A leitura literária faz com que o leitor acione sua fantasia e seu imaginário, dando forma àqueles fenômenos representados na ficção. Contudo, estes fenômenos suscitam no leitor um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz conhecimentos e reflexões em quem lê. O pensamento dos alunos é semelhante às ideias de Todorov (2009, p. 24),

quando este argumenta que “[...] a Literatura, mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, ela amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-la e organizá-la”.

Assim, a Literatura produz no leitor um modo particular ou peculiar de lidar com a vida cotidiana, possibilitando outras formas de enfrentar os problemas, abrindo novos horizontes de expectativas. Os comentários dos alunos também convergem com as concepções de Petit (2008, p.32), quando ela fala que “[...] os livros e, em particular os livros de ficção, nos abrem as portas para um outro espaço, para uma outra maneira de pertencer ao mundo”. Segundo a autora, a leitura literária é libertadora e não aprisiona o leitor em uma passividade receptora, pelo contrário, oferece pistas para que o leitor encontre os desdobramentos particulares de sua liberdade, isto é, a leitura das obras de ficção, através do seu processo dinâmico e interativo, possibilita ao leitor visualizar novas perspectivas de mundo.

Os alunos transferiram suas fantasias para a Literatura, procurando expressar seu mundo interior de forma criativa, não tão bem elaborada quanto o escritor, porém, passando por situação similar, na medida em que o mundo criado agita seu imaginário e faz com que, de alguma maneira, este se manifeste e se transforme com o cotidiano, explicando sua própria realidade.

Essas ideias continuam presentes no imaginário da geração de jovens atualmente, valorizando, assim, o lado lúdico e transcendente que a Literatura assume. É uma marca, poderíamos dizer, comum ao longo dos tempos. Os leitores buscam, na leitura das obras literárias, ilusões, fantasias e prazer, ou seja, a Literatura é vista como um subterfúgio para romper com a monotonia do mundo real. Talvez seja exatamente por isso que obras como Harry Potter e Crepúsculo tenham feito tanto sucesso na geração atual.

Pontuamos também que, para os alunos, a Literatura está associada à leitura, como afirmaram simplesmente com a palavra “leitura”.

Para mim Literatura deveria ser apenas a leitura dos livros e não aquela parte teórica cansativa e muito chata.

Evidenciamos aqui a relação que os alunos fazem entre Literatura e ‘leitura’. Para os alunos, Literatura é “leitura”, ou seja, a Literatura está relacionada à prática da leitura de textos literários.

Acreditamos que a aproximação do aluno com o texto literário fará com que ele perceba que a prática de leitura melhora seus conhecimentos, expande sua experiência e compreensão do mundo no qual está inserido, pois, de acordo com Bordini (1985, p.27) apud Frantz (2005), [...] ler é conhecer, mas também conhecer-se; é integrar e integrar-se em novos universos de sentidos; é abrir e ampliar perspectivas pessoais; é descobrir e atualizar potencialidades”.

A leitura assume função crítica e social muito importante, dando ao homem direito à opção, a um posicionamento próprio diante da realidade. E, à medida que revela ao leitor esse mundo, desenvolvendo nele maior consciência individual e social, a leitura amplia a sua capacidade de pensar, sentir e interagir nas relações sociais de seu tempo. De acordo com Compagnon (2009), por meio da leitura das obras literárias o homem adquire experiência de autonomia, contribuindo, assim, para que ele tenha responsabilidade. A Literatura é, ao mesmo tempo, sintoma e solução do mal-estar na civilização, capacitando o homem moderno de uma visão que o leva para além das restrições da vida cotidiana.

A leitura literária permite ao leitor uma interpretação mais próxima da sua realidade e, ao mesmo tempo, o faz sair do seu cotidiano, visualizar outras realidades já existentes ou possíveis de concretizar. Acreditamos que, por meio da leitura, a elaboração simbólica do leitor seja acionada, levando a imaginar um retorno de um conhecimento sobre si mesmo. A leitura, às vezes, revela-se, explicita-se de forma luminosa e se transforma, graças a sua forma de contar uma história, a um fragmento ou a uma simples frase, em conhecimento profundo sobre o mundo.

A leitura literária promove transformação, conhecimento e compreensão crítica da realidade vivencial de cada leitor. O texto literário lida com o imaginário e a emoção do indivíduo, pressupondo respostas ao texto, num processo dinâmico e interativo, pois nas concepções de Soares (2004, p. 31), “[...] a leitura literária democratiza o ser humano porque mostra o homem à sociedade em sua diversidade e complexidade, e assim nos torna mais compreensivos, mais tolerantes”.

Para esses alunos, a Literatura está intrinsecamente ligada à leitura, mas àquela leitura prazerosa, de entrega total, procurando decifrar os enigmas

do texto, numa total interação entre leitor e texto. Por isso, deve-se levar em consideração todo seu repertório cultural, propiciando condições necessárias para que eles experimentem o prazer estético da leitura literária, visto que, na ótica de Chartier (1991, p.181), “[...] a leitura não é somente uma operação de inteligência: é pôr em jogo o corpo, é inscrição num espaço, relação consigo ou com outro. Por isso devem ser construídas as próprias maneiras de ler de cada comunidade de leitores”.

É muito importante que o aluno perceba os benefícios extraídos da leitura literária para sua vida. O ato da leitura não é um simples exercício sobre a escrita dos outros, mas uma apropriação do texto. Ler é uma forma de conhecer-se, inscrever-se no mundo, elaborando interpretações, dando-lhe sentido e significado. Ainda conforme Chartier (1991), a leitura é uma reconstrução que envolve os hábitos, as práticas de cada grupo de leitores, dependendo também da significação que, em determinado momento ou lugar, um público pode atribuir ao texto.

A leitura deve ser vista como ato emancipatório, que ultrapassa os limites da escola, permitindo ao leitor a continuidade e o aprofundamento do seu conhecimento do mundo além do período de escolaridade. Para Saraiva (2001), a leitura literária, aliada à percepção do mundo do leitor, deve ocorrer por meio de diferentes etapas de percepção, tais como ler, entender, interpretar e aplicar, relacionadas entre si de forma coerente e apoiadas no caráter estético dos textos. Para este autor, estas etapas se concretizam em três diferentes momentos: motivação à leitura, leitura compreensiva e interpretativa do texto e transferência e aplicação de leitura.

A obra literária é um objeto social. Isso equivale a dizer que sua existência pressupõe, no mínimo, um autor e um leitor, sem falar nos demais intermediários desse processo, como editor, livreiro etc. É, portanto, no processo de interação que se constituem os sentidos dos textos, sendo, por isso, fundamental a participação do leitor. Nesse sentido, Eco (1981, p.79) argumenta que “[...] um texto é produzido não para um único destinatário, mas para uma comunidade de leitores [...]”. Ou seja, este texto será interpretado através de complexa estratégia de intenções envolvendo os leitores.

O leitor dá sentido à sua experiência do texto, ou seja, o leitor vai para o texto com suas próprias normas e valores. Contudo, no processo da leitura, esses valores e normas são modificados pelos imprevistos que se encontra no decorrer da leitura. O sentido do texto é um efeito experimentado pelo leitor e não um objeto definido, preexistente à leitura, pois de acordo com Compagnon (2001, p.148), “[...] quando lemos nossa expectativa é função do que nós já temos lido”. E “[...] nossa leitura obriga-nos a reformular nossas expectativas e a reinterpretar o que já lemos”. Assim, “[...] a leitura garante uma significação totalizante à nossa experiência”.

A leitura, a partir dos seus efeitos, promove no leitor rupturas da vida cotidiana, abrindo caminhos para experiências futuras. Ou seja, a leitura é uma operação de percepção e de identificação que envolve a capacidade de interpretação e de apropriação do texto por parte do leitor. Segundo Eco (2003), é na experiência da leitura, na interação entre texto e leitor que as potencialidades do texto literário se efetivam e se ampliam. A leitura da Literatura suscita, mesmo sem a percepção do próprio leitor, fatos de sua vida e o ajuda a refletir sobre eles, vivenciando-os novamente.

É importante valorizar essa aproximação entre Literatura e leitura, pois a dinâmica que envolve o campo de saber da Literatura pressupõe, obviamente, uma prática, uma atividade que é a da leitura. Portanto, ler é condição *sine qua non* para vivenciar e teorizar sobre o mundo da Literatura. Essa assertiva envolve escola, família e sociedade, pois cada um desses espaços sociais tem a responsabilidade de colocar os alunos e cidadãos em contato com a leitura.

Vale salientar que muitos alunos pensam somente na escola, esse espaço formal da construção do conhecimento, vendo a Literatura apenas como

Disciplina escolar.

Mais uma matéria na escola.

Nesse sentido, a escola recebe uma atenção especial e a sala de aula, como espaço de interação e construção do conhecimento, precisa ser otimizada quando se pensa no contato do texto literário com os alunos. Além

disso, é preciso refletir acerca do ensino da Literatura na escola, pensando, por exemplo, se é possível aprender Literatura.

Acredita-se que a leitura da Literatura é uma experiência significativa e gratificante para o leitor, pois auxilia na ordenação de seu mundo e na busca de respostas para suas infinitas interrogações a respeito de si mesmo, do outro e da realidade que o cerca. Na visão de Zilberman (1982), a relação entre a Literatura e a escola decorre de que ambas compartilham da natureza formativa do indivíduo. Tanto as obras de ficção como as instituições de ensino influenciam de forma direta ou indireta a formação do ser humano. As fantasias e a imaginação existentes nas obras de ficção, em algum momento, irão promover reflexões sobre a realidade.

Sabe-se que, para a grande maioria da população brasileira, o espaço escolar é o único lugar em que é possível estabelecer interação com uma obra literária. Daí sua grande importância no contato e aproximação do indivíduo com a leitura, uma vez que este contato deve ser prolongado para a vida toda.

A escola precisa aceitar o desafio de educar não apenas para o desenvolvimento de competências, habilidades e saberes, mas também o desafio de colaborar com o desenvolvimento humano dos estudantes, garantindo a formação do homem e sua cidadania.

Ainda sobre a importância da Literatura na escola, Samuel (1999) argumenta que, historicamente, a Literatura sempre esteve ligada ao ensino, à aprendizagem, à formação formal e cultural do indivíduo. Portanto, a escola assume contribuição ímpar na formação do sujeito.

Sabemos que a realidade concreta apresenta-se muitas vezes aos nossos olhos de forma mascarada, multifacetada, mistificada e distorcida. Sua aparência é muito diferente da sua essência. A Literatura, por meio da ambiguidade da sua linguagem, afirma sua autonomia sobre a realidade concreta, denuncia e questiona essa falsa aparência do real, chamando a atenção para a sua essência. A arte, e em particular a Literatura, tem seu próprio mundo e ilumina o mundo da realidade a partir de uma desrealização, permitindo ao leitor ampliar seu universo vivencial. Contudo, esse processo somente ocorre se o indivíduo tiver contato concreto com a leitura. Portanto, é fundamental que a escola dê subsídios para a concretização desse objetivo.

Para Chartier (1996), a escola ocupa um lugar de destaque na formação de futuros leitores, pois, de acordo com o autor, o texto literário provoca reações variadas, estimulando e ampliando as experiências de vida do leitor, permitindo-lhe visualizar novas realidades.

Na defesa da inserção da Literatura na escola, as Novas Orientações Curriculares (OCENEM, 2006), reforçam que deve ser priorizado nas aulas de Literatura o contato direto com o texto e com as obras literárias, deixando em segundo plano a história da Literatura, as características dos autores e das estéticas, isto é, esses elementos secundários devem figurar apenas como um aprofundamento dos estudos.

Alguns alunos, quando ouvem falar de Literatura, lembram logo de escola, de matéria, de disciplina. Para eles, a Literatura está intrinsecamente associada à escola. Quando questionados sobre o que é Literatura, os alunos responderam que Literatura é

Uma matéria muito chata, parecida com história.

Eu adorava Literatura e ler meus livros antes de entrar no Coluni, mas quando cheguei aqui, sendo forçada a ler, parei com meu hábito de leitura. Portanto para mim, Literatura é uma matéria muito chata.

Matéria muito difícil e ainda sou obrigado a ler.

Para mim é algo muito complexo que mim faz passar aperto no colégio.

É um tipo de estudo feito de forma burocrática que tira o prazer de ler.

Diante destas respostas, presume-se que, embora a Literatura esteja presente nas orientações curriculares, ela não está conseguindo atingir o aluno, ou seja, não está havendo um contato direto dos alunos com o texto literário. Acredita-se que a aula de Literatura deveria ser um momento de aprendizagem sobre a estrutura e o funcionamento dos textos literários, realizada através da leitura e análise das obras. Contudo, pelas falas dos alunos, percebe-se que a disciplina é organizada de forma conteudista e enciclopédica, enfatizando o enfoque cronológico, além de ser voltada para o discurso didático sobre Literatura, ou seja, uma apropriação passiva do discurso pelo aluno, por isso ela é considerada chata, difícil e parecida com história.

Essas opiniões dos alunos convergem com as visões de Todorov (2009), quando este aponta que o ensino da Literatura está em perigo. Para ele, o problema está na forma como a Literatura tem sido oferecida aos jovens, desde a escola primária até a faculdade, pois o estudante não entra em contato com a Literatura mediante a prática de leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com a crítica, a teoria ou somente por meio dos conhecimentos da história literária, isto é, seu acesso à Literatura é mediado pela forma “disciplinar” e institucional.

Acreditamos que a leitura literária na escola, além de ampliar o conhecimento, formar cidadãos críticos, também possibilita a instrumentalização do leitor para outras leituras. Nessa perspectiva, o ensino de Literatura tem por objetivo criar e mediar situações de aprendizagem através da interação do aluno com o texto. Contudo, por meio das falas dos alunos parece que não está ocorrendo essa fruição, esse encontro da leitura tão útil para suas vidas.

Espera-se que a escola, ao aproximar o aluno do texto literário, amplie as capacidades e possibilidades na construção de sua identidade e sentidos para a vida, já que a leitura evoca associações, emoções e fantasias, propiciando ao aluno a vivência do literário. A escola tem o dever de aproximar o aluno da Literatura, facilitando sua aprendizagem, sem complicá-la, trabalhando o conteúdo de forma fácil e descomplicada, para facilitar o entendimento, pois, agindo desse modo, gera no aluno total interesse pela leitura literária.

Convém salientar que algumas respostas dos alunos sobre a representação da Literatura estão associadas à obrigatoriedade da disciplina, como se pode constatar a seguir:

Eu adorava Literatura e ler meus livros antes de entrar no Coluni, mas quando cheguei aqui, sendo forçada a ler, parei com meu hábito de leitura. Me forçaram a ler livros que eu não gosto ,ou então a aula é somente sobre as escolas literárias. Portanto para mim, Literatura é uma matéria muita chata.

Para mim Literatura abre-se em duas correntes: a boa e a ruim. A boa é quando eu leio por vontade própria sem ser forçado. A ruim quando tenho que aprender sobre as escolas literárias e ser forçado a ler e interpretar os textos.

Algo imposto pela escola, em que deveria ser feito por prazer.

Leitura obrigatória.

Leitura obrigatória. Somente isso.

Literatura deveria ser um prazer, e não um dever.

Acreditamos que essa imposição, essa insistência na leitura obrigatória dos livros pode transformar a leitura, que deveria ser um prazer, num desagradável dever e, assim, percorrer o caminho inverso na formação de leitores, afastando-os dos livros ao invés de aproximá-los. Essas ideias dos alunos sobre a obrigatoriedade da Literatura estão de acordo com o pensamento de Barthes (2010, p.20), quando este autor argumenta sobre o prazer da leitura dos textos literários. Para ele, fundamental é que se instaure “o desejo” e que a leitura não se configure, como normalmente ocorre, em “amargo dever”, mas sim num direito infinito do leitor, um direito de “supracodificação”, um direito de produção e atribuição de sentido que enlaçam a leitura.

É evidente o desconforto dos alunos no que tange à condução do ensino de Literatura e à imposição das leituras. Com certeza essa forma de explanação da Literatura desencanta e retira o gozo para a leitura literária. Ainda mais quando há dezenas de páginas para serem lidas em tempo escasso, com vocabulário desconhecido. Mais que isso, o aluno ainda precisa relacionar autor a tal escola, para não falarmos na estrutura do texto, às vezes inusitada. O que esperar, senão o desânimo, a decepção consigo mesmo e o desafeto pela Literatura?

O conhecimento aprofundado das obras literárias é quem garante a aproximação do aluno com a Literatura. Óbvio que aqui se fala de um contato por prazer, no qual o professor não deve se abster de mostrar aos alunos que a obra literária é sempre uma leitura crítica do real. Isso promove exercícios de liberdade, ou seja, liberdade no uso da linguagem, estereotipada no uso cotidiano, e liberdade do imaginário, oposto a uma suposta fatalidade da história.

Os alunos que gostam de Literatura devem ser conscientizados a compreender que o ato da leitura é um momento que lhes acrescenta saberes,

que possibilita transformação e evolução intelectual e psicológica. Contudo, alguns leitores encontram no livro o peso da imposição, da obrigação imposta pelos professores que não indicam, mas cobram a leitura, reforçando a ideia de que a aula de Literatura é chata e difícil.

O ato da leitura deve ser um ponto de encontro entre o texto e o leitor, promovendo reflexões sobre a realidade. Esse exercício, longe de ser mecânico, como tarefa escolar obrigatória, extravasa o exterior e se impõe como demanda interna, em que o leitor arquiteta o novo como fruto de um desejo despertado para dizer algo a mais, mesmo que sejam perguntas, discordâncias e devaneios.

Barthes (2010) comenta que a leitura de um texto literário decorre de um misto entre leitura de prazer e leitura de fruição, na qual a leitura de fruição não se esgota ao final do livro, pois são sensações que permanecem conosco por um longo período, numa espécie de usufruto e compreensão do texto lido, enquanto que, na leitura de prazer, estas sensações se esgotam rapidamente, ou seja, são leituras efêmeras.

É verdade que o sentido da obra não se resume ao juízo puramente subjetivo do aluno, mas diz respeito a um trabalho de conhecimento. Portanto, para trilhar esse caminho, pode ser útil ao aluno aprender os fatos da história literária ou alguns princípios resultantes da análise estrutural. Entretanto, em nenhum caso o estudo desses meios de acesso pode substituir o sentido da obra, que é o seu fim.

Presume-se que o aluno (leitor) lê as obras literárias não para melhor dominar um método de ensino, tampouco para retirar informações sobre a sociedade a partir das quais foram criadas, mas para nelas encontrar um sentido que lhes permita compreender melhor o homem e o mundo, para descobrir uma beleza que enriqueça sua existência. Logo, o professor deve ter muita atenção quanto a sua abordagem sobre a Literatura. Do contrário, dificilmente poderá ter como consequência o amor dos alunos por ela.

Acredita-se que, para quem aprecia a Literatura, esta tem um papel vital a cumprir, pois o leitor procura nas obras que lê aquilo que pode dar sentido a sua vida. A Literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos. Ela, diferentemente dos discursos religiosos,

morais ou políticos, não formula um sistema de preceitos e, por essa razão, escapa às censuras. Os discursos utilizados pela Literatura não são regras, por isso têm mais chance de ganharem voz e serem ouvidos numa obra literária que numa obra filosófica ou científica. A realidade que a Literatura aspira compreender é simplesmente a experiência humana.

Deve-se chamar a atenção para as seguintes respostas dos alunos quanto à utilidade da Literatura como disciplina escolar:

Literatura como matéria escolar para mim é algo desnecessário, que deveria ser substituída por outra matéria mais importante.

Inútil, utopia, ilusão para os fracos, perda de tempo total. Não me fará ganhar dinheiro nunca, apenas conteúdo, não me ajudará construir um prédio, um carro, um abrigo, ou quando eu estiver fazendo a prova do ITA, Engenharia, Direito e Medicina, são os melhores. Chupa Literatura. Eu detesto Literatura.

Diante das falas dos alunos, presume-se que talvez não lhes foi dado, nem pela escola, nem pela sociedade e família, a oportunidade de vivenciar a Literatura no que ela tem de útil para vida. Ou simplesmente eles não gostam de Literatura, e isso deve ser entendido, pois esta é a representação ou significado que a Literatura tem para eles. Contudo, para nós, que acreditamos na Literatura, pensamos que ela não deve ser elencada na categoria de valores materialistas, pragmáticos e imediatistas, mas numa categoria de valor imaterial inestimável. Conforme Calvino (1993), não se deve pensar que a leitura da Literatura deve ser realizada porque serve para qualquer coisa. Segundo o autor, não se deve procurar um caráter utilitarista nas obras literárias.

Também acerca do valor imaterial da Literatura, Aguiar (1993), comenta que, para se viver numa sociedade capitalista como a nossa, que só valoriza o útil, o prático, o imediato, é difícil aceitar a ideia da gratuidade da Literatura e da arte em geral. No entanto, a Literatura pode suscitar prazer, porque tem seu fim em si mesma, isto é, funciona como um jogo em torno da linguagem, das ideias e das formas, sem estar subordinada a um objeto prático imediato.

Ademais, acreditamos que, na leitura das obras literárias, pode-se encontrar, além da ampliação de conhecimentos e novas visões da realidade,

beleza, magia, prazer, emoções e sensações numa espécie de usufruto. Um prazer de percepção, de sentimentos, algo significativo e gratificante para a vida, porque acredita-se que o mundo não vive somente do pragmático e do imediato, também vive de momentos de contemplação não aquisitiva.

É sintomático que a fala dos alunos venham refletir o contexto utilitarista e pragmático no qual vivemos. Para eles, Literatura não deixa ninguém rico financeiramente. Porém, estamos aqui falando de valores, um legado que a Literatura nos deixa. Cultura, sensibilidade, formação de conhecimentos abrangentes, uma arte não são sinônimos de riquezas materiais, mas sim de outros valores imateriais.

Outras definições de Literatura expressas pelos alunos estão relacionadas à linguagem e sentimentos, como a seguir:

Uso da linguagem.

Expressão de sentimentos.

A representação dos alunos sobre a Literatura ser “linguagem” está presente ao longo desta dissertação, pois alguns teóricos são unânimes em afirmar que a linguagem é o veículo primordial da Literatura. Portanto, as ideias dos alunos são análogas às de teóricos como, por exemplo, Wellek (1987), Barthes (1978) e Yunes (1988). Wellek (1987, p. 24), comenta que “[...] a linguagem é o material da Literatura, tal como a pedra ou bronze o são da escultura”. No entanto, a linguagem não é uma matéria meramente inerte como a pedra, mas já em si própria uma criação do homem e, como tal, repleta de herança cultural.

Assim, é na Literatura como linguagem e instituição que se expressam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos por meio dos quais uma sociedade expressa e discute simbolicamente seus impasses, seus desejos e suas utopias.

Barthes (1978) propõe que a Literatura é a utilização da linguagem não submetida ao poder, pois a linguagem literária não necessita de regras de estruturação para se fazer compreender. A linguagem literária não obedece a qualquer regra estrutural fixa. O autor é livre para escolher e criar uma estrutura própria, que proporcione uma clara expressão de seus sentimentos e

ideias. A linguagem literária assume aspectos de representação e demonstração. A linguagem passa a ter “sabor”. Enquanto que, no discurso científico, é direta e não permite ambiguidades, já na linguagem literária as palavras assumem novos significados e representações.

Sabe-se que a natureza da Literatura é a sua linguagem peculiar, ou seja, como ela é utilizada no texto, promovendo articulações referentes ao contexto da narrativa e às múltiplas interpretações possíveis. Assim, o artefato literário deixa em aberto a relação da obra com o mundo, de tal forma que as interpretações possam ser articuladas de acordo com as leituras e leitores de diferentes épocas. O posicionamento dos alunos também é semelhante ao de Yunes (1988), quando este argumenta que linguagem literária não se limita, simplesmente, a referir ou a reproduzir uma realidade preexistente, mas que, através da sua natureza simbólica, ela possibilita ao leitor dar diversos sentidos ao texto, devido a sua linguagem altamente polissêmica que permite o surgimento de múltiplas leituras.

Por sua natureza, a Literatura é caracterizada pela capacidade de simbolização, significando que a função poética da linguagem se sobrepõe à função referencial, instaurando, assim, a ambiguidade do discurso literário. Nesse sentido é que se pode pensar que tanto mais rico será o discurso literário quanto maior for a diversidade de leituras que ele possibilita.

Percebe-se que os alunos foram profícuos e sensíveis quando relacionaram a Literatura com a linguagem e sentimentos, porque a linguagem ambígua das obras literárias é o veículo essencial de transmissão de ideias, de conhecimentos, repassados para o público leitor, levando-o a vivenciar novas realidades por meio da leitura de um livro.

Por outro lado, quando os alunos responderam que a Literatura é a “expressão de sentimentos”, essas opiniões se aproximaram das ideias de Wellek (1987, p. 34), quando ele diz acreditar que as emoções representadas na Literatura não são, nem em relação ao escritor, nem em relação ao leitor, iguais às experimentadas na “vida real”, porém são emoções “recordadas com tranquilidades”, são expressadas, ou seja, libertadas pela análise, são sentimentos de emoções, percepções de emoções. Acredita-se que as obras literárias expressam vários sentimentos, assim o autor pode se utilizar da

Literatura para extravasar seus sentimentos que podem ser de felicidade, raiva, angústia, enfim, são formas de expressão de sentimentos que também podem se despertar nas pessoas quando leem as obras literárias.

Os sentimentos expressados pela leitura das obras literárias são de ordem particular, subjetiva, fazendo apelo às emoções e à empatia do ser humano. São sentimentos de singularidade numa espécie de usufruto após a leitura. Podem ser sentimentos de inquietação, de reflexão de tranquilidade ou prazerosos, enfim, são sentimentos que, às vezes, não podem ser descritos, apenas vivenciados.

As ideias dos alunos também convergem com as de Barthes (2010), quando ele argumenta que, para que a leitura se estabeleça, os sentimentos expressos pelo autor devem ser identificados com os sentimentos do leitor, pois somente assim o leitor será seduzido, ou não, pelo enredo produzido pelo autor. “O texto que o senhor escreve tem de me dar prova de que ele me deseja. Essa prova existe: é a escritura. A escritura é isto: a ciência das fruições da linguagem, seu kama-sutra” (BARTHES, 2010, p.20).

Ainda conforme Barthes (2010, p.21), “o prazer do texto é semelhante a esse instante insustentável, impossível, puramente romanesco, que o libertino degusta ao termo de uma maquinação ousada, mandando cortar a corda que o suspende, no momento em que goza”. Durante a leitura há manifestação de sentimentos que se alternam e, juntos, proporcionam o prazer, a raiva, a indignação, a admiração, o medo, o arrebatamento, entre tantos outros que podem ser suscitados durante a leitura, fazendo o leitor suspirar por diversos motivos, até mesmo pela provocação deste. À medida que a leitura avança, o processo de identificação vai se intensificando e, assim, o leitor vai revendo seus diversos papéis sociais.

Os alunos também relacionaram Literatura à

transmissão de conhecimentos.

representação da realidade.

Quanto a estas falas dos alunos, acredita-se que a Literatura, por meio da sua abrangência, permite ao ser humano a ampliação de conhecimentos e compreensão do mundo e de si mesmo. A Literatura abre ao infinito essa

possibilidade de interação com outras fontes de conhecimentos, atualizando-as e potencializando-as. As opiniões dos alunos convergem com as ideias de Rocco (1989, p.125), quando este enfatiza que “[...] a Literatura é uma forma de conhecimento que projeta dimensões imponderáveis do real; de um real que é histórico, de um real que é psicológico, de um real que é também individual e social”.

Quando os alunos responderam que a Literatura “representa a realidade”, as respostas são semelhantes às de Barthes (1978), pois, para este autor, a Literatura é a representação do real. Esta representação, no entanto, é feita de um modo especial, uma vez que o real não pode ser plenamente representado em um plano unidimensional por ter uma natureza distinta, pluridimensional. Assim, a Literatura é utópica, pois permite a criação de novas realidades, conferindo às palavras uma verdadeira heteronímia das coisas.

Percebe-se que a Literatura mantém um vínculo com a realidade, um elo de estreita ligação, ou seja, o escritor se apropria de fatos comprováveis, isto é, fatos com uma certa lógica consistente ao mundo real para poder escrever sua obra. O seu desafio é explorar e desenvolver essa idéia narrativa dentro de certas restrições. Assim, usando a ficção, mas produzindo no leitor um efeito do real, a obra será escrita. Coutinho (1987) argumenta que a Literatura mantém uma estreita relação com a vida cotidiana, ou seja, ela é uma representação simbólica do real e, por isso mesmo, ambígua. A Literatura transforma a realidade em arte por meio de instrumentos específicos, fazendo do ambíguo a essência de seu processo de comunicação, instaurado, a partir de signos multifacetados e plurissignificativos, a sua linguagem.

A Literatura, mediante sua linguagem carregada de significados, promove no leitor uma visão aberta do mundo, com novas possibilidades de interpretações da realidade. Isso não significa, porém, a imposição de novos modelos e valores em substituição aos antigos. De acordo com Cândido (1981), as obras literárias causam interação entre leitor e personagem, o que culmina na identificação de uma realidade que não é a sua, mas que faz parte de uma cultura própria. Essa integração faz com que o leitor incorpore a realidade da obra às suas próprias experiências pessoais.

Portanto, este é um ponto que podemos e devemos explorar quando se pensa na aproximação Literatura e juventude. Os alunos não estão totalmente alheios à expressão literária, como quer o discurso do senso comum.

Na ótica dos alunos, a Literatura também pode ser conceituada como uma forma de

humanizar o homem.

A Literatura age de forma intensa sobre o indivíduo, através do seu potencial de representar e apresentar experiências humanas, oferecendo ao sujeito perspectivas emancipadoras e humanizadoras, promovendo reflexões sobre sua própria condição. Portanto, ela pode ser caracterizada como um instrumento de libertação do homem, possibilitando, a partir da reflexão, que ele se torne sujeito de sua história. As respostas dos alunos são semelhantes às concepções de Cândido (2002, p.85), pois, para este autor, a Literatura exprime o homem e depois atua na sua própria formação. A Literatura, como a vida, ensina na medida do possível, ou seja, “[...] a Literatura não corrompe nem edifica, mas humaniza em sentido profundo, porque faz viver”.

Acredita-se, mesmo que as respostas relacionadas a essa ideia tenham sido em menor frequência, que a Literatura é o capital cultural de uma sociedade e, conseqüentemente, responsável pelo grau de cidadania de que desfruta o cidadão, sendo movida pela imaginação, tendo a capacidade de comover e de conduzir o indivíduo a questionar emocionalmente as instituições sociais da qual ele participa. Nesse aspecto, as opiniões dos alunos se aproximam das ideias de Yunes e Pondé (1988, p.10), quando argumentam que “[...] um dos papéis da arte na vida social, hoje [...] é a formação de um novo homem, uma nova sociedade, uma nova realidade histórica, uma nova visão do mundo”.

Portanto, a Literatura é uma expressão social que implica na atividade de construção de conhecimento de interação do homem com o universo e consigo mesmo. Ela expressa o conhecimento do mundo, mediante sua linguagem carregada de significados. Os alunos retomam as ideias de Calvino (1990), quando este argumenta sobre o poder que a Literatura exerce no ser humano: “[...] minha confiança no futuro da Literatura, consiste em saber que

há coisa que só a Literatura com seus meios específicos pode nos dar” (CALVINO, 1990, p.11). Assim, segundo o autor, a Literatura possui um conhecimento profundo sobre o mundo e o homem, de forma que ela nos ensina muito mais sobre a vida que longos tratados científicos.

Posto isto, convém salientar que o objetivo da Literatura não é meramente moral, mas a explicação do real, a sublimação das emoções não realizadas na vida. A Literatura fornece orientação imagética para o futuro, por meio de imagens alegóricas, de ensinamentos universais que podem ou não ser diluídos nas metáforas e, assim, ter pluralidade de significados. Todorov (2009) comenta que, sendo o objeto da Literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano.

Os alunos também responderam que Literatura é

prazer e entretenimento.

A Literatura, além de proporcionar conhecimento, também jogando com palavras, ritmos, sons e imagens e conduzindo o leitor a mundos imaginários, causa prazer aos sentidos e à sua sensibilidade. O autor brinca com as palavras, desabafa, instiga, questiona, informa, revela, finge, às vezes, a dor que não tem. São palavras, muitas vezes criadas para entreter, por isso, diz-se que arte é um passatempo como o jogo, a arte da Literatura serve para divertir e entreter o leitor.

Sabe-se que a experiência da leitura decorre das propriedades da Literatura enquanto forma de expressão que utilizando-se da linguagem verbal, incorpora a particularidade desta de construir um mundo coerente e compreensível. Esse universo se alimenta da fantasia do autor, que elabora suas imagens interiores para se comunicar com o leitor. Essa comunicação ocorre de forma prazerosa e não subordinada a imposições, pois, a Literatura também é ludismo, jogo, fantasia, beleza e emoção e, por esta razão, ela se torna uma gostosa e emocionante experiência.

As opiniões dos alunos retomam as concepções de Coutinho (1987), quando este comenta que a Literatura, por meio do seu aspecto estético-literário, desperta no leitor um tipo especial de prazer, ou seja, o sentimento

estético e incorpora a sensibilidade como elemento formador do sujeito. É através de sua natureza específica e do prazer que dela se usufrui que as obras literárias ainda resistem ao tempo e às mudanças de civilização e de cultura.

A leitura mobiliza essencialmente as experiências emocionais do leitor, para que eles experimentem o prazer estético através da leitura. Dessa forma, o prazer e o divertimento dentro da leitura induzem a um deslocamento do mundo social representado, ou seja, do mundo do leitor ao mundo do texto. As opiniões dos alunos também se aproximam da visão de Wellek (1987), quando este autor comenta que uma obra literária exerce com êxito a sua função, isto é, prazer e utilidade, devendo-se não só coexistirem, mas se fundirem. O prazer da Literatura não é apenas uma preferência entre uma lista de prazeres possíveis, mas sim um prazer mais sublime.

Esse posicionamento dos alunos sobre a Literatura ser “prazer e entretenimento” também se aproxima das definições de Literatura para Compagnon (2009), quando este argumenta que a Literatura é o meio pelo qual o homem adquire seus primeiros conhecimentos e, ainda, a experiência do prazer através da *catharsis* ou purificação através da representação.

Posto isto, a Literatura pode despertar no leitor deleite, comoção e diversão. Acreditamos ser possível ensinar Literatura de forma descontraída, pois a diversão não está necessariamente desvinculada da aprendizagem e a leitura da Literatura pode ensinar deleitando.

Quando o aluno expressou

Não sei muito bem o que é Literatura, mas acho que é um meio de mostrar a cultura de uma época para outras gerações,

observa-se, nesta fala, que ele parece desconhecer a Literatura, no entanto a definiu. Poderíamos até ampliar a definição discutindo que a Literatura não apenas mostra a cultura de um povo, mas possui um valor incomensurável, que promove conhecimento e transformações no ser humano. Também presume-se que a escola não está deixando claro o quanto a Literatura é importante para a formação do aluno. Essa ideia converge para a opinião de Sodré (1976), quando argumenta que a Literatura representa o

desenvolvimento intelectual, isto é, a cultura de um povo. Ela expressa o grau de ciência e civilização que o ser humano possui. A Literatura é a reunião de tudo quanto exprime a imaginação e o raciocínio pela linguagem e pelos escritos.

Acredita-se que a escola é o espaço no qual deve ocorrer a maior aproximação possível do aluno com a Literatura, pois, quando se entra em contato com o mundo ficcional de uma obra literária, depara-se com inúmeros valores, atitudes, ações, descritos no texto que poderão influenciá-lo, modificando-o na forma de conduzir a sua vida.

Na abordagem sobre a função da Literatura, os alunos do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI responderam que a Literatura tem várias funções, que analisadas e discutidas abaixo. Dentre as respostas dos estudantes, podemos começar com o seguinte bloco:

Compreensão do mundo.

Enriquecimento cultural.

Pode-se pensar, então, que a função social da Literatura é ajudar o homem a compreender o mundo e, através da leitura das obras literárias, enriquecer culturalmente libertando-se, assim, dos preceitos impostos pela sociedade. A obra literária é um objeto vivo, resultante das relações dinâmicas entre escritor, público e sociedade. E, assim como a obra de arte nasce vinculada a certa realidade, ela também pode interferir nesta mesma realidade, auxiliando no processo de transformação social, porque, conforme Compagnon (2009), a Literatura, além de ser uma compreensão do mundo, funciona como um remédio, ou seja, ela tem o poder de libertar o homem de sua sujeição às autoridades, sendo um instrumento de justiça e tolerância.

Para as respostas dos alunos segundo os quais a função da Literatura é “compreender o mundo” e “enriquecimento cultural”, essas opiniões estão de acordo com os argumentos de Soares (2004), quando diz que a Literatura, sendo social, proporciona ao homem uma compreensão do mundo e enriquecimento cultural, podendo atuar na sua personalidade, modificando-o de tal forma a ser mais consciente dos seus atos e a agir com respeito para com seu semelhante, ou seja, aceitando o outro na sua alteridade.

As obras literárias têm uma função social, elas são escritas para a humanidade, podendo induzir a ensinamentos. Quando um texto literário é produzido, acredita-se que esse mundo ficcional sirva como modelo e que, a partir dele, o ser humano possa extrair, dessa experiência estética (a leitura da obra literária), um exemplo ou um ensinamento. A Literatura é, a um só tempo, divulgadora de ideias e um canal para educar os homens, ensinando-lhes as complexidades e afastando-lhes das visões e das compreensões simplistas da vida.

A leitura literária talvez não ensine nada, nem queira fazê-lo, mas seu consumo induz a práticas socializantes que, estimuladas, mostram-se democráticas e igualitárias. O ângulo social da Literatura decorre dos efeitos desencadeados pela leitura. O leitor tende a socializar a experiência, comparar as conclusões com as de outros leitores e discutir preferências. A leitura estimula o diálogo, por meio do qual se trocam resultados e se confrontam gostos e opiniões.

Quando os alunos responderam que a função da Literatura é “formar cidadãos críticos” ou “educar e criticar a sociedade”, observamos o ponto de confluência importante para orientar as nossas práticas pedagógicas, ao contrário de ficarmos saudosistas e nostálgicos, repetindo o discurso de que o passado foi melhor e até mesmo idealizando um ‘leitor modelo’.

Acreditamos, assim como as opiniões dos alunos, que a Literatura aguça o senso crítico e a criatividade de leitores, expectadores e ouvintes. Em contato com diversas leituras, o público encontra sugestões para suas próprias produções de significados. Assim, a Literatura pode educar e formar cidadãos críticos. As opiniões dos alunos são semelhantes às de Coutinho (1987), quando este argumenta que a Literatura é um fenômeno estético, uma arte, a arte da palavra. Seu propósito não é informar, educar, doutrinar, pregar e documentar. Contudo, isso é possível pela reflexão crítica e pelo questionamento proporcionado pela leitura literária, porém, não são regras dos seus pressupostos. Compagnon (2009) também argumenta que a Literatura detém um poder moral, pois instrui deleitando.

Desse modo, os escritores de Literatura podem ligar-se aos valores ideológicos vigentes e utilizá-los nos seus temas, causando impacto quando

estão se comunicando com seus públicos, pois a Literatura é expressão de uma sociedade.

Quando o aluno respondeu que a função da Literatura é

preparação para o vestibular,.

observa-se, nesta fala, que essa ideia está novamente vinculada à escola e à noção de um contexto pragmático e pontual. A Literatura não tem outra utilidade, é vista apenas como um veículo para atingir sua meta, passar no vestibular. Nesse caso, ela representa para o aluno apenas um trampolim e não algo que o leve a reflexões, indagações, prazer e deleite, mas que assim foi colocado pelo contexto social. A responsabilidade não é do aluno e sim de políticas sociais, com poucos investimentos em bibliotecas públicas e incentivos ao acesso à cultura em geral, bem como de políticas educacionais, cujas reformas curriculares priorizaram o tecnicismo e a formação objetiva. Portanto, fica nítida a discrepância entre as concepções dos teóricos estudados nesta dissertação, já que, de acordo com Todorov (2009, p.24), “[...] a Literatura abre ao infinito a possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo”.

Barthes (2007, p.17), também argumenta sobre a importância da Literatura para o indivíduo, comentando que “[...] a Literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; que sabe muito sobre os homens”. Ou seja, a Literatura não é um produto fixo, inacabado, pois ela assume muitos saberes, assim como a vida ensina, na medida do possível, agindo de forma direta ou indireta sobre o ser humano.

São falas dos alunos quanto à função da Literatura:

Sinceramente, acho que ela não tem função nenhuma a não ser enriquecer os autores.

Para mim não tem nenhuma função. Talvez tenha para quem gosta dela. Eu não sei para que isso vai me ajudar.

Nenhuma. Vejo-a como uma matéria a mais para encher a proposta curricular e piorar a vida dos estudantes (dar bomba).

Encher o bolso do professor.

Para mim ela não tem função nenhuma. Ela é Inútil.

Totalmente desnecessária.

Estudar o passado, as funções de tal texto no passado, ou seja, não tem nenhuma função.

Estudar o passado.

Estas respostas demonstram a representação de Literatura que eles criaram ao longo de suas vidas, seja no convívio familiar, social e/ou escolar. Embora tais respostas sejam contrárias às opiniões dos teóricos e estudiosos de Literatura e, quando lidas pela primeira vez, causam aversão, elas merecem ser consideradas, pois expressam as diferentes opiniões, além de sinalizarem que não são todas as pessoas que tomam a Literatura como salvadora da humanidade. Pelo contrário, estas respostas são válidas e pertinentes na medida em que nos levam a pensar na ingenuidade, às vezes defendida por nós, professores, de que Literatura é a melhor coisa do mundo, querendo, com isso, que o aluno repita o discurso, mas não experimente, através do contato direto com o texto literário, as 'maravilhas e decepções' que a Literatura expõe.

Assim, retomamos as ideias de Moscovici (1978), defendendo que as representações são “[...] uma modalidade de conhecimento particular”, que têm por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos. O estudo das representações sociais, nessa perspectiva, consiste na análise dos processos pelos quais os indivíduos, em interação social, constroem teorias sobre os objetos sociais, tornando-os viáveis à comunicação e à organização dos comportamentos. Assim entendidas, as representações “[...] alimentam-se não só das teorias científicas, mas também dos grandes eixos culturais, das ideologias formalizadas, das experiências e das comunicações cotidianas” (MOSCOVICI, 1978, p. 43).

Destarte, as representações que os alunos têm sobre a Literatura podem parecer grosseiras e agressivas para quem ama e convive com algo tão valioso como ela. Porém, são as opiniões dos alunos, seu gosto, ou seja, suas preferências, porquanto devem ser respeitadas. Ademais, na concepção de Jodelet (1986), as representações sociais são pensamentos gerados pela coletividade, ou seja, são indivíduos pensantes, não são apenas

processadores de informações, nem meros portadores de ideologia ou crenças coletivas, mas pensadores ativos que, mediante inúmeros episódios cotidianos de interação social, produzem e comunicam incessantemente suas próprias representações e soluções específicas para as questões cotidianas.

Lane (1993), também comenta sobre a representação que os indivíduos constroem ao longo de suas vidas da seguinte forma: a representação social está associada à compreensão dos indivíduos sobre o mundo que, através da representação buscam entender os aspectos relacionados aos comportamentos sociais. As representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais e sociais, integrados à linguagem e à comunicação do indivíduo.

Seguindo com essa mesma opinião, Silva (1999) comenta que a representação está inscrita na cultura de cada indivíduo. Desse modo, a representação muda e se adapta conforme o contexto, o uso e as circunstâncias históricas, isto é, está sempre sendo negociada, para ressoar em novas situações. A representação não é fixa, estável nem determinada, ela é um sistema de significação, portanto, os processos e as práticas envolvidos nesse sistema são fundamentalmente sociais e envolvem os interesses, os medos e as fantasias do indivíduo, construindo e interpretando as diferentes situações com que se defronta no meio em que está inserido.

As representações são constantemente produzidas e intercambiadas nas interações pessoais e sociais das quais os indivíduos participam. Elas também são produzidas através de uma variedade de meios e, especialmente, nos modernos meios de comunicação de massa, permitindo que as representações circulem entre diferentes culturas em grande escala. Os significados reproduzidos pelas representações dos indivíduos regulam e organizam as suas condutas e práticas, de acordo com as normas estabelecidas da sociedade. Portanto, entendemos e respeitamos o ponto de vista dos alunos.

Contudo, nós que temos outra representação da Literatura acreditamos que esta desempenha várias funções, mas depende do gosto e da subjetividade de cada pessoa. Ela pode exercer grande influência na personalidade do ser humano, modificando-o de tal forma a ver o mundo por

outro prisma, tornando-o mais consciente dos seus atos. Porém, se a Literatura não possui nenhum significado para o aluno, sendo vista como empecilho na sua vida estudantil, acreditamos que não se pode forçá-lo a vê-la por outro ângulo, a não ser que ele deixe transparecer um mínimo de interesse. Então, será possível despertar desejo, prazer, ou seja, contagiá-lo pelas leituras das obras literárias, pois a Literatura é significativa para quem gosta e aprecia seu valor.

Quanto à questão material, a Literatura pode suprir de outra forma, através do seu potencial de sensibilizar e estimular o emocional do leitor, mostrando-lhe outros caminhos a serem percorridos, não restringindo o leitor somente ao materialismo utilitário e ao imediato, já que a obra literária tem o seu fim em si mesma.

Os jovens precisam entender que toda arte, neste caso particular, a Literatura, é, antes de tudo, um instrumento de prazer cultural. É gratuita, pois não possui vinculação imediata com uma necessidade material, útil à vida do sujeito. A comunicação do objeto artístico ocorre, principalmente, por meio da emoção, da admiração, da intuição, das associações, das evocações e das seduções. Obviamente, sabemos que isso é remar contra a maré, pois o contexto capitalista e mercadológico nos impõe outras maneiras de viver. Entretanto, isso nos deixa atentos para a questão de que nem todos compartilham com essas ideias, mas aqueles que escolhem a linguagem literária como objeto de estudo e de ensino devem encarar as suas complexidades e fugir das classificações simplistas e idealizadas.

Posto isto, presume-se que se faz necessário que os alunos sejam alertados, ou seja, a escola deve assumir o papel de lhes mostrar o significado da Literatura, uma vez que eles falam que a Literatura serve somente para encher o bolso dos professores e autores. A Literatura pode enriquecer culturalmente, não só financeiramente. Nesse sentido, fica evidente que é hora de buscar práticas de ensino esclarecedoras e condizentes com o texto literário, com o propósito de mostrar a relevância e a importância que a Literatura assume na vida do indivíduo, levando-o à compreensão e à reflexão sobre a condição humana.

Quando os alunos declaram que a Literatura “serve apenas para estudar o passado”, portanto “não tem função nenhuma”, embora seja uma afirmação paradoxal e ambígua, está claro que é a representação que eles têm sobre a Literatura, como comentado anteriormente. No entanto, podemos inferir que estudar o passado é fundamental, ou seja, é pré-requisito para se projetar o futuro. A Literatura atinge a universalidade, ela pode partir do particular e do específico, buscando atingir uma dimensão mais ampla, que extrapola o tempo e o espaço, ou seja, o geral. As opiniões dos alunos divergem das concepções de Calvino (1993), que comenta que a leitura das obras literárias são formas de ver como se construíram e como se caracterizaram as diferentes ideias de mundo e que chegam ao leitor pela magia da obra de arte literária.

Desse modo, percebe-se a importância de se estudar os textos de outras épocas, pois é assim que se conhece a identidade cultural de um povo, para construir e entender a sociedade presente. Não é um mero estudo, são conhecimentos, são fatos de um povo que constituem a história de uma civilização.

O que se depreende deste estudo é que as representações que os alunos têm sobre a Literatura são significações construídas e reconstruídas através da linguagem, como resultado de sua participação nas atividades sociais as quais pertencem. Ou seja, são maneiras socialmente construídas de perceber, configurar, compartilhar ou redimensionar suas relações socio-históricas com o outro e consigo mesmos.

Os alunos também responderam que a função da Literatura é:

A única função da Literatura é contar história.

Deve ter alguma função que eu não sei.

Observa-se, nas falas dos alunos, que a Literatura tem a função de contar história. Ela realmente conta histórias tendo como base a realidade, a qual é recriada pela ambiguidade da sua linguagem. Assim, quando o leitor lê estas histórias, elas o ajudam a produzir novas histórias, novas realidades. Conforme Eco (2003), durante a leitura da Literatura, o leitor pode até pensar que o texto é apenas uma história imaginária, mas nem por isso deve pensar que o escritor está contando mentiras. A Literatura suscita, mesmo sem a

percepção do próprio leitor, fatos de sua vida e o ajuda a refletir sobre eles, vivenciando-os novamente.

Contudo, contar histórias não é a única função da Literatura, tal como foi comentado pelos alunos. Desde a antiguidade, Aristóteles enaltecia as funções da Literatura que, em seu conjunto, são: função estética (arte da palavra e expressão do belo), lúdica (provocar um prazer), cognitiva (forma de conhecimento de uma realidade), catártica (purificação dos sentimentos) e, por último, pragmática (pregação de uma ideologia) (SOUZA, 1986).

Quanto à fala do aluno sobre a Literatura ter alguma função que ele desconhece, presume-se que a escola não tem mostrado quais são essas funções e sua utilidade. Gostaríamos de elencar algumas destas funções, iniciando pela função estética, que desempenha o papel de tornar o ato de escrever literário diferente dos outros. A função estética, muitas vezes, ocorre pelo estranhamento causado no leitor após a leitura de uma obra literária.

Já a função lúdica ocorre por meio de um jogo entre o emissor e receptor, no qual a leitura é feita por prazer e até mesmo como um passatempo. Se o leitor apreender o texto de forma totalizante, logo serão abertas perspectivas para a função cognitiva, na qual é produzido o conhecimento, que é passado ao leitor, através da leitura, que o incorpora no seu cotidiano.

Percebe-se que a obra literária, além de despertar o leitor para o conhecimento do mundo, também o desperta para a catarse, como já apontava Aristóteles, provocando a purificação dos seus sentimentos. O efeito catártico faz também com que o leitor avalie os valores referentes à vida e às ideologias propagadas pela humanidade.

Em relação à pergunta 'Você gosta de Literatura', chamamos a atenção para as respostas que associam Literatura, leitura e obrigação. De acordo com os alunos, Literatura está associada à sua vontade de ter autonomia na escolha da leitura literária e ao seu caráter não obrigatório. Isso pode ser evidenciado com as seguintes falas dos alunos:

Sim, mas por vontade própria, não por obrigação.

Sim, mas não gosto de ser obrigado a ler peça teatral.

Depende, ler forçado não é uma boa experiência.

Não. Porque por todas as escolas que estudei, todas me forçaram a ler.

Não. Só leio obrigado pela escola.

Não gosto de ser obrigado a ler.

Não gosto dela como obrigação. É muito mais prazeroso quando lemos sem sermos obrigados.

Observou-se, na seção 4.2.5, que a maioria dos alunos respondeu que “gosta, mas gostaria de ler por vontade própria e não por obrigação”. Diante das respostas, acredita-se que os alunos gostam de Literatura, porém por causa da imposição, a leitura literária fica comprometida. O aluno não consegue usufruir do prazer e dos benefícios que a leitura de uma obra literária podem lhe proporcionar, conforme já comentado anteriormente sobre a obrigatoriedade da leitura literária enfatizada por Barthes (2010).

Percebe-se que os alunos estão insatisfeitos com a exigência da leitura, que os afasta cada vez mais da Literatura, pois a Literatura deve ser vista como um direito de todos e não como um dever, como obrigação escolar. Nesse contexto, a escola, mais uma vez, tem um papel importante. Ao invés de proporcionar uma relação criadora, mais produtiva, que leve o indivíduo ao contato íntimo e ao prazer da leitura, acaba afastando-o e provocando reclamações pela forma como a disciplina está sendo ministrada. Assim, percebe-se a necessidade de reflexões constantes sobre o ato de lecionar esse conteúdo, no intuito de permitir que docentes e discentes respondam criticamente à indagação dos motivos e da utilidade de se estudar Literatura.

Pensa-se que um dos sintomas da crise do ensino de Literatura é a falta de leitura por parte dos estudantes. Essa lacuna acarreta a não assimilação da norma linguística, impedindo o entendimento dos textos literários. O desinteresse pela matéria escrita dificulta a continuidade do processo de leitura e, portanto, a aquisição do saber, comprometendo a atuação do aluno dentro e, principalmente, fora da escola.

Presume-se que compete também à escola a responsabilidade pela formação do leitor. Ao lado das políticas públicas de incentivo à leitura e dos investimentos na melhoria das bibliotecas públicas, a execução dessa tarefa

depende de se conceber a leitura numa atividade prazerosa, propiciadora de uma experiência única com o texto literário, constituindo-se uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade, sem perder de vista sua subjetividade e sua história.

Esperamos que a escola não seja uma experiência sem valor, pois a leitura imposta faz com que o aluno aprenda apenas a memorizar os textos, ou seja, o ato de ler não tem nenhum sentido, apenas decifração de símbolos. Assim, paralisa a criatividade, a possibilidade e a capacidade de descobrir. O repertório cultural não se constitui somente do que os professores trazem, mas igualmente do que cada aluno propõe, pois cada indivíduo deve ser considerado ativo na construção de seus conhecimentos e de sua cultura.

Acreditamos que, sem a possibilidade de usufruir da leitura, o indivíduo fica limitado, já que tem mais dificuldade de entender o mundo e as contradições dos conflitos humanos. Seu mundo fica restrito ao cotidiano e sua busca de alternativa e se limita apenas a soluções corriqueiras, ou seja, ao senso comum.

Assim, a leitura literária, vista como uma prática social, possibilita ao indivíduo a compreensão do próprio conceito de Literatura e de como ela circula na sociedade, entendendo as relações sociais e, mais ainda, a se perceber como parte da humanidade.

Quando os alunos falam que é muito mais prazeroso ler sem serem obrigados, indubitavelmente concordamos com a postura deles, a leitura deve vir ao encontro do atendimento dos interesses e das necessidades do leitor, representando sua maneira de ser e de ver as coisas, pois, no momento em que o leitor, usando sua liberdade, decide entrar no jogo da leitura, ele terá necessariamente de seguir as regras deste jogo, descobrindo e interpretando as pistas que o texto lhe proporciona. Ele participa do jogo de descobertas de novas ideias, novas formas, novas linguagens, por ser uma atividade que lhe suscita prazer. Assim, essa experiência prazerosa e lúdica pode se transformar em hábito.

Um segundo bloco de respostas para a questão sobre o gosto pela Literatura está associado às opções disponíveis que os alunos têm no mundo moderno, quando eles falam que:

Não, gosto de Literatura, tem coisa mais interessante.

Gosto de Literatura. Mas no mundo em que vivemos, com tantas opções de entretenimentos, por exemplo, a internet, os eletrônicos, acaba faltando tempo para a leitura.

Nota-se nesta fala do aluno que a Literatura não é uma opção de interesse na sua vida. Nesse caso, não se pode impor a leitura da Literatura, pois se tornaria uma tarefa desconfortante, ao invés de satisfatória. A leitura é uma atividade bastante completa, na qual o leitor expande as fronteiras do conhecido, absorvendo-o através da imaginação e decifrando-o por meio do intelecto. Portanto, é uma atividade raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial.

Com relação à resposta dos alunos sobre “gostar de Literatura, mas com tantas opções de entretenimentos, por exemplo, a *internet*, falta tempo para a leitura”, compreendemos que, a sociedade de consumo imediato e de menor esforço na qual os jovens estão inseridos apresenta-se como algo conflitante com a proposta de pausa exigida pela leitura. O ato de ler requer concentração, a fim de levar a reflexões e questionamentos, atitude fundamental para que o homem desenvolva suas potencialidades frente à vida. Essa opinião dos alunos é semelhante ao argumento de Bosi (2002), quando fala sobre o advento da cultura de massas e seus benefícios ou pseudobenefícios, ou seja, a Literatura está passando por uma crise, ocasionada, de um lado, por estratégias de ensino inadequadas e, de outro, pelo processo de massificação cultural. O prazer ou terror da desmaterialização da Literatura pela imagem visual vem passando por uma mudança, na qual um capítulo de um livro se transforma em uma cena de cinco minutos.

Entendemos que, num mundo com tantas opções, como jogos eletrônicos, celular, *ipod*, que facilitam a comunicação entre os jovens, ler um livro acaba sendo uma opção menos interessante. Pode-se encontrar prazer e diversão quando se lê, mas a leitura não deve ser um dever e sim um prazer. Contudo, é necessária a atuação do professor em mostrar para os alunos que a leitura não se constitui em rigor e severidade que precisam ser cumpridos.

O terceiro bloco de respostas está relacionado à leitura, Literatura e ensino da Literatura, conforme as respostas a seguir:

Sim, porque adoro ler.

Sim, pois amo Literatura.

Sim, gosto dos livros e não da matéria.

Não gosto da aula, gosto de ler os livros de Literatura.

Não gosto de Literatura, principalmente como ela é ensinada.

Não. Pois não vejo nada inovador na forma como é ensinada.

Gosto de ler e não da matéria, ou seja, a história da Literatura.

Sim. Gosto no sentido de possuir minha própria interpretação daquilo que leio.

Gosto muito, acredito que a leitura de um livro, vale muito mais do que uma seção de terapia.

Quando esses alunos falam que adoram Literatura, isso é muito gratificante, pois demonstra que a escola, a família, o meio social e econômico podem ter contribuído no incentivo à leitura literária para eles. Além, disso, na sala de aula, o professor é a pessoa indicada para ajudar a despertar, estimular e motivá-los a ler. Porém, é preciso que o professor seja um leitor assíduo e demonstre interesse em promover a leitura. Sabe-se que há escassez de tempo, baixos salários, ou seja, há vários fatores que desmotivam os professores a realizarem seu trabalho. Nada obstante, é necessário que ele disponibilize um pouco do seu tempo para ouvir o que os alunos têm a dizer, investigar os temas de interesse deles, levar em consideração a faixa etária, o sexo e o grau de letramento desses futuros leitores, isto é, o perfil da turma.

Imaginamos que todos os esforços são válidos para incentivar a leitura da Literatura na escola, porém nenhum é tão significativo quanto o papel atribuído ao professor. Reforçando esse comentário, Chartier (1996, p.232), argumenta que “[...] ao abordamos uma prática cultural qualquer, é muito importante interrogarmos a nós mesmos, enquanto praticante dessa prática”.

Por outro lado, outros alunos responderam que não gostam de Literatura, principalmente em virtude da forma pela qual é ensinada. Novamente vale ressaltar o papel fundamental atribuído à escola na formação de leitores. Logo, a escola, através da leitura, contribui para a compreensão do mundo e para a formação do ser humano. Porém, é fundamental que a escola

leve em consideração as escolhas de leituras dos alunos e tente focar a aula nos textos literários, ao invés de na história da Literatura.

Quando a aluna fala que a “leitura de um livro vale mais que uma sessão de terapia”, acreditamos que a leitura de um livro pode levar o leitor a refletir sobre a vida, a se identificar com as personagens dos textos, causando uma integração ao universo vivencial destas personagens e levando ao autoconhecimento. Essa integração faz com que o leitor incorpore a realidade da obra às suas próprias experiências pessoais. A leitura consola, acalma, inquieta, desaloja o leitor, pois aciona seus registros traumáticos mais obscuros. Ela reconduz cada um a sua essência, seu íntimo, centro do desconhecido e é terapêutica, porque as representações oferecidas despertam o oculto e o ignorado, fazendo ressurgir partes de histórias, fragmentos de memórias e sensações esquecidas. Isso retoma as ideias de Todorov (2009), quando este autor argumenta que a Literatura possui um poder incrível sobre o ser humano. Ela pode estender a mão quando se está profundamente deprimido, tornando-o ainda mais próximo dos outros seres humanos, fazendo compreender melhor o mundo e ajudando a viver. Não que ela seja uma técnica de cuidados para com a alma, porém, é revelação do mundo e pode, também, em seu percurso, transformar o indivíduo, pois faz viver.

Uma parcela significativa de alunos respondeu que não gosta de ler nem de Literatura, principalmente da leitura dos clássicos e da maneira como a aula é ministrada. Vejamos algumas respostas:

Não, pois não gosto de ler.

Não, pois não gosto de Literatura.

Não, odeio Literatura, porque sou obrigado a saber as escolas literárias, tipo, barroco, romantismo, realismo..

Não gosto. Também não entendo para que estudá-la e pra que saber qual escola determinado autor pertence.
Sinceramente eu acho que Literatura não agrada a maioria do Ensino Médio de todo país.

Não. Acho que ela não tem nenhuma utilidade na vida prática.

Não gosto de Literatura, pois ela só faz relação com coisas desnecessárias.

Não. Não vejo utilidade em estudar coisas do passado que não irão alterar nada no meu futuro.

Não. Não vejo utilidade em se estudar coisas do passado que não alterarão em nada nem irá influenciar no meu futuro. Vejo-a como algo que irá cair no vestibular.

Não. Porque a Literatura que eu tenho contato, aquela apresentada na escola, não chama minha atenção.

Não gosto da parte técnica e dos decorebas (o que é sonetos, verbos decassílabos).

Não gosto de ler os clássicos, gosto dos contemporâneos, porque os clássicos têm uma linguagem muito difícil, e sempre preciso parar a leitura para procurar palavras difíceis, atrapalhando a leitura.

Observa-se, pelas respostas dos alunos, total desinteresse pela leitura e pela a Literatura, e isso é preocupante. Estas falas também reiteram o que já foi discutido anteriormente, ou seja, quem foi incentivado a ler desde a infância foram os que mais leram livros durante o semestre e que responderam que amam Literatura, pois o universo das leituras de cada um, acompanhando cada etapa do seu desenvolvimento, é que faz a grande e visível diferença.

Apesar de entendermos que a formação do leitor envolve outros fatores, acreditamos que a escola tem falhado na condução do processo concernente à formação do leitor. Ela não tem conseguido mostrar ao aluno a beleza, a magia, o prazer, a satisfação da leitura literária e também que esta desconcerta, incomoda, desaloja, desnorteia, porque a leitura faz apelo às emoções e à empatia do ser humano, libertando-o das formas convencionais de pensar a vida. O aluno não consegue perceber a leitura como uma atividade gratificante e significativa em sua vida e, por isso, não se interessa por ela.

Ademais, por meio das falas dos alunos, percebe-se que a Literatura poderia ter importância para eles, se fosse trabalhada de outra forma. Ou seja, se o professor priorizasse a leitura das obras literárias, talvez despertasse no aluno interesse e gosto pela Literatura. Além disso, acreditamos que uma educação transformadora e humanizante passa necessariamente pela prática da leitura e a Literatura tem a mais rica, eficaz e gratificante contribuição a dar na busca desse objetivo.

Depreende-se disso que é a partir da leitura que o indivíduo pode ampliar e aprofundar a compreensão de mundo. Dentro dessa perspectiva, a leitura assume um papel relevante à medida que pode se tornar a principal

intermediária entre leitor e mundo. Portanto, segundo Frantz (2005), a escola tem um compromisso maior, que é propiciar ao sujeito o desenvolvimento da sua capacidade de leitura do mundo. Assim, uma educação que se queira libertadora, humanizante e transformadora passa, necessariamente, pelo caminho da leitura.

Quando os alunos falam que a Literatura não tem nenhuma utilidade na vida prática, novamente esta está sendo associada a valores materiais. Sabe-se que a sociedade consome não só bens materiais, mas ideias, valores e comportamentos. Para reverter essa situação é necessário que o indivíduo seja capaz de desvelar o sentido de uma obra literária, compreendendo as intenções subjacentes a ela, possibilitando, a partir da reflexão do texto, que ele se torne sujeito da sua história. Este é o papel principal da Literatura.

Quanto à questão de não gostar dos clássicos, as opiniões dos alunos divergem das concepções de Calvino (1993, p.12), pois este autor propõe que “[...] a leitura de um clássico deve oferecer-nos alguma surpresa em relação à imagem que dele tínhamos”. Não se deve pensar que a leitura da Literatura clássica deve ser lida porque serve para qualquer coisa. Ler os clássicos é melhor que não lê-los. Ainda segundo o autor, a leitura de um livro pode estabelecer uma relação igualmente forte de oposição, de antítese com seu leitor, isto é, para Calvino (1993, p.13), “[...] o seu clássico é aquele que não pode ser-lhe indiferente e que serve para definir a você próprio em relação e talvez em contraste com ele”.

Os alunos afirmaram que não gostam de ler os clássicos pelo fato de estes apresentarem uma linguagem muito difícil. Portanto, espera-se que o professor, como mediador, na medida do possível, leia o texto para o aluno na tentativa de aproximá-lo o máximo possível da leitura.

Continuando na defesa da leitura dos clássicos, Calvino (1993, p. 13) argumenta que “[...] é clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível”, isto é, os clássicos são inesquecíveis, porque são livros cujos efeitos não se esgotam na primeira, na segunda, nem na terceira leitura e, por isso, sempre podem ser relidos. O oposto acontece com a Literatura de consumo, já que esta se esgota nos efeitos que produz ou por outra, uma vez lida, perde-se o interesse.

Percebe-se a importância de criar práticas pedagógicas que misturem o repertório de interesse e de experiência de leitura do aluno com aqueles textos considerados clássicos por outras gerações, mostrando-lhes que a leitura atualiza os sentidos do texto e, assim, os temas humanos e universais serão sempre contemporâneos. Mesmo sabendo que vivemos num país repleto de contrastes, em que a maioria das pessoas valoriza a futilidade, é possível mostrar a importância das leituras dos clássicos, pois eles são livros com um vasto repertório cultural.

Pode parecer uma posição conservadora, entretanto, se considerarmos que os clássicos figuram como referência de determinada cultura (por acaso, a nossa), deve ser permitido aos alunos o conhecimento de sua própria tradição cultural, assim como a de outras culturas. Igualmente, não se está defendendo os clássicos, mas apenas permitindo o acesso a eles. Acreditamos que os clássicos não são imóveis e sagrados, porém estão sujeitos a transformações, em nome de valores que mudam segundo as épocas e que é preciso sempre revisar, reformular, reinventar, por meio de um juízo reflexivo e da busca de um consenso ampliado.

Quando os alunos respondem que “Não gosto de Literatura, principalmente como ela é ensinada”, “Não gosto, ela só faz relação com coisas desnecessárias”, “Não gosto, pois não vejo nada inovador na forma como é ensinada”, “Não gosto porque a Literatura que eu tenho contato, aquela apresentada na escola, não chama minha atenção”, estas respostas retomam a proposta de Rocco (1989), que propõe um trabalho com Literatura que garanta a possibilidade de um contato contínuo do aluno com o texto literário, sendo esta condição essencial para que ocorra a leitura. Contudo, segundo a autora, é fundamental que o professor crie estratégias para trabalhar com os textos literários, aproximando-os da realidade dos alunos, ou seja, estabelecendo mediações entre leitor e Literatura.

Entendemos que um dos principais objetivos da escola é a instrumentalização do aluno para que ele possa ter acesso ao acervo científico e cultural da humanidade. Todo esse conhecimento só é adquirido por meio da leitura, sendo ela a mediadora entre o leitor e o mundo. Porém, na ótica de Kleiman (1956), infelizmente poucos professores ensinam aos seus alunos

como construir a interação entre obra e leitor, dando ênfase apenas aos elementos formais do conteúdo informativo, visto que o texto lido deve fazer sentido para quem lê, uma vez que a leitura não é um processo passivo e sim interativo, no qual o leitor interage, a todo o momento, com o texto.

Destarte, a leitura de textos literários deveria ser prioridade na escola, pois a Literatura, ao transformar a experiência leitora em experiência de vida, promove uma vivência única de inclusão pela arte e prepara para um mundo excludente. Na possibilidade de transformar o sujeito que lê, a Literatura assume, ainda, relevante função de favorecer o seu avanço escolar e social.

O texto literário deve, ainda, servir como importante recurso/modelo a ser explorado, não para ensinar e explicitar as regras da língua, mas para desenvolver o gosto pela leitura como importante modelo linguístico. A Literatura deverá instaurar um mundo pleno de significado, conhecimento e prazer.

Sabe-se que os educadores são unânimes em afirmarem que a escola precisa promover o prazer da leitura, porém convém salientar que o prazer é algo muito pessoal, subjetivo, próprio de cada ser humano. Portanto, a escola não deveria impor suas escolhas de leituras e sim levar em consideração o gosto, o desejo dos alunos. Conforme afirma Chiapinni (2005, p.91), “ler é sobretudo desejar”.

Além das respostas explicitadas anteriormente, observemos outras respostas de alguns alunos:

Não gosto de Literatura, mas tenho vontade de aprender a gostar. Já li livros que gostei e acredito que isso me ajude a mudar o meu conceito sobre Literatura.

Não gosto de Literatura, mas gostaria de aprender gostar devido a sua enorme importância para a minha vida.

Com relação às respostas acima, Presume-se que está faltando estímulo da escola na aproximação entre Literatura e aluno, a fim de que este venha a gostar e se interessar por essa disciplina. Entendemos que as respostas dos alunos nos chegam como um apelo. Do mesmo modo, espera-se que o professor-leitor, a partir de seu conhecimento amplo do acervo da

Literatura disponível e de seu testemunho de amor pelo livro, possa ajudar seu aluno a também estabelecer laços afetivos com a leitura literária.

Espera-se que a função do professor não seja precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o aluno realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, de acordo com as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. O papel que assume o professor diante da leitura é um diálogo aluno-texto.

A importância do trabalho do professor com a leitura consiste, acima de tudo, em auxiliar no “[...] emergir do deciframento e da compreensão do texto, por meio do estímulo à verbalização da leitura procedida, auxiliando o aluno na percepção dos temas e seres humanos que afloram em meio à trama ficcional” (ZILBERMAN, 1982, p.24). Isso significa percorrer o caminho que vai da simples recepção do texto à sua compreensão, para se chegar a uma postura crítica diante dele.

Posto isto, diante das respostas do corpo discente entrevistado no Colégio de Aplicação CAP/COLUNI, depreende-se que esses alunos representam uma “comunidade interpretativa”, na opinião de Fish (1980), pois as instituições que fazem parte da “comunidade interpretativa literária” são os professores universitários, críticos literários, mercado editorial e a escola, com seus professores e alunos. Dessa forma, na concepção deste autor, é o leitor que faz a Literatura, porém esta não é uma opção individual do leitor, já que ele não se desvencilha de suas próprias histórias, ou seja, de suas vivências e das influências sofridas ao longo da sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na concepção de Jodelet (1986), as representações sociais são pensamentos gerados pela coletividade, ou seja, são indivíduos pensantes, não são apenas processadores de informações, nem meros portadores de ideologias ou crenças coletivas, mas pensadores ativos que, mediante inúmeros episódios cotidianos de interação social, produzem e comunicam incessantemente suas próprias representações e soluções específicas para as questões cotidianas.

Nesse sentido, esta pesquisa, que teve como objetivo verificar a representação e a função que a Literatura assume no Colégio de Aplicação CAP/Coluni, na Universidade Federal de Viçosa – MG, colocou em cena a voz de alunos que estão inseridos no contexto da cultura de massa e vivem os atrativos da tecnologia. Essas características, muitas vezes, têm sido vistas como as causas da falta de contato dos jovens com o texto literário e o desinteresse dos mesmos pela leitura.

No entanto, a pesquisa mostrou que os alunos expressam suas opiniões sobre a representação da Literatura de diversas formas, baseadas em suas vivências, confirmando ser a escola o principal espaço social de contato com a Literatura.

Em razão disso, a escola recebe uma atenção especial e a sala de aula, como espaço de interação e construção do conhecimento, precisa ser otimizada quando se pensa no contato do texto literário com os alunos. Entendemos que a leitura literária na escola, além de ampliar o conhecimento e formar cidadãos críticos, também possibilita a instrumentalização do leitor para outras leituras.

Assim, as representações que os alunos têm sobre a Literatura podem parecer grosseiras e agressivas e, quando lidas pela primeira vez, podem causar aversão para quem ama e convive com algo tão valioso como é a Literatura. Mas está exatamente nesse desconforto a sinalização mais importante que permite a nós, professores, reflexões acerca de um pensamento ingênuo de que todos amam a Literatura e de que ela, por si só, já basta. Ademais, as respostas expressam diferentes opiniões, além de

sinalizarem que a Literatura não é um assunto de consenso, não são todas as pessoas que a consideram como salvadora da humanidade. Pelo contrário, a representação ou representações dos alunos são válidas e pertinentes, na medida em que nos levam a pensar nos fatores que envolvem esse campo do conhecimento humano que, às vezes, é defendido por nós, professores, de forma simplista, querendo impor a todos a ideia de que Literatura é a melhor coisa do mundo e desejando, com isso, que o aluno repita esse discurso, mas não experimente, por meio do contato direto com o texto literário, as 'maravilhas e decepções' que a Literatura expõe.

Considerando-se essa problemática, pensamos que a pesquisa atingiu seu objetivo, pois as falas dos alunos são balizadoras para avaliarmos as nossas práticas pedagógicas que ainda vislumbram um leitor ideal, aos moldes de contextos antigos. Além disso, a pesquisa também ressaltou o interesse pelo tema que surgiu da necessidade de conhecer, discutir e tentar significar a representação da Literatura na contemporaneidade, mais especificamente no espaço escolar, tendo em vista que, para a realidade brasileira, o contato com os textos literários ainda é privilégio de poucos.

Servindo-nos do aporte teórico fundamentado na Estética da Recepção, a pesquisa levou em conta a figura do aluno/leitor que necessita ser o foco de atenção para reforçar a formação e construção do sujeito leitor. Para a Estética da Recepção, o leitor é considerado a partir de sua existência histórica. Durante a leitura, ele concretiza a obra literária, atribuindo-lhe significados, que partem da sua experiência individual e das influências culturais, sociais e históricas. Nessa mesma direção, procuramos construir a representação da Literatura de uma determinada comunidade, visualizando que os conceitos são formulados de acordo com o contato e com as vivências com o objeto literário.

Analiticamente, utilizou-se a estatística descritiva como ferramenta para sintetizar os dados compilados dos estudantes, permitindo avaliar as características socioeconômicas e culturais, além das avaliações qualitativas acerca da representação e da função da Literatura na visão dos estudantes, comparando-as com as teorias de alguns autores nacionais e internacionais.

A pesquisa constatou que não há consenso nos pontos de vista concernentes à representação, à função e ao gosto por Literatura, o que reforça a ideia de mobilidade, continuidade e dinamismo dessa expressão humana. Isso nos coloca de frente com a problemática de trabalharmos apenas um conceito sobre Literatura, fechando e reduzindo a sua pluralidade.

Verificamos que ainda há muitas definições comuns que, ao longo do tempo, são recorrentes quando se trata de Literatura, por exemplo, quando eles expressam que Literatura é “algo para viajar em mundos imaginários”, ou seja, uma forma de fugir da realidade. A leitura os induz a se deslocarem do seu mundo para o mundo do texto, estabelecendo um vínculo dinâmico entre ficção e realidade. A Literatura provocou esse devaneio, fazendo com que os alunos ficassem imersos no pensamento e se deslocassem para aventuras em outros cenários, diferentes do seu habitual.

Evidenciamos, também, a relação que os alunos fizeram entre Literatura e ‘leitura’. Para eles, a Literatura está relacionada à prática da leitura de textos literários. Esta relação, mais uma vez, coloca-nos em posição de defender o contato direto dos alunos com o texto literário. É preciso entender que as políticas públicas de acesso à Literatura são incipientes e, portanto, ler Literatura, interpretar textos literários dentro de sala de aula deve e pode ser uma atividade escolar eficiente.

Acreditamos que a aproximação do aluno com o texto literário fará com que ele perceba que a prática de leitura melhora seus conhecimentos, expande sua experiência e sua compreensão do mundo no qual está inserido. O ato da leitura, além de ser um exercício sobre a escrita dos outros, ou seja, um encontro com a alteridade, é também uma forma de conhecer-se, inscrever-se no mundo, elaborando interpretações, dando-lhe sentido e significado.

Observamos que, para os alunos, a Literatura está intrinsecamente ligada à leitura, mas àquela leitura prazerosa, de entrega total, procurando decifrar os enigmas do texto, numa total interação entre leitor e texto. Por isso, deve-se levar em consideração todo seu repertório cultural, propiciando condições necessárias para que eles experimentem o prazer estético da leitura literária.

Contudo, por meio das falas dos alunos, observamos que a imposição e a insistência na leitura obrigatória dos livros podem transformar a leitura, que deveria ser um prazer, num desagradável dever e, assim, percorrer o caminho inverso na formação de leitores, afastando-os dos livros ao invés de aproximá-los. A leitura deve ser vista como ato emancipatório que ultrapassa os limites da escola, permitindo ao leitor a continuidade e o aprofundamento do seu conhecimento do mundo além do período de escolaridade.

Ressaltamos que o ato da leitura deve ser um ponto de encontro entre o texto e o leitor, promovendo reflexões sobre a realidade. Esse exercício não deve ser mecânico, como uma tarefa escolar obrigatória, mas uma atividade prazerosa, que desperte no aluno o amor pela Literatura. Presume-se, no entanto, que o aluno lê as obras literárias para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo.

Pontuamos, igualmente, que os alunos relacionaram a Literatura ao “uso da linguagem”. Assim, é na Literatura como linguagem e instituição que se expressam os diferentes sentimentos, imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos, através dos quais uma sociedade exprime e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos e suas utopias. Os sentimentos expressados pela leitura das obras literárias são de ordem particular, subjetiva, fazendo apelo às emoções e à empatia do ser humano.

Por outro lado, observamos que alguns alunos consideram a Literatura como algo “desnecessário” e “inútil”. Diante dessas falas, nos é colocado o desafio de trabalhar e estudar o campo do conhecimento humano dentro de um contexto no qual a produção, o lucro e o dinheiro são elementos importantes, em detrimento da expressão artística, cultural e humanística. Mas esta é a realidade que nos apresenta. O que talvez possa acontecer é tentar mostrar para os alunos que a Literatura é um instrumento que nos faz conscientes desse processo. É sintomático que a fala do aluno venha refletir o contexto utilitarista e pragmático no qual vivemos. Para o aluno, Literatura não deixa ninguém rico financeiramente. Contudo, estamos aqui falando de valores, um legado que a Literatura nos deixa. Cultura, sensibilidade, formação de

conhecimentos abrangentes, arte não são sinônimos de riqueza material, mas sim de outros valores imateriais.

No tocante à função da Literatura, verificamos que os alunos entendem que a Literatura tem a função de “compreender o mundo” e “mostrar novas realidades”. Acreditamos que a função social da Literatura é ajudar o homem a compreender o mundo e, assim, emancipar-se dos preceitos que a sociedade lhe impõe. A obra literária é um objeto vivo, resultado das relações dinâmicas entre escritor, público e sociedade.

Do mesmo modo, a leitura literária deveria ser prioridade na escola, pois a Literatura, ao transformar a experiência leitora em experiência de vida, promove uma vivência única de inclusão pela arte e prepara para o mundo. Na possibilidade de transformar o sujeito que lê, a Literatura assume, ainda, relevante função de favorecer o seu avanço escolar e social.

Posto isso, podemos inferir nesta pesquisa que não são somente as teorias científicas, ou seja, as teorias discutidas principalmente na academia que forjam e auxiliam a definição ou a busca de definição do que seja Literatura. Os alunos do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI formularam seus conceitos de acordo com sua vivência e o repertório disponibilizado para eles. Sendo assim, devemos valorizar o que os alunos pensam sem querer que eles ponderem como as ideologias vinculadas à educação ou aos estereótipos que são repetidos a todo o momento no currículo tradicional.

A representação que a escola e a sociedade têm sobre Literatura é algo sagrado e intocável, deixando de mostrar que o conceito de Literatura deve e tem que ser ampliado, porque outros elementos são articulados a essa expressão humana. Portanto, observamos pontos de confluência importantes para orientar as nossas práticas pedagógicas, ao contrário de ficarmos saudosistas e nostálgicos, repetindo um discurso de que o passado foi melhor e até mesmo idealizando um ‘leitor modelo’.

Considerando-se as características de que os alunos do Colégio de Aplicação CAP/COLUNI possuem situação financeira privilegiada, acesso aos bens culturais, tempo disponível para apenas estudar, sem preocupação em trabalhar, já que os pais os mantêm, acreditamos que esses fatores contribuíram de forma decisiva na construção e reflexão sobre a função e

representação da Literatura, pois, em nenhum momento, eles ficaram constrangidos ou tímidos e muito menos repetiram o discurso do professor, criando seu próprio conceito de Literatura. Demonstraram total segurança nas suas respostas, questionando-as de forma crítica, evidenciando o quanto são esclarecidos e seguros no que concerne à representação, à função e ao gosto por Literatura.

Imaginamos que esta pesquisa aponta novos horizontes, mostrando a realidade das práticas pedagógicas que envolvem a Literatura, levando professores e estudiosos a repensarem suas práticas, porque a escola tem um papel fundamental a desempenhar, por meio da leitura literária, podendo contribuir para a compreensão do mundo e para a formação do ser humano. Porém, é fundamental que a escola leve em consideração as escolhas de leituras dos alunos, focando a aula nos textos literários, ao invés na história da Literatura e se disponibilizando a ouvir o que os alunos têm a dizer, investigar os temas de interesse deles, levar em consideração a faixa etária, sexo e o grau de letramento desses futuros leitores, enfim, observar o perfil do estudante. Assim, abrindo-se ao diálogo, para ouvir o que os alunos têm a dizer e, principalmente, respeitar suas opiniões e gostos, ao invés de chegar com discurso pronto, impondo conceitos preconcebidos de Literatura.

Por outro lado, o governo também tem o papel de formular políticas públicas educacionais, fomentando melhorias na educação, através de investimentos em bibliotecas públicas, laboratórios de informática, ou seja, investir no acesso democrático da arte, da Literatura, enfim, investir no sujeito leitor.

O que se depreende deste estudo é que as representações que os alunos têm sobre a Literatura são significações construídas e reconstruídas através da linguagem como resultado de sua participação nas atividades sociais as quais pertencem. Por conseguinte, devemos respeitar a fala do outro, mesmo que ela não esteja em sintonia com a nossa. Devemos ouvir a voz dos alunos, para ampliar as nossas visões e sairmos do acadêmico, dos bancos universitários, achando que somente os teóricos e nós sabemos o que é Literatura. Desçamos do pedestal, pois os alunos formam sua própria representação da Literatura.

Devemos encarar a realidade, pois nem todos acreditam na utilidade das obras literárias. Estamos inseridos num contexto capitalista e mercadológico, que nos impõe outras maneiras de viver. Mas isso nos deixa atentos para a questão de que nem todos compartilham com essas ideias, porém aqueles que escolhem a linguagem literária como objeto de estudo e de ensino devem encarar as suas complexidades e fugir das classificações simplistas e idealizadas. E, se queremos provar que a Literatura é algo bom e útil para o indivíduo, temos por obrigação experimentá-la, de forma intensa, ou seja, lendo bastante. O professor deve e tem que ser leitor, só assim alcançaremos nosso objetivo, qual seja, formar futuros leitores, sujeitos de sua própria história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, M. **Cultura letrada: Literatura e leitura.** São Paulo: UNESP, 2006. 125 p.
- AGUIAR E SILVA, V. M. **Teoria da Literatura.** 8. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1988. 711 p.
- AGUIAR, V. T.; BORDINI, M. G. **Literatura: a formação do leitor, alternativas metodológicas.** 2. ed. São Paulo: Mercado Aberto, 1993. 176 p.
- ARAÚJO, A. O.; OLIVEIRA, M. C. **Tipos de pesquisa.** Trabalho de conclusão da disciplina Metodologia de pesquisa Aplicada a Contabilidade – Departamento de Controladoria e Contabilidade da USP. São Paulo, 1997. Mimeografia. 326 p.
- ARISTÓTELES. **Poética.** São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores). 198 p.
- BARTHES, R. **O rumor da língua.** São Paulo: Martins Fontes, 1978. 462 p.
- _____. **Aula.** Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007. 95 p.
- _____. **O prazer do texto.** 5 ed. São Paulo: perspectiva, 2010. 78 p.
- BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Orgs.). **Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas.** 3. ed. Maringá: Eduem, 2009. 406 p.
- BOSI, A. Os estudos literários na Era dos Extremos. In:_____. **Literatura e resistência.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 248-256.
- BOURDIEU, P. **Leitura, leitores, letrados, Literatura.** São Paulo: Brasiliense, 1990. 234 p.
- BOURDIEU, P. **Escritos de educação.** Petrópolis: Vozes, 1998. 250 p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, códigos e suas tecnologias.** Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2002. 244 p.
- CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio.** Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 144 p.
- _____. **Por que ler os clássicos?** São Paulo: Companhia das letras, 1993. 280 p.
- CAMPOS, H. **O sequestro do barroco na formação da Literatura brasileira: o caso Gregório Matos.** 2. ed. Salvador: FCJA, 1989. 128p.
- CÂNDIDO, A. A Literatura e a formação do homem. **Revista Ciência e cultura.** Vol. 24(9). São Paulo: USP, setembro de 1981. p. 803 – 809.

_____. **Introdução à formação da leitura brasileira**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. 283 p.

_____. A Literatura na evolução de uma comunidade. In: CÂNDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 7. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1985a. p. 139-167.

_____. O escritor e o público. In: CÂNDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 7. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1985b. p. 73-88.

_____. **Iniciação à Literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 1999. 98 p.

_____. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. 8. ed. São Paulo: Queroz, 2000. 193 p.

_____. A Literatura e a formação do homem. In: DANTAS, V. **Textos de Intervenção**. Bibliografia de Antonio Cândido / Textos de intervenção. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2002. 392 p.

CEREJA, W. R. **Ensino de Literatura**: uma proposta dialógica para o trabalho com Literatura. São Paulo: Atual, 2005. 207 p.

CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. 245 p.

_____. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, 5, n. 11. São Paulo. Jan/abr, 199.1 p. 173-191.

_____. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. 268 p.

_____. Crítica textual e história cultural: o texto e a voz, XVI-XVIII. **Leitura: teoria e prática**. Campinas: ALB; Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997, n.30. 96 p.

CHIAPPINI, L. **Reinvenção da catedral**: língua, Literatura, comunicação, novas tecnologias e políticas de ensino. São Paulo: Cortez, 2005. 335 p.

COLOMER, T. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. São Paulo: Global Editora, 2003. 452 p.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria**: Literatura e senso comum. Belo Horizonte: UFMG, 2001. 303 p.

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?**. Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. 57 p.

COUTINHO, A. **O ensino da Literatura**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1952. 62 p.

CRESPO, A. A. **Estatística fácil**. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 1996. 224 p.

_____. **Crítica e teoria literária**. Fortaleza: EUFC, 1987. 858 p.

CULLER, J. **Teoria da Literatura**: uma introdução. Tradução de Sandra V. T. Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999. 140 p.

DICIONÁRIO AURÉLIO. "**Novo Dicionário da Língua Portuguesa**". 2. ed.rev. e aum. (Aurélio Buarque de Holanda Ferreira). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, , 1986. 1838 p.

DURKHEIM, E. **Sociologia e filosofia**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Forence, 1976. 236 p.

DUVAL, R. **Analyse du fonctionnement cognitif**. Cours PUC/SP. São Paulo: Février, 1999. 72 p.

EAGLETON, T. **Teoria da Literatura**: uma introdução. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 248 p.

ESCARPIT, R. **Sociologia da Literatura**. Tradução de Ana Bela Monte; Carls A. Nunes. Lisboa: Editora Arcádia, 1969. 224 p.

ECO, U. **Semiótica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ática, 1981. 304 p.

_____. **Sobre a Literatura** – Ensaaios. Rio de Janeiro: Record, 2003. 308 p.

FRANCO, A. M. P. Os determinantes da qualidade da educação no Brasil. 2008. 146f. Tese (Doutorado em Educação) -. Departamento de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade Federal de São Paulo – USP. São Paulo, 2008.

FISH, S. **Is there a text in this class?** The authority of interpretative communities. Cambridge; Harvard UP, 1980. 394 p.

FRANTZ, M. H. Z. **O ensino da Literatura nas séries iniciais**. 4 ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. 120 p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1988. 206 p.

GOMES, A. C; VECHI, C. A. (Orgs.). **Introdução ao estudo da Literatura**. São Paulo: Atlas, 1991. 128 p.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 97 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>> Acessado em 23 de novembro de 2011.

ISER, W. **A literatura e o leitor: texto de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 203 p.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Trad. Izidoro Bliksteiu et al. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1971. 162 p.

JAUSS, H. R. et al. **A história da Literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994. 69 p.

JODELET, D. **La representación social: Fenómeno, Concepto e Teoria**. Psicología Social. Bueno Aires: Paidós, 1986. 340 p.

KLEIMAN, A. **Leitura: ensino e pesquisa**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1956. 203 p.

LAJOLO, M.. **O que é Literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1981 (Col. Primeiros Passos). 98 p.

_____. **O que é Literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1982. 101 p.

LANE, S. T. M. Usos e abusos do conceito de representação social. In: SPINK, Mary Jane. **O conhecimento do cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1993. p. 58-72.

LE GOFF, J. **Os intelectuais na Idade Média**. São Paulo: Brasiliense, 1995. 93 p.

LEITE, A. R.; JUSTO, W. R.; SILVA NETTO Jr., J. L. Análise dos determinantes intergeracionais de educação entre as regiões Nordeste e Sudeste. Fortaleza. Encontro Regional de Economia do Banco do Nordeste, 16. **Anais...** Fortaleza, BNB, 2011. 17 p.

LIMA, L. C. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 434 p.

MACHADO, R. **Foucault, a filosofia e a Literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. 187 p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. Disponível em <www.mec.gov.br>. Acessado em 18 de janeiro de 2012.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978. 256 p.

ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO – OCEM. Secretaria de Educação Básica. **Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2006. 82 p.

PERRONE-MOISÉS, L. **Altas Literaturas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 238 p.

_____. **Inútil poesia**. São Paulo: Editora Companhia das letras, 2000. 368 p.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008. 192 p.

POUND, E. **Abc da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1970. 218p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VIÇOSA – MG. Disponível em: <<http://www.vicosamg.gov.br>>. Acessado em 25 de dezembro de 2011.

ROCCO, M. T. F. O prazer possível: Literatura, leitura, escola. São Paulo: **Revista da Faculdade de Educação (USP)**, v. 2, n. 15, 1989, p. 123-131.

SAMUEL, Rogel (Org.). **Manual de teoria literária**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 200 p.

SANTOS, J. F.; OLIVEIRA, L. E. (Orgs.). **Literatura e Ensino**. Maceió: EDUFAL, 2008. 149 p.

SARAIVA, J. A. **Literatura e alfabetização**: do plano do choro ao plano da ação. Porto Alegre: Artmed, 2001. 238 p.

SARTRE, J-P. **O que é Literatura?** São Paulo: Ática, 2003. 231 p.

SILVA, T. T. **O currículo como fetiche**. Belo Horizonte: Autêntica. 1999. 117 p.

SIQUEIRA, E. M. A. Literatura e escola: reflexões acerca da formação literária dos alunos do Ensino Médio das escolas públicas estaduais de Viçosa. 2011. 111f. Dissertação (Mestrado em Letras), Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa - MG. Viçosa: UFV, 2011.

SOARES, M. Leitura e democracia cultural. In: PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). **Democratizando a leitura**: pesquisas e práticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 17-32.

SODRÉ, N. W. **História da Literatura brasileira**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1976. 596 p.

SOUZA, R. A.. **Teoria da Literatura**. São Paulo: Ática, 1986. 80 p.

TODOROV, T. **A Literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009. 96 p.

WELLEK, R.; WARREN, A. **Teoria da Literatura**. 5. ed. Lisboa: Europa América, 1987. 384 p.

YUNES, E. **A leitura e a formação do leitor**: questões culturais e pedagógicas. Rio de Janeiro: Ed. Antares, 1984. 70 p.

YUNES, E.; PONDÉ, G. **Leitura e leituras da Literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988. 152 p.

ZILBERMAN, R. **A Literatura infantil na escola**. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 1982. 104 p.

ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Orgs.). **Leitura**: perspectivas interdisciplinares. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995. 135 p.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA NO ENSINO MÉDIO: ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO CAP/COLUNI, EM VIÇOSA – MG

Maria de Lourdes Nogueira Brito
Orientadora: Elisa Cristina Lopes

- SEXO: FEMININO () MASCULINO ()
 - QUAL SERÁ A SUA IDADE NO FINAL DE 2011?
 - DE QUAL CIDADE VOCÊ É ORIUNDO (A)?
 - TAMANHO DA CIDADE QUE SEUS PAIS MORAM:
PEQUENA ()
MÉDIA ()
GRANDE ()
 - ONDE VOCÊ ESTUDOU ANTES DE INGRESSAR NO COLUNI?
ESCOLA PÚBLICA ()
ESCOLA PRIVADA ()
EM QUAL ESCOLA VOCÊ ESTUDOU?
-

- QUAL O GRAU DE ESCOLARIDADE DE SEUS PAIS?
ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO ()
ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO ()
ENSINO MÉDIO INCOMPLETO ()
ENSINO MÉDIO COMPLETO ()
ENSINO SUPERIOR ()

- QUAL É A RENDA DA SUA FAMÍLIA?
-

1. PARA VOCÊ, O QUE É LITERATURA?

2. EM SUA OPINIÃO, QUAL A FUNÇÃO DA LITERATURA? COMENTE.

3. A PARTIR DE QUE INSTANTE VOCÊ TEVE CONTATO COM TEXTOS LITERÁRIOS?

4. QUANTAS OBRAS LITERÁRIAS VOCÊ LEU NESTE SEMESTRE?

5. VOCÊ GOSTA DE LITERATURA? POR QUÊ?
